



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

SAMANTA BASSO

**ATRAVESSANDO SERTÕES: UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA DA FOME E
DO TRAUMA A PARTIR DA OBRA LITERÁRIA DE RODOLFO TEÓFILO**

FORTALEZA

2022

SAMANTA BASSO

ATRAVESSANDO SERTÕES: UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA DA FOME E DO
TRAUMA A PARTIR DA OBRA LITERÁRIA DE RODOLFO TEÓFILO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia. Área de concentração: Teorias e Práticas da Psicanálise.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Karla Patrícia Holanda Martins

FORTALEZA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

B323a Basso, Samanta.

Atravessando sertões: Uma abordagem psicanalítica da fome e do trauma a partir da obra literária de Rodolfo Teófilo / Samanta Basso. – 2022.

86 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Fortaleza, 2022.

Orientação: Profa. Dra. Karla Patrícia Holanda Martins.

1. psicanálise. 2. fome. 3. trauma. 4. literaturas de testemunho. 5. Rodolfo Teófilo. I. Título.

CDD 150

SAMANTA BASSO

**ATRAVESSANDO SERTÕES: UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA DA FOME E
DO TRAUMA A PARTIR DA OBRA LITERÁRIA DE RODOLFO TEÓFILO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia. Área de concentração: Teorias e Práticas da Psicanálise.

Aprovada em: 28/09/2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dr.^a. Karla Patrícia Holanda Martins (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Daniel Kupermann
Universidade de São Paulo (USP)

Prof. Dr. Fabiano Chagas Rabêlo
Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDpar)

Prof.^a. Dr.^a. Felícia Knobloch
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação não é fruto apenas dos movimentos trazidos pelas reflexões que a atividade de pesquisa exige. Ela traz também efeitos de movimentos geográficos e pessoais. Agradeço aos que estão sempre comigo e aos bons encontros que tive nesse percurso, que verdadeiramente abriram espaço para o inesperado, para a construção e reconstrução do meu olhar, assim como pela possibilidade de que eu imprimisse marca própria.

Agradeço à Karla Patrícia Holanda Martins, pela acolhida desde o primeiro contato, por me apresentar letras cearenses, pela generosidade, rigor e interlocução na orientação desta pesquisa, pela sensibilidade com que transmite a psicanálise dentro da Universidade.

Ao Daniel Kupermann e à Felicia Knobloch, por aceitarem participar da banca examinadora de qualificação e de defesa desta dissertação, pelas importantes contribuições e críticas feitas ao trabalho. Ao Fabiano Chagas Rabêlo, por aceitar participar da banca de defesa.

Ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, agradeço aos professores, às colegas de orientação e aos funcionários. Ainda, agradeço ao ensino brasileiro público, gratuito e de qualidade.

Aos meus pais e minha irmã, Marcos Antonio Basso, Eliane Aparecida Y Castro Basso e Morgana Basso, por tudo que aprendi com vocês, pelo incentivo desde os passos tímidos até os mais ousados, e por sustentarem comigo a saudade durante o período da pandemia.

Ao Omar Ardans (em memória), por ter transmitido o saber que se dá pelo encontro. À Adriane Roso, por ter me introduzido no campo da pesquisa. À Aline Jordão, pelas primeiras supervisões e pelo tempo no qual a sala de atendimentos foi compartilhada, aqueles anos reverberam na minha experiência com a psicanálise. Aos orientadores na especialização.

Às amigas de Sobradinho, por toda a cumplicidade. Aos amigos de Santa Maria, que me lembram que a cidade pôde até ser um lugar de passagem para muitos de nós, mas que laços importantes criados lá, permanecem. À boa vizinhança em Pau dos Ferros, pela gentileza. Aos amigos de Natal, pelos bons momentos compartilhados.

À Sabrina Schlemmer e Juninho Souza, por serem quem são e por aparelharem minha afilhada cantante Estela para gostar de passarinhos.

Ao Kariel Giarolo, meu amor e companheiro de vida, por caminharmos lado a lado, pelos lares que construimos nos Rios Grandes e pela história compartilhada que inventamos diariamente. Agradeço também às nossas companhias felinas, Hilda e Dora.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, pelo apoio financeiro a este trabalho.

RESUMO

Esta pesquisa trabalha, sob um ponto de vista psicanalítico, com a obra literária *A fome*, de Rodolfo Teófilo (1890). Considerada uma das obras pioneiras da literatura das secas do Nordeste, ela narra as consequências decorrentes da fome, da epidemia de varíola e das negligências dos governantes, vividas pelos retirantes cearenses durante a seca de 1877-1879. Conforme biógrafos do escritor, tal evento teria impactado sobremaneira a vida de Rodolfo Teófilo que, além de ser um homem de letras e da ciência, preocupava-se com a denúncia das corrupções do poder e das mazelas sociais. Assim, buscou-se, nesta dissertação, sustentar uma discussão do trauma gerado pela fome, como um trauma intencional, ou seja, que não está relacionado apenas às condições ou catástrofes naturais, mas à ação ou negligência de outros seres humanos. No primeiro capítulo, acompanham-se discussões basilares a respeito do trauma em Sigmund Freud e Sándor Ferenczi. Identificou-se, nas noções de pulsão de morte, irrepresentável, desmentido e clivagem, possibilidades para a articulação da metapsicologia psicanalítica com outros campos de saber, ressaltando os aspectos subjetivos envolvidos no trauma em experiências-limite, como a fome extrema. No segundo capítulo, discutiu-se a noção contemporânea de testemunho, que conserva o paradoxo entre a necessidade e a impossibilidade de narrar experiências traumáticas. Além disso, observou-se de que modo Rodolfo Teófilo ocupou-se de narrar essas experiências-limite, colocando-se como uma testemunha, além de buscar fazer frente e resistência ao contexto de desumanização que essas modalidades de sofrimento suscitaram. Assim, os seus registros e a sua literatura aparecem também como efeito dessas experiências-limite. Por fim, no terceiro capítulo, discutiu-se o modo como o enquadramento que o escritor imprimiu na escrita do livro possibilita uma leitura do texto como imagético e, para além desse enquadre, expõe também o caráter testemunhal de sua obra. O autor trabalhou para que sua obra se apresentasse como cartas endereçadas aos leitores, para que sejam testemunhas de seu testemunho sobre a fome. Permite, assim, que a cada leitura, sejam feitas novas aberturas, a depender da atualidade das questões que insistem em se presentificar na nossa cultura.

Palavras-chave: psicanálise; fome; trauma; literaturas de testemunho; Rodolfo Teófilo; clivagem.

ABSTRACT

With a psychoanalytic point of view, this thesis deals with the literary work *A fome* by Rodolfo Teófilo (1890). Considered one of the pioneering works on the droughts of the Northeast, it narrates the consequences of famine, the smallpox epidemic, and the negligence of the rulers experienced by migrants from Ceará during the drought of 1877-1879. According to the biographers of the author Rodolfo Teófilo, studying the droughts had a significant impact on his life. The author, a man of letters and science, was also concerned with denouncing the corruptions of power and social ills. This thesis sought to sustain a discussion of the trauma generated by famine as an intentional trauma related to natural conditions or catastrophes and the action or negligence of other human beings. The first chapter presents fundamental discussions about trauma in Sigmund Freud and Sándor Ferenczi. In the notions of the death drive, unrepresentable, denial, and cleavage, some options for articulating psychoanalytical metapsychology with other fields of knowledge were identified. Here, we highlight the subjective aspects involved in the trauma of limit-experiences, such as extreme hunger. The second chapter discusses the contemporary notion of testimony that preserves the paradox between the need and impossibility of narrating traumatic experiences. In addition, this chapter comments on how Rodolfo Teófilo described these limit-experiences, placing himself as a witness and seeking to face and resist the dehumanization that this suffering aroused. Hence, his records and literature are affected by these limit-experiences. Finally, in the third chapter, we discuss how the framework that the writer printed in the writing of the book allows a reading of the text as imagery. Beyond this framework, it also exposes the testimonial character of his work. The author worked to make his writing show as letters addressed to readers, so they would be witnesses to his testimony about famine. That allows new openings to be made at each reading, depending on the current issues that insist on being present in our culture.

Keywords: psychoanalysis; famine, trauma; testimonial literature; Rodolfo Teófilo; cleavage.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	CAMINHOS DE PESQUISA	15
3	EXPRESSÕES DO TRAUMÁTICO: DESENLACES DA FOME.....	21
3.1	(Des)enlaces da fome	22
3.2	O traumático: considerações de Freud à Ferenczi	25
3.3	Clivar-se diante de uma grande dor	30
3.4	Trauma intencional e a fome-tabu	33
4	TESTEMUNHAR, APESAR DE TUDO	39
4.1	Elementos biográficos de Rodolfo Teófilo: um testemunho da fome e da peste .	42
4.2	A violação: do corpo ao texto	46
4.3	Testemunho e teor testemunhal.....	49
5	ATRAVESSANDO SERTÕES.....	56
5.1	Escrita sob o sol do meio-dia	57
5.2	Escutar imagens	62
5.3	Sertão, fome e alteridade.....	66
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72
	REFERÊNCIAS	76

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa que resultou nesta dissertação teve início às vésperas da pandemia da COVID-19. No decorrer da escrita, ainda no primeiro ano de pandemia, estima-se que aumentou em 320 milhões o número de pessoas que não possuíam acesso à alimentação adequada, chegando a 2,37 bilhões de pessoas¹. Segundo a OXFAM (2021)², durante o período da pandemia, houve mais mortes mundialmente decorrentes da fome, do que em consequência do vírus da COVID-19. Outros indicadores alarmantes referem-se ao contexto brasileiro. Registrou-se, em 2021³, insegurança alimentar em 59,4% dos domicílios pesquisados no período da pandemia, de agosto a dezembro de 2020, admitindo-se, aqui, a soma das seguintes categorias: insegurança alimentar leve (31,7%), moderada (12,7%), e grave (15,0%). (GALINDO *et al.*, 2021).

Atualmente, 33,1 milhões de brasileiros⁴ encontram-se em situação de insegurança alimentar grave⁵, o que representa 15,5% da população brasileira atual. Em 2022, a fome atinge o mesmo número percentual de brasileiros que atingia no ano de 1992. Além disso, mais da metade da população brasileira (58,7%) passa fome ou cotidianamente preocupa-se com a possibilidade de não ter condição de alimentar-se no futuro (PENSSAN, 2022).

Esse cenário representa um retrocesso de grandes proporções para um país como o Brasil, que poucos anos antes havia saído do Mapa da Fome. A política de Estado, intitulada Fome Zero, que vinha sendo desenvolvida, era voltada à agricultura familiar e distribuição de alimentos para pessoas em situação de insegurança nutricional. Esta teve papel decisivo nos avanços do país no que diz respeito a uma política pública essencial de direito à alimentação para a população brasileira. A referida política, implementada no primeiro governo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, sucedeu a “Ação da Cidadania”, que tinha a atuação do

¹ Dados obtidos no relatório “*The State of Food Security and Nutrition in the World (SOFI)*”, que é publicado em conjunto pela Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), o Fundo Internacional para o Desenvolvimento Agrícola (Fida), o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), o Programa Mundial de Alimentos das Nações Unidas (PMA) e a Organização Mundial da Saúde (OMS).

² Disponível em: <https://www.oxfam.org/en/world-midst-hunger-pandemic-conflict-coronavirus-and-climate-crisis-threaten-push-millions>. Acesso em 22 maio, 2022.

³ Dados levantados pelo Grupo de Pesquisa Alimento para Justiça: Poder, Política e Desigualdades Alimentares na Bioeconomia, da *Freie Universität Berlin* (Alemanha), em parceria com pesquisadoras/es da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Universidade de Brasília (UnB).

⁴ Dados retirados do Segundo Inquérito Nacional Sobre Segurança Alimentar no Contexto da Pandemia Covid-19 no Brasil, realizado pela Rede PENSSAN – Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar (2022).

⁵ Insegurança alimentar grave, moderada e leve são categorias da Escala Brasileira de Insegurança Alimentar (EBIA). É o instrumento criado nos Estados Unidos e validado para uso no Brasil que objetiva a medição da insegurança alimentar nos domicílios brasileiros.

sociólogo Herbert de Souza, conhecido como Betinho. Trata-se de uma iniciativa não governamental, que posteriormente culminou no “Fome Zero”, em 2002. É preciso também lembrar a importância de dois programas presididos pela antropóloga e primeira-dama de Estado Ruth Cardoso: os programas Bolsa Alimentação e Bolsa Escola, criados em 1995.

No governo atual, 20 anos depois, o programa “Fome Zero” passou a ser chamado “Alimenta Brasil”. Sofreu drásticos cortes de verba, mesmo nesse contexto em que o número de pessoas passando fome no país cresce vertiginosamente. O programa chegou a ter 586 milhões do orçamento federal, em 2012, decrescendo, em 2021, para 58,9 milhões. Até maio de 2022, contava com apenas 89 mil. A gravidade da pandemia foi posta em dúvida pelo governo federal, no mesmo momento em que a própria pandemia é usada para justificar um Estado de emergência e cortes orçamentários como esse.

Entretanto, esses dados mostram uma realidade que existe não apenas pela pandemia. O retorno da fome já vinha acontecendo em nosso país e remonta a páginas infelizes de nossa história, desde a nossa colonização, aos dias de hoje. A fome, no Brasil, tem cor (65% dos lares comandados por pessoas pretas ou pardas convivem com restrição de alimentos em qualquer nível) e tem gênero (nas casas em que a mulher é a pessoa de referência, durante o período da pandemia, a fome passou de 11,2% para 19,3%). Enquanto nos lares que têm homens como responsáveis, a fome passou de 7,0% para 11,9%.⁶

Josué de Castro, há quase oitenta anos, já demonstrara que o problema da fome no Brasil se agrava quando não o reconhecemos, tornando-se uma espécie de tema tabu. Ao longo da nossa história escravagista e permeada por graves desigualdades, a experiência subjetiva da fome foi velada pelo silenciamento.

Conforme Josué de Castro explicita, no livro *Geografia da Fome* (1984), existem fatores ocultos que justificam a falta de publicações sobre a questão da fome, em diferentes abordagens. O autor também escreve que “foram os interesses e os preconceitos de ordem moral e de ordem política e econômica de nossa chamada civilização ocidental que tornaram a fome um tema proibido, ou pelo menos pouco aconselhável de ser abordado publicamente.” (CASTRO, 1984, p. 20).

Nesta pesquisa, nossa motivação inicial foi a de pensar os efeitos potencialmente traumáticos da experiência da fome. Essa inquietação perdurou no percurso de pesquisa⁷. O encontro com a obra literária *A fome* (1890/2011), do escritor cearense Rodolfo Teófilo

⁶ Dados retirados do Segundo Inquérito Nacional Sobre Segurança Alimentar no Contexto da Pandemia Covid-19 no Brasil, realizado pela Rede PENSSAN – Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar (2022).

⁷ Sobre esse percurso, detalharei mais na segunda seção desta pesquisa.

(1853-1932), assim como o próprio processo reflexivo frente à teoria psicanalítica, foi dando novos contornos às motivações iniciais.

Ao escrever sobre a fome torna-se imperioso considerar os atravessamentos de uma realidade de precariedade social que marca a vida psíquica dos indivíduos que a experimentam. Deste modo, o traumático não diz respeito apenas a uma dimensão individual, mas também coletiva, na medida em que, mesmo um trauma individual, insere-se em um contexto mais amplo, tornando possível a ruptura traumática a ser consumada (REIS, 2019). Dessa forma, a produção teórica de Sándor Ferenczi (1873-1933) auxiliou a discutir um trauma que se refere, não apenas a uma dimensão intrapsíquica, comumente pensado dentro da psicanálise, mas a uma dimensão intersubjetiva que também leva em consideração o contexto de realidade onde se insere o sujeito.

A proposta deste trabalho é orientada pelo entendimento de que a fome pode ser pensada como um fenômeno transversal, que perpassa a psicanálise em três âmbitos: i) metapsicológico (vivências de satisfação primárias/dimensão pulsional); ii) clínico (referente ao que se pode escutar, narrar e testemunhar dessas vivências) e; iii) sociocultural (referente à desautorização subjetiva e à discussão sobre trauma intencional). A fome figura, desse modo, como uma modalidade de sofrimento singular e coletiva.

A partir de discussões basilares do campo de estudos psicanalítico, discutimos as concepções de pulsão de morte, desmentido e clivagem, todas envolvidas na experiência traumática desestruturante. Com o intuito de ampliação dessas discussões, lanço mão de construções teóricas contemporâneas, a exemplo da dimensão do “trauma intencional”, caracterizado por ocorrer pela ação ou negligência deliberada de outros seres humanos⁸.

Partindo dessa compreensão, busco discutir as expressões do traumático através de disparadores encontrados na obra literária *A fome* (1890/2011), considerada inaugural da chamada literatura das secas do nordeste e que possui como ambientação a seca cearense de 1877-1879. As questões que ela suscita, sob o olhar psicanalítico, encaminham para os aspectos potencialmente traumáticos da fome, em sentido metapsicológico e estético, assim como para o teor testemunhal⁹ da obra literária.

Na esteira do que demonstrou Endo (2013) sobre as pesquisas que envolvem o testemunho, discutimos alguns conceitos psicanalíticos que são frequentemente convocados nas discussões sobre memória social. A obra alcançaria essa posição de testemunho em razão

⁸ Marie-Caroline Saglio-Yatzimirsky (2015).

⁹ O teor testemunhal é entendido, a partir de Márcio Seligmann-Silva (2003), como as marcas da barbárie nos textos da cultura.

do pano de fundo da narrativa, ou seja, um evento real que assolou o estado do Ceará. Além disso, representa um trauma continuado que, de certa forma, se repete na cultura. Essa repetição, em nossa discussão, não é percebida como um passado recalcado, que torna a aparecer através da repetição, mas como as partes do passado cearense e brasileiro, que nem mesmo é admitido como realidade. Nessa perspectiva, podem ser incluídos os campos de concentração cearenses, mas também uma série de questões sociais brasileiras, cujos efeitos são desmentidos reiteradamente ao longo da história brasileira, a exemplo do nosso passado escravagista, constantemente negado e silenciado.

Uma das escolhas estéticas do autor é a encenação dos corpos dos famintos, a qual faz com que sejam compreendidos os corpos também como narradores daquelas histórias. Os corpos, onde vivências como a fome e a sede são registradas, mas que também registram as percepções e experiências de desumanização e desautorização, transmitindo ao leitor e no leitor, a dimensão corporal das vivências narradas. Nessa esteira, o livro traz também descrições minuciosas dos flagelos sofridos pelos sertanejos de formas, criando imagens excessivamente nítidas.

Ler o sertão de Rodolfo Teófilo, em *A fome*, é perceber uma literatura ambientada em um passado-presente. Para Moraes (2020), é uma obra morta-viva, que escancara e coloca holofotes em uma realidade, testemunha um momento da história que, antes mesmo de passar, já se encontrava desmentida. As cicatrizes dos acontecimentos passados, em contexto brasileiro, estão abertas e fazem com que concordemos com Slavutzky e Sousa (2021), quando escreve que nossa terra está queimando e é preciso ter a coragem de ler as cinzas e recolher os testemunhos deixados, para que se possa imaginar outro amanhã.

O percurso dos retirantes no livro é apresentado em três extensos capítulos, seguidos por um epílogo, intitulados: Êxodo; A Casa Negreira e Misérias. O livro se inicia com o movimento de partida desta família de sertanejos, diante da seca que assolava os sertões cearenses, após a queda de todo o tipo de ilusão de que pudessem permanecer em suas terras. Quanto mais caminham os retirantes, mais enrijecidos são os corpos, pela moral implícita da narrativa e pelo contexto de escassez.

Será considerada a concepção de texto imagético (MARTINS; PINHEIRO, 2001) da literatura de Teófilo, para que, desse modo, metodologicamente, seja possível seguir as pistas deixadas por Sigmund Freud ([1914]/1996) e Georges Didi-Huberman (2012), no que se refere ao olhar sobre as obras de arte e as imagens, aos restos e aos detalhes.

Assim, encontro e desencontro a teoria psicanalítica, a literatura e a história, buscando elementos mobilizadores para esse percurso de pesquisa. A noção de testemunho

tem sido trabalhada, sempre de forma interdisciplinar, visando os efeitos do *irrepresentável* traumático e dos testemunhos na cultura (SELIGMANN-SILVA, 2003; 2008; INSTITUTO APPOA, 2018; OSMO, 2016; KUPERMANN, 2019; ANTONELLO, 2020).

Desse modo, traz-se uma pergunta já há muito feita no campo psicanalítico: diante da dimensão de irrepresentável, (de que modo) é possível narrar uma vivência traumática? Levo adiante essa pergunta, incluindo nesse escopo as experiências da fome. A experiência da fome, na perspectiva da privação do alimento, vai além de uma simples condição fisiológica e pode carregar, em si, uma dimensão traumática. De antemão, é possível dizer que nem toda vivência de fome é traumática. A aproximação entre as categorias *trauma* e *fome* pode ser compreendida a partir de dois aspectos principais. O primeiro refere-se à própria estrutura do trauma para a psicanálise, relativa a uma vivência irrepresentável e transbordante do ponto de vista do excesso pulsional, modo como Freud também pensara a experiência da fome, como contraponto da experiência de satisfação. O segundo aspecto, por sua vez, refere-se a uma dimensão traumática intersubjetiva da fome, implicando, muitas vezes, na desautorização subjetiva e na vergonha (MARTINS, 2016; MARTINS; KUPERMANN, 2017).

Para debater essa vivência, situo dois aspectos principais: a) como relativa a uma necessidade primitiva pertencente à constituição do aparelho psíquico dos seres humanos (potencializadora do enlace subjetivo) e; b) como um fenômeno presente em nossa cultura, revelador das desigualdades sociais, em face das quais, parte da população é acometida (potencializadora do desenlace subjetivo). Em virtude disso, o primeiro caso refere-se à função que o binômio fome/satisfação exerce na constituição do psiquismo de um *infans*¹⁰, enquanto condição corporal que enseja uma relação alteritária primordial. O segundo caso, por sua vez, perspectiva que essa dissertação dará mais relevo, aparece como revelador das condições que determinadas populações em contextos de vulnerabilidade social vivenciam, as quais podem originar impactos psíquicos, a exemplo dos processos de desautorização subjetiva, vergonha, entre outros.

Essas pistas fazem parte do pano de fundo desta pesquisa, que teve como inspiração outras investigações realizadas sobre os efeitos subjetivos da fome, as quais iniciaram em 2006, sob coordenação da Professora Karla Patrícia Holanda Martins, em parceria com o Instituto da Primeira Infância (IPREDE), com a pesquisa que originou diversas publicações (MARTINS, *et al.*, 2011; MARTINS; GOMES, 2012; MARTINS; VILHENA, 2014)). Tais pesquisas tinham como objetivo investigar as estratégias de

¹⁰ Termo que designa os que ainda não falam.

sobrevivência psíquica que crianças e suas famílias desenvolvem em contextos de privação de alimento. Outros estudos mais recentes foram desenvolvidos no âmbito do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, os quais também tematizaram aspectos subjetivos da fome, especificamente a desnutrição infantil e o transitivismo (DAUER, 2015); a aquisição da fala em contexto de privação de alimento (SIMÃO, 2017); e as dimensões clínico-políticas do sofrimento associado às privações (TEIXEIRA, 2019). Sendo assim, pesquisas como essas demonstram certo pioneirismo por tratarem, sob um viés psicanalítico, os aspectos subjetivos relativos à experiência da fome.

Em dezembro de 2021, uma manchete saltou aos olhos ao abrir o site da Folha de São Paulo¹¹: “Famílias comem lagartos e restos de carne para enganar fome no RN: seca, pandemia e crise deixam moradores do interior potiguar sem alimentação”. A reportagem que se segue traz relatos de famílias do interior potiguar que, em suas lutas pela sobrevivência, travam a batalha diária de tantos brasileiros contra a fome. São lembradas na reportagem também as imagens que circularam na internet de pessoas disputando ossos no Rio de Janeiro e a inclusão de ossos nos itens à venda nos mercados de Fortaleza.

As inúmeras manchetes como essas que estão sendo veiculadas em jornais brasileiros, em tempos pandêmicos, torna inevitável a associação às imagens descritas no livro *A fome*. Mais de 130 anos depois da obra escrita por Rodolfo Teófilo, a questão da fome se apresenta como um passado-presente, no Brasil, em um dos países que mais produz alimentos do mundo¹², não apenas pela temática, pelo caráter imagético que ambas carregam, mas também pela evidência de um problema sério de saúde pública. Na ambientação do texto de Rodolfo Teófilo, há a coalescência da fome com a seca e da epidemia de varíola; no contexto atual, a fome e a epidemia da COVID-19. Em ambos os contextos, houve um agravamento das condições de precariedade e da fome da população, não apenas em decorrência de questões naturais, mas pela negligência, pelo franco descrédito ao sofrimento da população e pela falta de atitudes e o descompromisso do Estado para minimizar tais situações.

Considerando todas estas questões, a presente pesquisa será dividida em três capítulos. No primeiro capítulo, *Expressões do traumático: desenlaces da fome*, contém uma discussão sobre a perspectiva psicanalítica do trauma que interessa a esta pesquisa, para pensar os desenlaces da experiência da fome. Foi principalmente a partir de Sándor Ferenczi

¹¹Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/12/familias-comem-lagartos-e-restos-de-carne-para-enganar-fome-no-rn.shtm>. Acesso em 22 dez. 2021.

¹² Além disso, conforme aponta Pingali (2012), desde os anos 1960, o mundo produz o que é necessário para alimentar a população mundial.

(1873-1933) e Sigmund Freud (1856-1939) que abordei as expressões do traumático, assim como as noções de pulsão de morte, desmentido e clivagem.

No segundo capítulo, *Testemunhar, apesar de tudo*, são trazidos elementos biográficos do autor para, posteriormente, discutir-se a concepção de testemunho e teor testemunhal e em que sentido a obra de Teófilo expressa um relato vívido de seu tempo e daquilo que, paradoxalmente, não pôde ser representado.

Por fim, no terceiro capítulo, *Atravessando sertões*, apresentou-se uma discussão sobre as possibilidades de leitura, a partir de um texto imagético, que se pretende mimético à realidade presenciada. Assim, em uma leitura-escuta do livro *A fome* ([1890]/2011), é possível discutir o próprio enquadramento proposto por Rodolfo Teófilo às narrativas, bem como as aberturas de experiências estéticas de leitura.

O produto final deste trabalho sobre as expressões do traumático envolvidas na fome advém da articulação entre muitos autores e áreas. A partir delas, propomos aberturas de caminhos e reflexões para o estudo da fome no campo psicanalítico, no intuito de discutir também os atravessamentos políticos, sociais, culturais e econômicos envolvidos nesses sofrimentos.

2 CAMINHOS DE PESQUISA

O interesse pela interlocução da psicanálise com o campo de estudos dos testemunhos começou através de leituras das ditas literaturas de testemunho¹³ e da tomada de conhecimento do trabalho desenvolvido por psicanalistas no Projeto “Clínicas do Testemunho”, criado pela Comissão de Anistia do Brasil, da Comissão Nacional da Verdade¹⁴. Intrigava-me, não somente os efeitos desses trabalhos na cultura, como também o modo como evidenciavam que as fronteiras entre o singular e o coletivo eram permeáveis. Afinal, se lembrarmos do que Freud ([1921]/1996) escreveu, devemos considerar que toda a psicologia individual é social. A perspectiva ética desta pesquisa, portanto, assume que “a clínica, a subjetividade e a política se atravessam e se entrelaçam de forma indissolúvel” (REIS; GONDAR, 2017, p. 10).

Conforme Mezan (1985), desde Freud, o método psicanalítico é usado, não apenas para o contexto clínico individual, mas também para analisar as obras de arte, a cultura, a sociedade, o funcionamento psíquico do ser humano. No caso do presente estudo, trabalharemos na interlocução entre campos de saber diversos, sendo os principais a psicanálise, a literatura e a história. Com o intento de desenvolver minha pesquisa em meio a esse campo, fui compreendendo que os estudos sobre trauma, testemunho e fome já aparecem carregados por disputas epistemológicas e políticas. Dessa forma, cabe delimitar quais foram os caminhos e as escolhas para esta pesquisa em específico.

Começo por um breve relato do ponto de partida. Ao iniciar o mestrado, desde as primeiras reuniões de orientação, nossa ideia era a de trabalhar com os aspectos potencialmente traumáticos e os desmentidos que podem envolver a experiência da fome, em uma pesquisa de campo que seria realizada em uma instituição que trabalha com crianças subnutridas na cidade de Fortaleza. Ali, buscava-se o delineamento metodológico mais específico da pesquisa.

Eis que nas duas primeiras semanas do semestre letivo do mestrado, foi deflagrado estado de calamidade pública¹⁵ no Brasil, devido à propagação do vírus da

¹³ Literaturas oriundas de relatos de pessoas que sofreram com situações de violência física e psíquica extremas, e tem origem principal nos relatos de sobreviventes do genocídio judeu nos campos de concentração nazistas. Tem-se como exemplos paradigmáticos dessa literatura, alguns dos livros produzidos pelos seguintes escritores: Primo Levi (1919-1987), Robert Antelme (1917-1990) e Paul Celan (1920-1970).

¹⁴ Tal interesse pelas discussões em torno da dimensão testemunhal fez com que, em 2019, eu desenvolvesse o trabalho final de Especialização em Clínica Psicanalítica (ULBRA/SM) sobre um dos relatórios da Comissão Nacional da Verdade, com o título “O conceito de desmentido de Sandór Ferenczi e a Comissão Nacional da Verdade”.

¹⁵ Conforme publicado no Diário oficial da União, em Decreto Legislativo de 20 de março de 2020.

COVID-19. Uma sindemia¹⁶ ocasionada por um vírus pouco conhecido alterou nossas rotinas e, rapidamente, surgiram frases que incluíam a ideia de um “novo normal”. Este implicaria em um isolamento social, estabelecido pela Organização Mundial da Saúde, àqueles que pudessem fazê-lo. As consequências da sindemia em um país marcado profundamente pela desigualdade social, somado às negligências e os desmentidos inflingidos pelo Estado brasileiro, fizeram com que vivêssemos, hoje, uma “catástrofe de enormes proporções humanitárias, sociais e econômicas, ao mesmo tempo que ecológicas e culturais.” (BIRMAN, 2020, p. 13).

Dado o novo contexto, juntamente aos estudos feitos sobre o tema de pesquisa, repensou-se sobre o caminho de pesquisa inicial, de modo que elegemos a possibilidade de realizar a pesquisa por intermédio da interlocução com a literatura. Trilhamos, aqui, um percurso inaugurado por Sigmund Freud. Fazer pesquisa no entrelaçamento de diversas fronteiras pertence às origens da psicanálise, como se pode ver na produção escrita de Freud. O interesse freudiano pelo tema da criação artística e a relação com as formações do inconsciente esteve presentificado nos seus textos *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen* ([1907]/1996); *Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância* ([1910]/1996) e *Escritores criativos e devaneios* ([1908]/1996), obra em que o autor trabalha de forma direta com a literatura.

Foram-se abrindo diversas questões a partir dessa mobilizadora escolha. A obra literária abordada aqui, com a crueza e a coragem que ela carrega, foi a disparadora de inspirações e questões para a reestruturação desta pesquisa. Os estudos sobre trauma, testemunho e a fome, em psicanálise, somados ao novo contexto sociopolítico, que impôs a nós reflexões de diversas ordens sobre esses mesmos temas, fizeram com que, na leitura d’*A fome*, fosse encontrada uma possibilidade de discutir as mesmas questões. Além das questões trazidas por Rodolfo Teófilo, enquanto escritor, sua atuação enquanto farmacêutico e sanitariano nas epidemias de varíola¹⁷, febre amarela e cólera, também apresentam para a atualidade uma série de questões presenciadas na sindemia de COVID-19, a exemplo do negacionismo, negligências dos governantes e aumento do contexto de miséria.

Descrevo o processo aqui por compreender que o método de pesquisa, principalmente quando se fala de pesquisa em psicanálise, deve compreender os *desvios* que

¹⁶ O termo sindemia, cunhado em 1990 pelo antropólogo e médico estadunidense Merill Singer e colaboradores (2017) conjuga um neologismo com as palavras sinergia e pandemia. Sua significação se dá das combinações sinérgicas entre a saúde de uma população e seu contexto econômico, social e cultural.

¹⁷ No livro *Varíola e vacinação no Ceará* (1904), Rodolfo Teófilo narra os primeiros anos de sua atuação na campanha de vacinação do povo cearense (1901-1904). Rodolfo Teófilo criou uma vacina contra a varíola e fez, a despeito da oposição do governador da época, ampla campanha de vacinação por terras cearenses.

acontecem durante o percurso. Assim, faz parte do ato de pesquisar rever o itinerário, sempre em (re)construção, tendo em vista que as ferramentas não estão dadas *a priori*.

Retomando o ponto trazido acima, sobre os campos de disputas envolvidos no tema dessa pesquisa, considera-se a atualidade do tema do testemunho através da ideia de que o teor testemunhal de produções culturais tem sido campo fértil de estudo para psicanalistas. O tensionamento da linguagem, propiciado pelos discursos de memórias relativas ao trauma, fazem com que as questões apresentadas pelas discussões sobre o testemunho – e o paradigma constitutivo desses estudos – não sejam questões novas ao campo psicanalítico. Ainda assim, as abordagens diretas sobre o teor testemunhal são relativamente recentes, fazendo com que seja importante enunciar o caminho percorrido por nós, assim como as articulações que fomos tecendo durante a realização desta pesquisa.

No caso da obra literária abordada nesta pesquisa (*A fome*), vale ressaltar que, no que se refere aos gêneros literários, foi lida por diferentes perspectivas. Otávio Colares (1974) disse que a obra estaria entre o romantismo decadente e o realismo-naturalista, que estava em sua fase de efervescência no Brasil. Lúcia Miguel Pereira ([1950]/1988) e Massaud Moisés (2001) não pouparam críticas ao tom melodramático e até mesmo a certa inelegibilidade da obra. Ao analisar o gênero literário, a primeira leu a obra *A fome* como parte do movimento naturalista e o segundo como uma mescla entre o Romantismo e o Naturalismo. Consideramos que a obra de Rodolfo Teófilo não empreendeu caminhada linear, no que se refere ao Romantismo, mas centrou-se no desencanto moral e científico e nos excessos, o que pode ser lido como um certo afã de totalidade característico do Romantismo.

Do ponto de vista metodológico é importante ressaltar, seguindo as indicações de Inês Loureiro (2002), que Freud também havia renunciado de uma certa perspectiva romântica. Conforme a autora, a psicanálise freudiana apropriou-se de sua herança romântica com autonomia e muitas rupturas. Também renunciou ao desejo de absoluto, além da idealização do passado e do futuro, os ideais de perfeição e de infinitude, características do Romantismo. Estariam imbricadas na perspectiva psicanalítica, tanto a localização daquilo que estaria nas franjas do racional, quanto um objetivo de esclarecimento desse campo, de modo que a psicanálise estaria localizada em solo híbrido (LOUREIRO, 2002). Com isso, enquanto pesquisadora desde a psicanálise, o meu trabalho com o material literário de Rodolfo Teófilo, também parte de renúncias a perspectivas idealizantes, localizando-se nas brechas do que não pode ser recoberto pelo seu cientificismo.

Digo isso pois os movimentos literários, o realismo ou o naturalismo, possuem como método de escrita justamente certa recusa ao caráter ficcional. Então, esse tipo de

literatura que carrega o tom do pensamento moderno de tudo mostrar, descrever, explicar, ressaltar, é também um artifício literário. Conforme o historiador Michel de Certeau, em seu livro *História e Psicanálise*, “a literatura cria o não lugar em que as operações efetivas de uma sociedade têm acesso a uma formalização” (DE CERTEAU, 2016, p. 92).

Freud, em *Moisés e o Monoteísmo* ([1939]/1996), ao aproximar-se da história da religião judaica e da história do homem Moisés, dedicou-se a uma investigação não-linear da História. O psicanalista, apoiado nos escritos de alguns historiadores de sua época, entre eles Ed Meyer, traz uma versão da história da vida de Moisés divergente da versão oficial, propondo que este seria egípcio e não judeu. Seu exercício expressa a indicação de Walter Benjamin: “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘tal como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma recordação, como ela relampeja em um momento de perigo” (BENJAMIN, 2012b, p. 243).

No ensaio *Experiência e Pobreza* (2012a), Walter Benjamin discorre sobre o que chama de declínio da experiência (*Erfahrung*). O autor sustenta que, com a ascensão do capitalismo, houve um declínio da tradição e da memória coletiva. Pontua que esses representam fatores de coesão e significação da vida humana em comunidade, considerando a memória uma conquista da humanidade, portanto. A memória estaria ligada, não apenas ao sujeito com o seu passado individual, como também ao sujeito em sua relação com seu passado histórico e coletivo. Assim, “os documentos da cultura são, ao mesmo tempo, documentos de barbárie” (BENJAMIN, 1986). A história deve ser lida em sua não linearidade, de modo que o passado não é visto como algo acabado, mas marcado por rupturas. A partir dessa perspectiva a psicanálise se encontra com a história, com a literatura e com os traços arqueológicos, nos relampejos.

Deste modo, parte do trabalho de escuta psicanalítica, consiste “no dever de escutar a História que acompanha e emoldura as histórias que escuto, o que me coloca perante a responsabilidade de poder ouvir tanto a destruição quanto a resistência a ela” (KOLTAI, 2016, p. 25). A psicanalista enfatiza que somos sujeitos históricos e que, no decorrer de uma análise, os sujeitos vão se posicionando, não apenas perante a sua própria história, mas também perante a história do mundo. Desse modo, algo similar pode ser dito, no que se refere à literatura, como escreveu Alfredo Bosi (2003, p. 278):

Não há grande texto artístico que não tenha sido gerado no interior de uma dialética de lembrança pura e memória social; de fantasia criadora e visão ideológica da História; de percepção singular das coisas e cadências estilísticas herdadas no trato com pessoas e livros (BOSI, 2003, p. 278).

Georges Didi-Huberman (2017), historiador da arte e filósofo, com incursão na psicanálise freudiana e lacaniana, propõe uma reflexão sobre o envolvimento do sujeito no exercício do *ver* e do *saber*, tanto no que se refere à arte, como à psicanálise. Assim, Didi-Huberman salienta que há uma posição subjetiva e, por que não dizer, pulsional, agindo no exercício do ver e do saber. Nesse sentido, o autor escreve:

Não se sabe nada na imersão pura, no “em si”, no terreno do “perto demais”. Não se saberá nada, tampouco, na abstração pura, na transcendência ativa, no céu do “longe demais”. Para saber é preciso tomar posição, o que supõe mover-se, e constantemente assumir a responsabilidade de tal movimento. Esse movimento tanto é “aproximação” quanto “afastamento”: aproximação com reserva, afastamento com desejo. Ele supõe um contato, mas o supõe interrompido, se não for quebrado, perdido, impossível ao extremo (DIDI-HUBERMAN, 2017b, p. 16)

Tal postura sobre a tomada de posição é explicitada nos livros de Didi-Huberman (2010; 2011; 2013; 2017a; 2017b; 2020), os quais tematizam, essencialmente, o olhar sobre as imagens. Suas obras, em articulação com as de Sigmund Freud, auxiliaram a refletir sobre caminhos desta pesquisa, em uma perspectiva metodológica.

Os ensinamentos freudianos anteciparam questões colocadas por Didi-Huberman, nos advertindo dos riscos da tentativa de traduzibilidade total da arte e de um fechamento ao legível das imagens, da tentativa mimética. Lemos, por exemplo, no texto de 1899, essa proposição freudiana:

O conceito de ‘lembrança encobridora’ é entendido como sendo aquela que deve seu valor enquanto lembrança não a seu próprio conteúdo, mas às relações existentes entre aquele conteúdo e algum outro, que foi suprimido (FREUD, [1899]/1996, p. 351).

Perspectivas como essa, que acompanharam e se rearranjaram durante a obra freudiana, apontam para a leitura dos vestígios e dos rastros, muito mais do que para a imagem plena da lembrança. Assim, ainda que tradicional, o encontro da arte com a psicanálise não se dá de forma tranquila, em júbilo de reconhecimento de semelhanças, mas em cisão e irrupção da diferença (RIVERA, 2005). Conforme nos lembra Tânia Rivera (2017), a autoria implica uma certa subversão do sujeito. Ela remete à ideia freudiana, presente no texto *Escritores criativos e devaneios*, de que a arte estaria na conjuração do que é estritamente pessoal em prol de um laço com o outro, espectador ou leitor, ou seja, algo relativo à transmissão.

Desse modo, analisar a obra literária de Rodolfo Teófilo não se trata, de forma alguma, de fazer um espelhamento com a psicanálise, situação inclusive advertida aos

psicanalistas que trabalham na interlocução com a arte, mas de um tensionamento, uma aposta de produção de questões e movimentos para a própria psicanálise. Especificamente, nesse caso, buscar avançar nos estudos sobre os efeitos subjetivos da fome e do ato de testemunhar, desde a metapsicologia aos estudos da cultura.

3 EXPRESSÕES DO TRAUMÁTICO: DESENLACES DA FOME

Neste capítulo, adentro na discussão sobre trauma, a partir de uma definição metapsicológica sobre a fome, partindo do pressuposto de que, nos contextos marcados por uma realidade social de precariedades e violências existem circunstâncias potencialmente traumáticas nessa experiência. Trago elementos do livro *A fome*, de Rodolfo Teófilo, para um diálogo com a perspectiva psicanalítica, posto que o contexto de fome, miséria e violações afetou profundamente a vida e a literatura deste escritor. Seu testemunho das experiências de dor e humilhação sofridas pelos retirantes cearenses, no final do século XIX circunscreve uma escrita marcada pelo horror, apresentando o caráter destruturante que a fome e a precariedade produzem. Elementos de sua obra nos ajudam a reconhecer a fome como uma experiência subjetiva de sofrimento, que pode infligir destruições vitais, resultando em processos severos de destituição subjetiva, ferida moral e clivagem do eu.

Reconheço ainda que a discussão da dimensão traumática de uma experiência extrema como a fome deve ser estendida do campo clínico e metapsicológico aos campos sociocultural e político. Deste modo, introduzo neste capítulo, a noção de trauma intencional, proposta por Saglio-Yatzimirsky (2015). Segundo a autora, o trauma intencional é caracterizado pelos efeitos de ações deliberadas de uns sobre outros seres humanos. Nesse sentido é a relação do sujeito com a própria cultura e com a possibilidade de fiabilidade no outro, que ficam estremecidas. Ainda, na especificidade desse desenlace produzido pela fome extrema, tratam-se de situações-limite¹⁸.

A fim de discutir os efeitos do traumático envolvidos na dimensão mencionada nas linhas anteriores, este capítulo foi dividido em três momentos. No primeiro subtópico (3.1), farei um breve apanhado sobre a fome na perspectiva psicanalítica, situando que faz parte, não apenas das necessidades vitais dos seres humanos, mas participa da constituição do enlace fundamental entre os seres humanos na constituição do psiquismo. Optei por fazer esta breve menção, ainda que a centralidade desta pesquisa esteja na perspectiva do desenlace traumático, sobre os quais discutirei na sequência. No segundo subtópico, discuto a concepção freudiana de trauma e o modo como ela foi construída, culminando na segunda tópica, a qual rendeu uma abertura ao pensamento ferenciano, essencialmente a partir da noção de *pulsão de morte* e suas consequência para a estruturação das formas de negação e afirmação. A partir

¹⁸ Ao escrever situações-limite, refiro ao limite entre vida e morte que a situação cumulativa da fome impõe. Assim como, em outros momentos, uso da noção de experiência-limite para **evidenciar** que a fome se situa, não exclusivamente no registro orgânico, mas também com uma forma de exigência psíquica que se situa na fronteira entre o corpo e o psiquismo.

disso, discuto a noção de trauma para Sándor Ferenczi, no terceiro subtópico. Por fim, no quarto subtópico, discuto a noção de trauma intencional e como entendo que a discussão anterior sobre o traumático pode colaborar para a reflexão da fome, como um trauma intencional.

Com base nessas discussões, objetivo preparar o terreno, situando de que modo penso o traumático, expressado no livro como uma modalidade de sofrimento limite. A partir daí, busca-se evidenciar como Rodolfo Teófilo ocupou-se de narrar essas experiências-limite, colocando-se como um testemunha e buscando fazer frente e resistência ao contexto de desumanização que essas modalidades de sofrimento suscitaram. Assim, os seus registros e a sua literatura aparecem como efeitos dessas experiências-limite.

3.1 (Des)enlaces da fome

Neste subtópico, pretendo abordar a temática da fome a partir de uma perspectiva metapsicológica, considerando o modo como pode vir a representar tanto uma experiência de enlace com o outro, quanto de desenlace e dor psíquica, quando relacionada a contextos de humilhação, escassez e negligências.

Pretende-se, assim, desenvolver, a partir de uma perspectiva psicanalítica, a hipótese de que o fracasso da experiência de satisfação que subscreve a fome, introduz o sentido do desamparo, circunscrevendo uma situação-limite para os processos de vitalização psíquica. Suas consequências subjetivas podem ainda colocar em cena uma espécie de dor moral, relativa ao desengano, a desesperança da ajuda do próximo (Martins, 2011; 2012; 2017; Martins; Azevedo; Kupermann, 2020) e a seu acolhimento (Ferenczi, [1929]/2011; [1933]/2011), podendo desembocar, entre outros efeitos, numa espécie de desenlace na relação com o outro.

No texto *Rascunho E: Como se origina a angústia* ([1894]/1996), Freud já estabeleceu a relação entre a experiência da fome e a angústia, situando-a a partir de uma fonte interna que gera uma “tensão endógena no aparelho psíquico” (FREUD, [1894] 1996, p. 143). Associada a uma das necessidades básicas dos seres humanos, sua satisfação ocupa importante função no processo de constituição psíquica, bem como na construção do enlace social com os outros humanos.

No *Projeto para uma psicologia científica*, Freud ([1895]/1996), partindo do pressuposto de que a tensão criada pela ausência do alimento só poderá ser modificada por intermédio de ajuda alheia do cuidador, acrescenta a hipótese do desamparo primordial do ser

humano como fonte de moralidade. O fracasso no atendimento desta necessidade básica resultará, em consequência, numa espécie de dor, um desprazer que estará associado a uma experiência com a moralidade. Martins *et al.* (2020), considerando esse mesmo texto freudiano, escrevem:

Em suas estratégias, propõe Freud, o bebê poderá, em sua onipotência, alucinar a experiência vivida anteriormente. Mas a alucinação tem um prazo a vencer; continuar investindo a realidade alucinada conduzirá à dor, uma dor nomeada por Freud como uma espécie de desengano, uma primeira ferida em sua onipotência (MARTINS *et al.*, 2020, p. 237).

Em contraponto, nas experiências primitivas de satisfação, poder-se-ia estabelecer as coordenadas para a construção de uma condição desejante do bebê, calcada inicialmente numa potência vital experimentada em tempos rudimentares da vida.

Em síntese, pode-se dizer que as vivências de satisfação e ausência destas têm papel fundamental para a constituição das relações primordiais mãe/bebê e, conseqüentemente, para o estabelecimento da dimensão alteritária (eu-outro). Esse processo sustenta formações elementares da constituição do psiquismo relativa aos seus processos primários de simbolização, bem como evidencia o papel do outro assegurador neste mesmo processo. Esse papel e o tratamento que esse outro dá ao pulsional não são sem conseqüências para o desenvolvimento posterior do psiquismo. Sendo assim, quais os possíveis efeitos subjetivos de situações de grave privação do alimento?

Alguns estudos¹⁹ realizados no Instituto da Primeira Infância (IPREDE), instituição que atua no acompanhamento de crianças com quadro de desnutrição e de seus cuidadores, indicam as marcas de um silenciamento cultural sobre o tema que retorna numa espécie de vergonha de si expressa no silêncio das mães. A pesquisa de Gabriela Simão (2017) discute os efeitos deste silêncio para o estabelecimento da demanda nos quadros de grave desnutrição, abrindo uma consideração acerca do papel que a própria instituição ocupou nesse processo, repetindo as condições de silenciamento. Suas observações demonstram que o olhar clínico é sempre contextual e, por que não dizer, político. Nas condições em a dignidade humana é ferida e as formas de respeito desconsideradas, é mister interrogar de onde partem os obstáculos à palavra.

Retomo aqui uma passagem inicial do texto *A fome* quando o protagonista Manoel de Freitas começa a sua expedição em busca de melhores condições para si e para a sua família, cena figurativa de um desenlace radical:

¹⁹ Ver em: DAUER (2015); NEVES (2021); SIMÃO (2017); TEIXEIRA (2019). Pesquisas desenvolvidas sob orientação da professora Karla Patrícia Holanda Martins.

A visão sucedeu a claridade e deixou patente um quadro medonho. Deitada sobre uma cama de talos de carnaubeira estava o cadáver de uma mulher branca reduzido a múmia. O corpo era de uma infeliz, que sucumbira no ato da maternidade, não havia muitas horas. O ar tresandava a parto. O cadáver tinha ao regaço e na postura em que as mães aleitam os filhos uma criança, cuja pele estava colada ao esqueleto. A boca esfomeada do recém-nascido instintivamente procurava o bico do peito, mas embalde. [...] A frieza do cadáver se trasmitia à criança, que também recebia a frialidade da placenta, a um canto da cama em uma poça de sangue e ainda presa à extremidade do cordão umbilical. A vida estava ali em perigo iminente (TEÓFILO, [1890]/2011, p. 33).

O horror de cenas como essa, geradas no limite do desenlace, possuem força magnética ao leitor, tanto de atração quanto de repulsão. *A boca esfomeada do recém-nascido instintivamente procurava o bico do peito, mas embalde...*, é a imagem da suspensão de um vínculo vital com o outro. Ao final, diz o autor, “a vida estava ali em perigo iminente...” o perigo do desenlace.

Podemos, neste ponto, trazer Sándor Ferenczi ([1932]/1990, p. 65) para o diálogo com Freud. O psicanalista húngaro indaga sobre o que se passa com uma criança maltratada pela fome:

Uma criança maltratada, digamos, pela fome. O que se passa quando o sofrimento aumenta e ultrapassa a força de compreensão do pequeno ser? O uso corrente caracteriza o que se segue pela expressão ‘a criança está fora de si’ (vistos do exterior) são: ausência de reação do ponto de vista da sensibilidade, câibras musculares generalizadas, frequentemente seguidas de paralisia generalizada (‘ausentar-se’). À crer nas declarações de meus pacientes que me descrevem tais estados, pois bem, esse ‘ausentar-se’ não é forçosamente um ‘não-estar’ mas um ‘não-estar-lá’. [...] lá onde estão não existe tempo; passado, presente e futuro estão presentes para ele ao mesmo tempo, numa palavra, têm a impressão de ter superado o espaço e o tempo (FERENCZI, [1932]/1990, p. 65).

Ferenczi ([1932]/1990) propõe a experiência do “fora de si” como uma estratégia de defesa aos momentos em que há uma luta de sobrevivência, física e psíquica. As situações traumáticas que envolvem um risco relativo às necessidades orgânicas, mobilizam uma forma de defesa para suportar a dor psíquica que corresponde à suspensão “de si mesmo”, uma espécie de “resistência passiva”.

Um ano antes da escrita do texto citado acima, Ferenczi ([1931]/2011) antecipara, em *Análise de crianças com adultos*, a discussão sobre a passividade e submissão que o analista pode se deparar em análise com pacientes severamente traumatizados.

Nessa perspectiva, a experiência de um grande sofrimento (ou grande dor), vivida pela criança, passa a ter o sentido de acontecimento (Knobloch, 1998) e rasga a trama do tempo e, também, do espaço [fora de si], rompendo as fronteiras do Eu. A impossibilidade de inscrição na memória em uma cadeia temporal habitual desemboca no desenlace pulsional.

3.2 O traumático: considerações de Freud à Ferenczi

*“A raiva dá pra parar, pra interromper.
 A fome não dá pra interromper.
 A raiva e a fome é coisas dos home.
 A fome tem que ter raiva pra interromper.
 A raiva é a fome de interromper.
 A fome e a raiva é coisas dos home”*

(João Bosco e Aldir Blanc, 1976)

Na obra de Freud, podemos identificar pelo menos dois momentos²⁰ de sua concepção sobre o trauma. No primeiro momento, quando estudava as pacientes com sintomas histéricos, o traumático é relacionado à hipótese da sedução e está referenciado a um acontecimento real da história do sujeito que excede à sua capacidade de integrá-lo psicologicamente. O evento traumático é experimentado como algo que altera o fluxo de excitações do psiquismo, provocando transtornos energéticos transitórios ou efeitos patogênicos duradouros (FREUD, [1895]/1996).

Em textos ditos pré-psicanalíticos, com forte influência das contribuições do neurologista Jean-Martin Charcot, Freud passava a conceber o trauma como causa do sintoma histérico. Lê-se:

O trauma é uma causa incidental freqüente da doença histérica, em dois sentidos: primeiro, porque a disposição histérica, anteriormente não detectada, pode manifestar-se por ocasião de um trauma físico intenso, que se acompanha de medo e perda momentânea da consciência; em segundo lugar, porque a parte do corpo afetada pelo trauma se torna sede de uma histeria local. (FREUD, [1888]/1996, p. 44)

Como vemos, Freud estabelece, então, uma aproximação estreita entre trauma psíquico e a sintomatologia da histeria. Tal aproximação seguiu em textos posteriores, como por exemplo em *Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar* ([1893]/1996).

Neste primeiro momento, o trauma então refere-se à sedução que vem de um outro, ocorrida antes da maturidade sexual da criança. O trauma ocorreria em dois tempos, quais sejam: no primeiro a criança sofreria a ação sexual, evento que permaneceria com um

²⁰ Não farei uma retomada bibliográfica minuciosa do trauma na obra de Sigmund Freud, por exceder aos objetivos desta pesquisa e pelo fato de muitas pesquisas já o terem feito anteriormente. Assim como muitas outras fizeram o trabalho bibliográfico e reflexivo sobre as concepções de trauma em Sigmund Freud e Sándor Ferenczi, situando as semelhanças e as discordâncias entre as concepções. Cito aqui três pesquisas pioneiras no Brasil: Pinheiro (1995); Knobloch (1998); Lejarraga (2008).

potencial traumático até a ocorrência do segundo evento que, *a posteriori*, ressignifica como experiência sexual o primeiro tempo, produzindo o sintoma (FREUD, [1896]/1990).

O trauma se constrói, portanto, na articulação desses dois tempos. A lembrança da experiência traumática é recalçada em função de um conflito relativo ao desejo inconsciente e o sintoma é sua a expressão atual. O sintoma histérico provocaria a formação de uma dupla consciência, através do desligamento do *afeto* e da *representação*; o afeto, suscitado pelo evento traumático, ficaria “estrangulado” e a representação se desliga do afeto original se associando a outras representações. O tratamento, nesse caso, seria o de religar o afeto à representação original (FREUD, [1893]/1996).

No contexto do *Além do Princípio do Prazer* ([1920]/1996), o trauma está associado a uma experiência de intenso sofrimento que não pode ser integrada ao psíquico e que retorna sob a forma de uma insistente repetição. Esse segundo momento da teorização freudiana sobre o trauma está marcado pelo evento catastrófico da primeira guerra mundial. Freud ([1920]/1996) analisou os sonhos de repetição de soldados sobreviventes que retornavam à situação traumática, indicando uma espécie de *fixação* psíquica. Desse modo, os sonhos não podiam ser considerados apenas a realização de um desejo, conforme pensara anteriormente. A *repetição* compulsiva dos sonhos traumáticos dos soldados poderia ser considerada uma tentativa de simbolização em relação às violências vividas. Freud assim os situa:

[...] os sonhos que ocorrem nas neuroses traumáticas possuem a característica de repetidamente trazer o paciente de volta à situação de seu acidente, numa situação da qual acorda em outro susto. Isso espanta bem pouco as pessoas. Pensam que o fato de a experiência traumática estar-se continuamente impondo ao paciente, mesmo no sono, se encontra, conforme se poderia dizer, fixado em seu trauma (FREUD, [1920]/1996, p. 9).

O sujeito repete compulsivamente a *cena* traumática²¹, em uma “perpétua recorrência da mesma coisa” (FREUD, [1920]/1996, p. 15), na tentativa do aparelho psíquico descarregar a energia excedente através das repetições. Nesse contexto, há um trabalho do aparelho psíquico frente à dimensão do irrepresentável do trauma, já que a energia pulsional aparece como excessiva e a repetição aparece como uma tentativa de ligação. Freud pode, assim, concluir acerca dos registros do que não pode ser representado e muito menos ligado, e que se repete, contrariando o princípio do prazer. Abre-se aí o espaço na teoria freudiana à inclusão de uma hipótese sobre um mais além do princípio do prazer e sobre a pulsão de

²¹ Essa discussão será retomada nos capítulos posteriores para demonstrar como a leitura do texto é passível de articulação com a concepção de texto imagético (PINHEIRO, 1993; MARTINS; PINHEIRO, 2001).

morte. Como efeito desse funcionamento traumático, o aparelho psíquico trabalha com toda a sua energia para escoar a energia excedente, que rompeu sua barreira protetora, em detrimento de outras atividades do aparelho psíquico.

Assim, existe algo que se mantém nas perspectivas freudianas sobre o trauma²², a exemplo da noção de um excesso de excitação que não pode ser assimilado através de cadeia associativa e representacional. Vale ressaltar, o que se abandonou nesse segundo momento foi a teoria da sedução, e não o ponto de vista sobre o excesso traumático²³. Talvez, sem desenvolvimento, essa afirmação seja um tanto polêmica.

No caso do traumático descrito por Freud, a partir da segunda tópica, o excesso pulsional nos casos que envolvem o traumático desestruturante, irrompe no psiquismo, que cliva e ou desliga, tornando “impossível a função de representação” (KNOBLOCH, 1998, p. 108).

As questões trazidas por Freud sobre trauma repercutiram fortemente no desenvolvimento do pensamento psicanalítico. Foi fundamentalmente a partir da segunda conceitualização de trauma freudiana, que inclui a noção de pulsão de morte, que o psicanalista húngaro e principal interlocutor, Sándor Ferenczi, passou a desenvolver com maior originalidade a sua própria teoria sobre afirmação do desprazer e suas relações com o trauma, baseando a traumatogênese essencialmente nos chamados casos difíceis ou casos limite.

A partir de 1928, a gênese do trauma é trazida ao centro da concepção do psiquismo, acabando por tensionar a teoria clássica freudiana centrada na sexualidade, no recalque e nas fantasias inconscientes. Segundo Gondar (2003), Ferenczi trouxe uma produtividade à concepção de trauma, retomando a noção de compulsão a repetição, não apenas como uma estagnação na cena traumática, mas como o caminho para o processo de elaboração do trauma.

Nos escritos entre 1926 e 1933, Ferenczi²⁴ oferece, em perspectiva dialógica e também autoral, na interlocução com a teoria freudiana do trauma, considerando a questão da *desmentido* (no alemão, *Verleugnung*), da afirmação do desprazer e do papel do acolhimento da criança nos destinos da pulsão de morte, dando ênfase à dimensão alteritária e ao papel da intersubjetividade para a efetivação do processo traumático. Observa ainda que os pacientes

²² Indico aqui o livro de Eugênio C. Dal Molin (2016), que aborda de maneira mais detalhada os restos do posterior abandono freudiano da teoria da sedução para a subsequente construção da teoria freudiana sobre o trauma. Assim como da retomada ferencziana de alguns desses restos.

²³ Conforme Knobloch (1998).

²⁴ ([1927]/2011; [1929]/2011; [1930]/2011; [1931]/2011; [1932]/1990; [1932]/2011; [1933]/2011).

envolvidos por vivências traumáticas desestruturantes, *agem a dor* (FERENCZI, [1931]/2011; KNOBLOCH, 1998; ANTONELLO, 2020), manifestam através do corpo aquilo que não chegou a ser recalçado, muito menos elaborado.

Em outras palavras, tal concepção me interessa por ser a que diretamente retomou a ênfase dada aos aspectos da realidade externa (FERENCZI, [1932]/2011) presente no acontecimento traumático. O psicanalista húngaro propôs que o trauma psíquico não refere-se apenas à realidade psíquica ou a dimensão intrapsíquica do paciente, mas também a um conflito com o mundo externo, o que traz consequências para a construção da traumatogênese, bem como para os destinos clínicos e metapsicológicos desta.

Ademais, também é a partir de Ferenczi que encontro a ênfase no papel que o outro ou ambiente vai desempenhar frente ao sujeito traumatizado que, como veremos, auxiliará no pensamento de nosso problema de pesquisa, dado que a fome escancara a necessidade da experiência alteritária. A criança só pode sobreviver na medida em que é alimentada por um adulto. Da mesma forma, ela só adquire uma palavra própria quando o adulto tem condições de estabelecer uma relação alteritária com ela para tal processo. Nessa temática, tendo o desamparo como uma das questões a serem consideradas, vale apontar, conforme Kupermann (2019), que ele não é em si a fonte do trauma, mas que o próprio estado de desamparo é estabelecido em uma perspectiva relacional.

Ferenczi desenvolveu tais construções clínicas a partir dos casos chamados limite, tornando-se, assim, referência nos encaminhamentos dos pacientes ditos “impossíveis” de analisar. De modo polissêmico, pode-se pensar que a noção de limite encontrada por Ferenczi em sua clínica, refere-se também aos limites de possibilidades que encontrou no uso da interpretação, a que trabalhava estritamente no âmbito da palavra, do que é passível de representação no psiquismo. Para Knobloch (1998), pensar o trauma como sendo da ordem da não-representação foi o que possibilitou Ferenczi pensar a sua teoria sobre os destinos do trauma no trabalho analítico. Ele fez uma distinção entre os traumas constitutivos, estruturantes, rupturas concernentes ao processo de constituição psíquica e os traumas desestruturantes, envolvidos pela comoção psíquica, como veremos na sequência.

Ferenczi ressaltou as especificidades dos traumas desestruturantes, de maneira mais direta nos textos *Análise de crianças com adultos* ([1931]/2011), *Confusão de Línguas entre os adultos e a criança* ([1933]/2011), assim como em seu *Diário Clínico* ([1932]/1990) e no texto *Reflexões sobre o trauma* ([1932]/2011). A partir da concepção desenvolvida nesses textos, o trauma resulta de um evento real e um outro momento que diz respeito ao desmentido.

No texto ferencziano de 1933, *Confusão de Línguas entre os adultos e a criança* ([1933]/2011), Ferenczi constrói uma história mítica baseada nas diferenças de linguagens entre a criança e o adulto. A linguagem da criança seria a da ternura, baseada no lúdico da interação com o outro, enquanto a linguagem do adulto seria a da paixão, onde a interação com o outro seria da ordem da desmesura, da manifestação violenta da paixão. Conforme o psicanalista: "O que a criança deseja, de fato, mesmo no que diz respeito às coisas sexuais, é somente o jogo e a ternura, e não a manifestação violenta da paixão" (FERENCZI, [1930]/1992, p. 64). Exemplifica-se uma confusão entre a linguagem da ternura e a linguagem da paixão. Nessa confusão, a criança não consegue oferecer resistência ao choque do acontecimento. É o momento em que o trauma passa pelo o que Ferenczi ([1933]/2011) nomeou de comoção psíquica. Trata-se de uma reação que aparece sem preparação, a qual foi precedida por um *sentimento de estar seguro de si* (FERENCZI, [1932]/2011, p. 125), causador de um grande e insuperável desprazer. Subtrai-se do sujeito a capacidade de resistir, agir e pensar. Encontra-se aqui um ponto importante para as discussões dos próximos capítulos, consideradas essas três capacidades fundamentais.

Num segundo momento é que o trauma se efetivaria, quando a criança, ao recorrer a uma figura importante para que a ajude a significar a violência sofrida, tem sua história desmentida. Ou, em outras palavras, sua concepção de trauma é baseada na seguinte situação: uma vítima de um abuso do outro, ou de uma violência, tenta buscar reconhecimento de sua dor em uma pessoa importante para ela e tem sua vivência desmentida. Tal ação efetiva uma desautorização do sujeito acerca de suas próprias percepções. Sobre esse processo, lemos em Ferenczi que:

O pior é realmente a negação, a afirmação de que não aconteceu nada, de que não houve sofrimento ou até mesmo ser espancado e repreendido quando se manifesta a paralisia traumática dos pensamentos ou dos movimentos; é isso, sobretudo, o que torna o traumatismo patogênico (FERENCZI, [1931]/2011, p. 91).

Esse processo de negação do acontecido é o que Ferenczi chamará de desmentido (*Verleugnung*), traduzido também como “desautorização” (KUPERMANN, 2017), ou “descrédito” (PINHEIRO, 1995). Kupermann (2019), ao referir-se ao primeiro momento do trauma, nomeou de *tempo do indizível*, referente, como dito anteriormente, ao tempo do acontecimento, “do ato deflagrador de dor e de um excesso de excitação irrepresentável que provoca, por parte do psiquismo, tentativas de simbolização.” (KUPERMANN, 2019, p. 58).

O segundo momento, por sua vez, seria o da efetivação do traumático, o qual se refere a uma reação inadequada do meio à tentativa do sujeito expressar-se sobre a

experiência anterior de violência. Aqui ocorre o processo de desmentido, quando se efetiva o trauma patogênico, desestruturante (FERENCZI, [1931]/2011). O desmentido, conforme lembram Andrade, Mello e Herzog (2012), impossibilita a representação psíquica da experiência traumática, impedindo a assimilação da experiência.

No artigo *Ferenczi como pensador político*, Jô Gondar (2012), ao ampliar a noção ferencziana de desmentido, pontua que o que se deve privilegiar na compreensão do modelo ferencziano são as relações “de poder, de dependência, de desvalorização, de desrespeito” (GONDAR, 2012, p. 196), trazendo o modo como o desmentido pode operar em contextos de precariedade.

De acordo com Kupermann (2019), nesse *tempo do desmentido*, ressalta-se que é incluído na cena traumática um segundo agressor, sendo o primeiro, aquele que violenta o sujeito em estado de vulnerabilidade, e o segundo, aquela figura importante para o sujeito, que é requisitada para reconhecer a dor vivida, contudo, faz o contrário e nega veementemente.

Nessa perspectiva, Kupermann (2019) propõe que, na verdade, tratar-se-ia de três tempos do trauma: além desses dois primeiros tempos, do indizível e do desmentido, há um terceiro, sobre o qual há uma perspectiva eminentemente clínica, que é o *tempo de testemunho*, visto que há nesse processo uma busca por parte do sujeito de encontrar alguém que seja capaz de escutar sua dor. Nesse tempo, há inevitavelmente a repetição, mas há também uma possibilidade de trabalho frente ao sofrimento traumático, trabalho este realiado na presença de um outro capaz de reconhecer/autorizar a experiência subjetiva da vítima.

Considera-se que, seguindo a linha ferencziana, de um trauma que se refere a situações violentas, o traumático acaba apresentando-se como uma modalidade de desumanização e pode ser uma experiência de morte psíquica. Além disso, a comoção psíquica gerada pelo traumático evidencia que este instaura uma outra temporalidade, pois há uma suspensão do tempo, no presente do acontecimento, sem passado ou futuro, implicando na desorientação, portanto, outra espacialidade conforme já foi escrito.

3.3 Clivar-se diante de uma grande dor

*Diante do perigo, a holotúria se divide em duas:
deixando uma sua metade ser devorada pelo mundo,
salvando-se com a outra metade.
Ela se bifurca subitamente em naufrágio e salvação,
em resgate e promessa, no que foi e no que será.
No centro do seu corpo irrompe um precipício
de duas bordas que se tornam estranhas uma à outra.*

*Sobre uma das bordas, a morte, sobre outra, a vida.
Aqui o desespero, ali a coragem.
[...]*

Wisława Szymborska (2016, p. 142)

A clivagem decorrente do trauma psíquico representa o momento em que, diante do “terrorismo do sofrimento” (FERENCZI, [1932]/2011, p. 115), o Eu se divide *em naufrágio e salvação*. Ou, nas palavras mesmas de Ferenczi: “exprime [...] a clivagem da pessoa numa parte sensível, brutalmente destruída, e uma outra que, de certo modo, sabe tudo, mas nada sente.” (FERENCZI, [1931]/2011, p. 88). A clivagem do eu, também chamada de autoclivagem narcísica, tal como explicitada por Ferenczi, é uma defesa radical do Eu frente ao trauma desestruturante. A partir da clivagem, “a personalidade é feita principalmente de id e superego, tornando-se incapaz de afirmar-se em caso de desprazer” (FERENCZI, 1932/2011, p. 118). Há, portanto, um empobrecimento do eu, em resposta à angústia de morte.

A reação imediata ao traumático é o “choque” que faz parte da comoção psíquica vivida pelo sujeito. Como foi dito anteriormente, há nesse processo a aniquilação do sentimento de si e “da capacidade de resistir, agir e pensar com vistas à defesa do Si mesmo” (FERENCZI, [1932]/2011, p. 125). Sendo assim, ao invés da capacidade de resistir, há um alargamento da capacidade de adaptação traumática, em que facilmente se cede às percepções do outro:

A palavra *Erschütterung* – comoção psíquica – deriva de *Schutt* – restos, destroços; engloba o desmoroamento, a perda de sua forma própria e a aceitação fácil e sem resistência de uma forma outorgada, ‘a maneira de um saco de farinha’” (FERENCZI, [1932]/2011, p. 125).

Na comoção psíquica não se trata apenas de um enorme desprazer, mas de uma *grande dor*²⁵ que irrompe no psiquismo e, como tal, não pode se inscrever no inconsciente e nem ser recalçada. Ferenczi, nesse sentido, pontua: “nenhum traço mnêmico subsistirá dessas impressões, mesmo no inconsciente” (FERENCZI, [1932]/2011, p. 130). Tal concepção se alinha à perspectiva de que o traumático é da ordem de um irrepresentável, conforme propôs Knobloch (1998). Nessas circunstâncias, as manifestações corporais possuem valor de recordação.

A vítima, após passar pela violência propriamente dita, tem suas percepções sobre o ocorrido e sobre si mesma desmentidas por um adulto (e por que não pelo Estado em

²⁵ Conforme lida por Lejarraga (2008).

situações de precariedades?), a quem ela endereça uma tentativa de reconhecimento, como já visto. A partir disso, desse desmentido, inclui-se um danoso processo de introjeção do agressor e, conseqüentemente, introjeção do seu sentimento de culpa, instaurando o processo de clivagem, em que a vítima (a criança, no texto ferencziano) sente-se, ao mesmo tempo, inocente e culpada²⁶. A identificação com o agressor gera uma dor que estaria a serviço de atenuar a dor maior, aquela causada pelo desmentido. Em sua traumatogênese, Ferenczi acaba por explicitar operações psíquicas que podem estar presentes em qualquer situação de violência.

De forma semelhante à perspectiva ferencziana, Márcio Seligmann-Silva (2000) também apresenta essa discussão sobre o processo de clivagem do Eu, que ocorre nos sujeitos severamente traumatizados. O autor explicita que o sujeito que passou pelo trauma sofre pela realidade excessiva do traumático, que implicaria em um “perfuramento” do próprio campo (geográfico, simbólico e semântico) da morte. A narração do traumático, para Seligmann-Silva (2003), advém da experiência de onipresença do mortífero, especialmente em situações-limite, quando a morte está sempre a espreitar.

Diante do traumático vivido nas situações limite, que assolam o psiquismo de maneira disruptiva, cabe retomarmos a provocação ferencziana, no texto *Confusão de língua entre os adultos e a criança*: “Falamos muito de clivagem da personalidade, mas parece que não avaliamos, em sua correta medida, a *profundidade dessa clivagem*” (FERENCZI, [1932]/2011, p. 115, *grifo nosso*).

Parece-me uma maneira de olhar para essa *profundidade* da experiência da clivagem, aquilo que escreveu Jacques Roisin (2015) sobre a experiência traumática extrema, argumentando que nela há um processo de aniquilação da existência do sujeito, que vai além do confronto com a morte e da consciência da finitude humana. Mais que isso, o psicanalista argumenta que usar o termo morte pode ser até enganoso, dado que, ao falar da morte, evoca-se uma significação de perda. Sendo assim, deve-se compreender as conseqüências da *extremidade* dessa experiência.

Além disso, Roisin (2015), ao tratar da clivagem, observou que esse é o processo que garante a possibilidade de um trauma se alojar no psiquismo, dada a sua radicalidade irrepresentável. Nesse sentido, a clivagem teria também um valor estrutural, pois uma parte do sujeito é mortificada para que a outra sobreviva. Para pensar na radicalidade do trauma

²⁶ Pode-se pensar, ampliando para uma discussão sobre a fome, situações nas quais o faminto sente culpa por sentir fome, no sentido de que questões estruturais e políticas não são consideradas como partes responsáveis pelo contexto.

referido a experiências extremas, o que é preciso recuperar, em certo sentido, é a condição de dignidade humana.

No livro *A fome* são muitas as passagens com descrições que se aproximam a essa maneira de defenderem-se do trauma, como por exemplo:

Naquela onda maltrapilha e esfomeada, que se revolia como os vermes na podridão, havia dores cruciantes, mas que não podiam ser percebidas; não havia mais sensibilidade moral para avaliá-las. Pareciam embotadas as faculdades d'alma (TEÓFILO, [1890]/2011, p. 85).

Essa espécie de embotamento da alma remete ao que Ferenczi ([1931]/2011) escreveu sobre a parte sensível, nesse processo da clivagem, estar brutalmente destruída, enquanto a outra parte “sabe tudo mas nada sente” (FERENCZI, [1931]/2011, p. 88).

Assim, conforme será discutido, ao tratar de um trauma intencional, como o da fome, percebe-se que há um trabalho sendo exercido para que o desejo, a linguagem e a cultura do outro sejam efetivamente mutilados (SAGLIO-YATZIMIRSKY, 2015). Além disso, ao tratar-se da fome, que efetivamente, em casos extremos, enfraquece e mutila o corpo físico, a morte aparece, não apenas através da angústia de morte, mas a partir de sinais evidentes no corpo e suas respectivas sensorialidades. Esses sinais são constantemente descritos através de terminologias médicas, no decorrer das páginas d'*A fome*. “[...] Por cúmulo de infelicidade, não era pequeno o número de infelizes que se aproximavam da morte. A Anasarca, consequência imediata daquela vida de fome, chegava como a última tortura.” (TEÓFILO, [1890]/2011, p. 87). Dessa forma, faço coro ao que Marcelo Vignar discutiu: “Como acompanhar analiticamente esta experiência extrema? O analista deve estar aberto e disponível para esta dupla vertente, por um lado do indecifrável e da cicatriz de algo morto ou destruído no núcleo da vida psíquica.” (VIGNAR, 2005, p. 67).

3.4 Trauma intencional e a fome-tabu

Será a calamidade da fome um fenômeno natural, inerente à própria vida, uma contingência irremovível como a morte? Ou será a fome uma praga social criada pelo próprio homem? [...] Assunto tão delicado e perigoso por suas implicações políticas e sociais que até quase os nossos dias permaneceu como um dos tabus da nossa civilização – uma espécie de tema proibido ou, pelo menos, pouco aconselhável para ser abordado publicamente.

Josué de Castro (1965, p. 45)

A noção de trauma social não é propriamente uma concepção psicanalítica clássica, muito embora, em estudos interdisciplinares, ela venha sendo usada com frequência

a partir da noção freudiana de trauma. De outro modo, baseando-se em perspectiva ferencziana, Reis (2019) é taxativa ao dizer que todo trauma diz respeito também a uma dimensão coletiva, tendo em vista que a ruptura traumática se dá pela abertura de possibilidade do contexto. A partir disso, é possível pensar em diversas situações que abalam a toda uma sociedade ou comunidade e que provocam rupturas no laço social. O que a psicanálise nos alerta é que, embora uma comunidade toda passe pela mesma vivência potencialmente traumatizante, o modo como cada um vai se posicionar intrapsiquicamente frente a tal vivência é singular, o que não exclui a necessidade de reflexões acerca dos processos grupais e culturais que constituam tais vivências, as memórias coletivas e o que se escreve ou apaga das histórias desses sujeitos.

Nessa mesma discussão, o trauma social (GONDAR, 2012; KUPERMANN, 2017), considerando uma leitura ferencziana, trata-se da exposição da fratura na operação de reconhecimento das relações sociais e políticas, de modo que a traumatogênese ferencziana oferece ferramentas para o trabalho frente a esses traumas, seja na vida cultural, seja no próprio tratamento analítico.

Portanto, a dimensão traumática da fome gerada pela miséria deve incluir a perspectiva cunhada por Marie-C. Saglio-Yatzimirsky (2015) de *trauma intencional*, ou seja, um trauma gerado por outros seres humanos e por uma série de situações políticas adversas. Trata-se de um trauma deliberadamente infligido pelo contexto de exclusão e desigualdades sociais que geram formas de desamparo e dessubjetivação (ROSA, 2016).

A qualificação do trauma como “intencional” é originalmente pensada por Saglio-Yatzimirsky (2015) para a clínica com refugiados em uma instituição de saúde, onde os indivíduos passam por uma série de privações e violências. Conforme a abordagem da autora, nos casos de migrações forçadas, políticas adversas estão colocadas de forma direta. Porém, ao pensarmos a problemática da fome, isso nem sempre acontece. As violências e negligências políticas consistem em ações silenciosas e que não deixam vestígios, sobretudo em situações em que há a coalescência de fatores naturais, a exemplo das secas ocorridas no Ceará, no final do século XIX.

Na obra de Rodolfo Teófilo que narra esse evento, nota-se, em muitas passagens, a consciência de um ambiente que, seja pela ação ou pela falta dela, desumaniza os retirantes afetados pela seca e por negligências de toda ordem. Manoel de Freitas, o protagonista do livro, com frequência dá palavras a essas vivências, como no trecho a seguir:

O espírito se abate, agoniza mesmo, perante um tão vivo quadro de misérias humanas. Ao mesmo tempo, o corpo definha, mal alimentado, à falta de ordem na distribuição dos víveres do governo. Os socorros são mal distribuídos. Trocam a

ração pelo trabalho, mas por um trabalho penoso, superior às forças dos famintos [...] (TEÓFILO, [1890]/2011, p. 161).

Waldemar Pereira Filho, no prefácio da última edição do livro *A fome*, de Teófilo (2011), escreve que a tese trazida no livro é o de que a fome reduz o homem a uma condição de besta, de fera, uma situação extrema causada pelo flagelo. Esta é uma leitura tradicional, principalmente quando a obra é lida como naturalista, entretanto, é problemática essa visão pois, historicamente, esse argumento serviu para justificar muitos outros agravos. O historiador Durval Muniz de Albuquerque (1999) aponta que são rostos construídos ou desconstruídos pelo pincel da fome e da seca. Dessa forma, também são silenciados por estereotipizações e julgamentos, pois o que está por trás da tentativa de animalização de pessoas é a exclusão destas de uma comunidade, a qual envolve a garantia de direitos.

A fome é uma das consequências de uma ação ou negligência de um outro que, no caso, é a figura do governo que não implementa políticas de Estado. Esse outro que, em tese, deveria ser fiável, mas que agride, ativa ou passivamente, o sujeito que passa por isso. Nesse sentido, faz parte do trauma social a evidência das fraturas nas operações de reconhecimento social dos direitos e da dignidade humana no campo das relações sociais e políticas.

Assim, no silenciamento e na estereotipização, há uma mesma lógica que sustenta a concepção de fome-tabu sobre a qual Josué de Castro (1930-1973) escreveu, pois, tanto a fome de alimentos como a fome sexual fariam parte de um instinto primário, por isso chocaria com os valores de uma cultura supostamente racionalista como a nossa (CASTRO, 1984). Não é a fome que animaliza ou desumaniza, se é que é possível dizer algo assim, mas o silêncio e a indiferença diante dela.

Ao publicar a sua obra mais conhecida, *Geografia da Fome (O dilema brasileiro: Pão ou Aço)*, Josué de Castro (1984) dedicou-a à memória de Rodolfo Teófilo e Euclides da Cunha, nomeando-os sociólogos da fome no Brasil. Não por acaso, nos seus escritos e ações preocupou-se em explicitar que a fome não é um problema natural, não depende mais de fatores da natureza; pelo contrário, a fome é fruto da ação dos homens.

Sua obra foi uma tentativa de retirar os véus do tabu da experiência da fome em terras brasileiras. Expondo as feridas abertas de nossa história, deixava evidente que o aspecto moral da experiência da fome, como se lê em: “Nenhuma calamidade é capaz de desagregar tão profundamente e num sentido tão nocivo à personalidade humana como a fome quando alcança os limites da verdadeira inanição.” (CASTRO, 1984, p. 232).

Tal compreensão - a de que se trata de um trauma *intencional* - significa levar em conta a cultura que o sujeito está inserido e os laços que o envolvem (SAGLIO-

YATZIMIRSKY, 2015). O sujeito, por vezes, para sair dessa condição imobilizadora, precisa de um anteparo de quem escuta, para que se possa dar bordas à experiência traumática, de alguém que se coloque na posição de testemunha. Considerar as questões colocadas, nomear determinados sofrimentos na perspectiva da intencionalidade, pode funcionar como um reconhecimento daqueles sofrimentos, como uma oposição às posturas que desmentem e desvalorizam o que está sendo colocados pelos sujeitos.

Além disso, sabe-se da tese freudiana de que o homem tenderia a buscar excluir a morte da vida ordinária, ainda que se trate de algo natural, inegável e inexorável, conforme colocou em seu texto escrito em 1915, *Reflexões para os tempos de guerra e morte*. Ainda segundo Freud, desde o inconsciente, todos acreditam em sua própria imortalidade. Entretanto, tal posição é colapsada quando a morte atinge as pessoas próximas: “Enterramos com ele as nossas esperanças, pretensões, prazeres, não nos deixamos consolar e nos recusamos a substituir aquele que perdemos. Conduzimo-nos então como uma espécie de Asra, que também morre quando morrem aqueles que ama.” (FREUD, [1915]/1996, p. 119).

Freud ([1915]/1996) segue ressaltando o intenso respeito com que é tratada a morte do outro, na mesma medida em que o homem busca através da ficção, como na literatura ou no teatro, substitutos para as perdas reais. Parece-me que, quando Rodolfo Teófilo coloca uma lupa, através dos escritos literários, em episódios que envolvem a morte de entes queridos e de desconhecidos (considerando os escritos sobre a grande seca cearense), traz a expressão das fraturas de sentido provocadas pelo mortífero da fome, uma tragédia anunciada com condições de ser evitada, mas que aparece em um contexto cearense e brasileiro como constante presença.

Conforme interpretou o biógrafo Lira Neto, a revolta de Rodolfo Teófilo era com a peste do poder. Podemos resgatar muitos episódios em sua vida em que essa postura era reiterada, a exemplo da perseguição empreendida pela oligarquia Accioly, na ocasião do mandato de Antônio Pinto Nogueira Accioly. Em sua gestão foram criadas falsas notícias publicadas no editorial *A República*, sobre os efeitos da vacina contra a varíola, criada e aplicada por Teófilo em centenas de cearenses. Na ocasião, Teófilo sofrera a acusação de que a vacina provocara a morte de uma criança, inoculando o germe da meningite²⁷.

Cito aqui as palavras de Lira Neto: “Rodolfo não conseguia entender como o governo, para atingi-lo, arriscava a vida de milhares de cearenses, insistindo em propagar campanha de difamação contra a vacina” (NETO, 1999, p. 163). Apesar dos governantes,

²⁷ Informações retiradas da biografia escrita por Lira Neto (1999).

Rodolfo Teófilo conseguiu comprovar a eficácia da vacina e continuou a vacinar os cearenses até o final de sua vida.

Mais uma vez, trago a atualidade da obra literária. Em entrevista concedida em 30 de maio de 2021²⁸, Daniel Kupermann argumenta sobre os negacionismos presentes em contexto brasileiro de pandemia. Conforme Kupermann, em certo sentido, a negação da morte faz parte da vida cotidiana, e da própria constituição psíquica. Por outro lado, essa negação torna-se um problema se transformada em política de Estado. Esse é o caso brasileiro: a negação da gravidade da pandemia de coronavírus atrapalhou, inclusive, a adoção das medidas sanitárias pela população brasileira, assim como pelas notícias falsas que foram veiculadas sobre o fato.

Kupermann percebeu três tipos de negacionismos atuando no período da pandemia: ilusório, hipócrita e pragmático. O primeiro, negacionismo ilusório, seria o mais universal e se refere à ilusão da imortalidade, onipotência, uma exacerbação de um traço do ser humano. O segundo, negacionismo hipócrita, estaria relacionado às pessoas com maior poder econômico que protegem a si mesmas e aos seus familiares na vida privada e na vida pública, e sustentam discursos que negam a gravidade da situação pandêmica, em uma recusa à empatia com aqueles que não tiveram condições de fazer isolamento social, por exemplo. O terceiro tipo de negacionismo, o pragmático, se referiria às classes menos favorecidas economicamente, que negam a gravidade por não terem condições práticas de proteção contra o vírus, dado que seguiram trabalhando presencialmente, continuaram a fazer trajetos diários em transportes públicos e em moradias compartilhadas por muitos familiares.

Pensando nesta última postura, retoma-se aqui algumas reflexões:

Se antes já existia uma clara prática segregativa, cujo principal alvo era (e ainda é) o indivíduo considerado perigoso encerrado em espaços de segregação (favelas, cracolândias e presídios, por exemplo), hoje essa lógica é atualizada em nome do novo coronavírus. Agora se trata dos que podem ficar isolados e dos que não podem. Anteriormente, tínhamos a violência policial eliminando várias vidas não passíveis de luto, hoje temos também o descaso do governo e das elites diante de uma enorme parcela da população que não possui recursos mínimos para manter os cuidados necessários de prevenção à covid-19 (MARTINS *et al.*, 2022, p. 178).

Em muitos trechos de livros do Teófilo, restam apenas mortes que não são passíveis do trabalho de luto e que, antes disso, foram privadas de dignidade na vida. Essa questão remete a uma reflexão contemporânea de Judith Butler (2019, p. 38): “se uma vida

²⁸ Link da entrevista: <https://www.terra.com.br/noticias/coronavirus/o-negacionismo-atrapalha-a-adocao-de-medidas-sanitarias-diz-psicanalista-da-usp,b7af28d5c2e9d48467f1484b8b231de3kpwremg4.html>. Acesso em: 22 abr. 2022.

não é digna de luto, ela não é bem uma vida: ela não se qualifica como uma vida e nem é digna de nota. A vida já está desenterrada, se é que pode vir a ser enterrada.”

Sabe-se que, em contextos extremos, como os das guerras nas invasões e nas migrações forçadas, a fome também é uma maneira de matar silenciosamente, pois são mortes que não sangram e não deixam rastros a serem denunciados. No que se refere aos campos de concentração cearenses ocorridos no século passado, há uma exemplificação desse ato de extrema violência, escrito pela historiadora cearense Kênia Rios:

Para barrar a marcha dos retirantes rumo a Fortaleza e a outras cidades do Estado, foram erguidos sete ‘Campos de Concentração’ (em Ipu, Quixeramobim, Senador Pompeu, São Mateus, Crato e dois em Fortaleza). Eram locais para onde grande parte dos retirantes foram recolhidos a fim de receber do governo comida e assistência médica. Dali não podiam sair sem autorização dos inspetores do Campo. Haviam guardas vigiando constantemente o movimento dos concentrados. Ali ficaram ‘encurralados’ milhares de retirantes a morrer de fome e doenças. Entre abril de 1932 e março de 1933 foram registrados mais de 1.000 mortos somente no Campo de Concentração de Ipu²⁹ (RIOS, 2014, p. 68).

Assim, pensar o traumático de situações de fome envolve considerar a constante espreita do mortífero. Nesse sentido, o trauma gerado pela fome pode, em seu sentido extremo, além de se apresentar como um símbolo “das formas arcaicas de separação, a perda de uma relação umbilical com o corpo do outro” (MARTINS, AZEVEDO; KUPERMANN, 2020, p. 49), pode ser uma experiência de morte psíquica. Considero, por fim, que a pulsão de morte trabalha de modo silencioso, diferente dos ruidosos representantes da pulsão de vida. Esses ruídos são decorrentes dos muitos representantes psíquicos que as pulsões de vida podem apresentar, enquanto que a pulsão de morte possui a “dimensão de não representabilidade” (KNOBLOCH, 1998, p. 101).

Portanto, todas essas questões serão consideradas para pensar as discussões sobre o testemunho: expressão das fraturas provocadas pelo traumático, assim como do trabalho frente a elas.

²⁹ Dados retirados do livro de óbitos da Igreja Matriz do Município de Ipu, conforme descrito pela historiadora.

4 TESTEMUNHAR, APESAR DE TUDO

Neste capítulo, discutirei a concepção de testemunho, de teor testemunhal ou o ato de testemunhar, *apesar de tudo*, conforme o livro de Rodolfo Teófilo presentifica. O livro é escrito apesar da catástrofe humanitária da fome, da epidemia de varíola e da dimensão do indizível do trauma, que se inscreveu nas imagens trazidas por Teófilo.

Além disso, seguindo as pistas deixadas por Georges Didi-Huberman (2020), em seu livro, *Imagens, apesar de tudo, apesar de tudo*, significa também que não se deve negar as dimensões do inimaginável e do irrepresentável das experiências traumáticas, mas se deve olhar e trabalhar, no sentido freudiano, perlaborar imagens, construir (pensamentos) com imagens e apesar das imagens e de tudo. Da mesma forma, penso essa perspectiva ao ato de testemunhar, na construção de vias simbólicas para as experiências.

A perspectiva de Didi-Huberman (2020) propõe essa inquietação diante da imagem, em oposição a um fechamento da experiência estética em imagens absolutas, como a possibilidade de ler as imagens a partir de suas “brechas” e “relampejos”. Tal proposição se presentifica em um limiar: entre o impossível por direito e a necessidade, de fato, de que sejam retomadas as imagens e testemunhos do passado.

Com isso, Didi-Huberman não desconsidera, e nem é o nosso interesse, aquilo que há de radical no que significa o inimaginável/irrepresentável de experiências traumáticas. Diante dessas experiências, Didi-Huberman (2020) pontua sua perspectiva, pretendendo negar o inimaginável e o irrepresentável como um lugar de imperativo. A proposição, conforme tomo de empréstimo para a dissertação, é de que o ato do testemunho é uma maneira de retirar da lógica do desmentido essas vivências.

Ao olhar para algumas das críticas recebidas na ocasião da publicação d’*A fome*, encontro também disparadores para nossa discussão sobre o teor testemunhal. Vimos que as críticas ao texto enfocam especificamente em características dos textos das literaturas de testemunho, a exemplo dos excessos de descrições, da literalidade e da falta de lirismo.

Ao trabalhar com a obra, *A fome*, de Rodolfo Teófilo, e pesquisar como foi a recepção de seus escritos, é possível perceber que o escritor cearense teve, erroneamente, sua principal obra literária duramente criticada³⁰ por falta de estilo literário, artístico e até mesmo por falta de verdade ao tratar o terrível período da seca cearense. Por outro lado, em críticas sobre essa mesma obra, obtive reconhecimento por apresentar um *livro vivido* e por não

³⁰ Conforme exposto por Sânzio de Azevedo (1985).

faltarem, infelizmente, os modelos para que ele construísse um texto verdadeiro (AZEVEDO, 1985). Ainda que o autor não estivesse testemunhando uma fome vivida em seu próprio estômago, como é o caso, por exemplo, da literatura produzida por Carolina Maria de Jesus (2014)³¹, o teor testemunhal de Rodolfo Teófilo, em específico, foi possível graças aos processos de identificação ao símbolo³², que faz parte das obras que só existem por meio de um trabalho de extensão simbólica e imaginária.

Nesse sentido, como já foi dito, Josué de Castro é uma referência incontornável para pensar sobre a fome e o tabu que a sociedade silenciava em sua época e que, ainda hoje, evita debater e intervir. Em seus livros, tratou sobre esse tabu e explicitou sua revolta frente à diminuta produção bibliográfica acerca desse problema mundial que é a fome. Foi leitor de Freud e inspirou-se na obra freudiana para pensar a concepção de tabu. Josué considerava a fome, assim como o sexo, um tabu, pois pertencia aos assuntos impuros e escabrosos, e dizia ainda que

Trata-se de um silêncio premeditado pela própria alma da cultura: foram os interesses e os preconceitos de ordem moral e de ordem política e econômica de nossa chamada civilização ocidental que tornaram a fome um tema proibido ou, pelo menos, pouco aconselhável de ser abordado publicamente (CASTRO, 1984, p. 20).

Do início do século passado, tempo dos escritos de Josué de Castro, até os tempos atuais, houve uma inegável mudança, ao menos no que se refere a abordar esse assunto publicamente. Cito como exemplo, o principal programa federal de atuação nesse sentido, o Programa Fome Zero, desenvolvido durante o mandato do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva e que, conforme Pontes (2004), obteve sucesso ao explicitar que o ponto nevrálgico do problema da fome não está no abastecimento irregular ou no controle de preços, mas em sua raiz econômico-social e política.

Rodolfo Teófilo, Josué de Castro e Carolina Maria de Jesus trabalharam em prol

³¹ Na literatura produzida por alguém que viveu a fome em seu próprio estômago, e sentiu em sua própria pele e as marcas do racismo que vivia no seu *Quarto de despejo* (1960). Em que percebemos o testemunho corporificado, conforme lemos nas palavras de seu livro: “A tontura da fome é pior do que a do álcool. A tontura do álcool nos impele a cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é horrível ter só ar dentro do estômago”. Sob efeitos de atravessamentos sociais, políticos e econômicos muito diversos, o ponto em que os testemunhos literários produzidos por Rodolfo Teófilo e Carolina Maria de Jesus coincidem é no trabalho em prol do desvelamento do tabu da fome no Brasil.

³² A concepção de símbolo que nos referimos é a concebida por Ferenczi: “a condição para o surgimento de um verdadeiro símbolo não é de natureza intelectual, mas afetiva” (FERENCZI, 1913a, p. 106). Tal concepção diverge daquelas estruturalistas que privilegiam a linguagem e a palavra. Para Ferenczi, as subjetividades se constituem a partir das relações entre o corpo e o mundo. Nessa perspectiva, a linguagem seria uma dessas relações. A identificação que cito ao símbolo faria parte dessas relações que Rodolfo Teófilo teve durante sua vida, desde suas experiências sensíveis, que culminaram em suas produções literárias, historiográficas e estéticas.

do desvelamento do tabu da fome, e foram intérpretes dessa realidade. Seus testemunhos retiram, de forma definitiva, o problema desse flagelo de uma perspectiva natural (decorrente de escassez da natureza), para situar como ação, ou falta dela, de outros homens em sociedade. Em contextos e perspectivas distintas, os três autores foram figuras importantes na denúncia da fome como ferida aberta em nosso país, que revela a dimensão da intencionalidade do trauma.

Nesse sentido, suponho que a obra *A fome* tenha sido uma maneira de trabalho psíquico para Rodolfo Teófilo, uma vez que, através da literatura, o autor tratou dos efeitos inimagináveis do mortífero, assim como dos efeitos do “inferno fabricado por outros homens” (DIDI-HUBERMAN, 2020, p. 35).

Um testemunho remete a um trabalho psíquico de travessia frente a uma “*ferida na memória*” diante da catástrofe, conforme escreveu Márcio Seligmann-Silva (2000) inspirado na teoria freudiana. Trata-se, nesse sentido, de um processo de nomeação para o traumático e, justamente por esse motivo, é uma tarefa impossível, pois, como discutimos no segundo capítulo, é característico do trauma ser inassimilável ao aparelho psíquico, irrepresentável. Ao mesmo tempo, o testemunho aparece como *necessário*, como uma tentativa de dar formas, de sair do exílio do campo simbólico e de trabalhar como o indizível daquilo que excedeu a capacidade do pensamento.

Dada esta contextualização, este capítulo será dividido em três partes. No primeiro subcapítulo será feito um breve apanhado biográfico de Rodolfo Teófilo, por tratar-se de um autor que não obteve destaque no cenário nacional, tampouco regional, apesar de sua vasta obra literária, histórica e humanitária. Também por considerar que existem traços de seu caráter e de sua história pessoal inevitavelmente impressos nas obras, que valem a pena serem destacados e registrados. Além disso, por fazer parte dos interesses desta pesquisa, considerou-se relevante situar o contexto em que as obras foram escritas, dentro de um caldo cultural cearense de efervescentes posturas científicas, literárias e sociais.

No segundo subcapítulo, trarei para a discussão uma novela, *A Violação*, a qual contém aspectos autobiográficos e que mistura fatos de sua infância. O contexto se passa no período de uma grave epidemia no Ceará e a obra joga constantemente com aquilo que é pura ficção, com acontecimentos que marcaram sua infância. Nessa novela, há uma mostra da imbricação entre o que é teor testemunhal em sua literatura e aquilo que é essencialmente ficção, localizando a ficcionalização como uma maneira de dar testemunho da dimensão do horror do traumático, sendo este último detidamente discutido no segundo capítulo.

No terceiro subcapítulo, será discutida a concepção geral de teor testemunhal e situar-se-á de que modo o teor testemunhal da obra literária de Rodolfo Teófilo pode trazer questões fundamentais para os objetivos desta pesquisa, tanto sobre o traumático envolvido nas vivências de fome, como o atravessamento feito pelo seu testemunho.

4.1 Elementos biográficos de Rodolfo Teófilo: um testemunho da fome e da peste

A minha vida foi uma luta sem tréguas pela verdade. Raros foram os que me compreenderam. Nessa amorosa tenda tive innumeras vezes de combater os presumidos, os viciados. Não escapei por isso ao dente da inveja, da maledicência: desprezei-o. Estive sempre ao lado dos fracos, dos oprimidos. O que por elles senti, reflecte-se em meus escriptos. Convivi com o povo, chorei com elle as suas desventuras e cantei as suas glórias. Quanto mais cultivava o espirito, mais piedade tinha dos desgraçados. Nunca ri das jogralidades de um bêbado nem das astúcias de um ladrão. Eram infelizes, dignos somente de compaixão. Descobri-me sempre deante da desgraça.

Rodolfo Teófilo (1910, p. 43)

Rodolfo Marcos Teófilo³³ nasceu no ano de 1853, em Salvador. Com um mês de vida foi levado para Fortaleza, de modo que sua identificação de origem, conforme escreve em 1924 em carta a um amigo, é declaradamente cearense: “Sou cearense porque quero. [...] Nasci baiano por um acidente; mas de coração sou todo cearense” (TEÓFILO, *apud*, COLARES, 1975, p. 39). Filho dos cearenses Marcos José Teófilo (1821-1864) e de Antônia Josefina Sarmiento Teófilo (1832-1857), era o mais velho de seis irmãos.

A vida de Rodolfo Teófilo³⁴, como ele mesmo escreveu, foi *uma luta sem tréguas*, tanto no que diz respeito à vida pública, quanto as suas batalhas mais íntimas. Antes de seu nascimento, sua mãe Antônia Josefina passou por uma gravidez de risco, ocasionando um aborto acidental que deixou sua saúde, já muito debilitada, em frangalhos. Enquanto isso, seu pai, Marcos José, circulava pelos confins das terras cearenses, desempenhando o cargo de “médico da pobreza”, como eram chamados aqueles contratados pelo governo para atender as pessoas carentes, em plena epidemia de febre amarela. Logo após o aborto acidental, Antônia engravidara novamente. Dado o contexto, a gravidez gerou grande preocupação em Marcos, considerando as condições de saúde da esposa, o que fez com que resolvessem que o parto do

³³ A grafia original do nome é Rodolpho Marcos Theophilo. Entretanto, é usual a grafia atualizada Rodolfo Teófilo, a qual adoto por ser mais corrente.

³⁴ Todas as informações biográficas desta seção têm como referência a biografia de Rodolfo Teófilo, escrita por Lira Neto, intitulada “O poder e a peste: A vida de Rodolfo Teófilo”. Por motivos de fluidez do texto, optei por não repetir a referência em todos os parágrafos, visto serem dados da mesma fonte.

primogênito seria em Salvador, na Bahia, onde as condições eram mais favoráveis.

Assim, estava travada a primeira luta de Rodolfo Teófilo, a do nascimento, em um contexto de pouca saúde de sua mãe e da alastrada epidemia de febre amarela. Em 6 de maio de 1853 nascia o bebê que, 45 dias depois, seria batizado na capital do Ceará, Fortaleza, com o nome Rodolfo Marcos Teófilo, “um bebê magricela, a cabeça muito pequena, quase todo feito de braços e pernas, comprido e feio; de dar pena” (NETO, 1999, p. 26). Esse efeito de comisseração usado pelo biógrafo Lira Neto parece ser uma extensão do modo como o próprio Rodolfo Teófilo tinha consigo mesmo.

Aos quatro anos de idade, presenciou a morte de sua mãe. Antônia Josefina faleceu de anemia profunda, diagnosticada pelo marido, após ter vivido sem descanso uma gravidez atrás da outra (a de Rodolfo e de suas irmãs Flora e Florisbela). Não demorou muito para o pai das três crianças pequenas buscar por alguém que o ajudasse a criar os filhos. Ana Guilhermina Sarmiento, a irmã mais nova da falecida Josefina, passou a ser quem cuidava das três crianças, tornando-se a nova companheira de Marcos Teófilo, sendo Rodolfo o único dos filhos a se negar a chamá-la de mãezinha. Passado algum tempo, a então madrasta, e tia de Rodolfo, deu à luz a três filhos: Afonso, Júlia e Laura.

Consta na biografia de Rodolfo Teófilo que ele foi uma criança com muitos medos, “aluado” e que, apesar de ter muitos irmãos, passava muito tempo sozinho. Quando tinha nove anos, em Maranguape, município que atualmente fica a 26km de Fortaleza, presenciou desde a sua casa, procissões de centenas de pessoas tentando salvar-se da peste ainda mais violenta que a epidemia anterior de febre amarela. Naquele ano, a epidemia de cólera massacrou milhares de cearenses e instaurou o pânico em todo o estado. Nesse período, a família de Rodolfo ficou trancada em casa para se proteger da epidemia, com exceção do pai, que circulava nas cabeceiras das camas dos enfermos. Rodolfo, profundamente afetado pela situação, negava-se a comer e beber qualquer coisa e trancava-se no quarto, saindo apenas quando o pai retornava do expediente de trabalho.

Teófilo narrou, na novela *A violação*³⁵, publicada em 1898, um episódio³⁶ ocorrido 36 anos antes, quando, com pouca idade, presenciou “a triste cena da bruteza humana” (TEÓFILO, [1898]/1979, p. 236). A novela se passa durante a epidemia do cólera que assolava a cidade de Maranguape, onde vivia com seu pai, sua tia/madrasta Guilhermina e seus irmãos e criados. A novela possui elementos autobiográficos enredados na catástrofe que

³⁵ A novela é reeditada em 1979 e publicada pela Academia Cearense de Letras, em parceria com a editora José Olympo.

³⁶ Na biografia escrita por Lira Neto, há ressalva quanto aos aspectos de ficção ou “verdade” desse episódio.

presenciou ainda criança. Percebe-se essa narrativa como uma contação de acontecimentos que deixaram marcas em toda a vida e a escrita de Rodolfo. Em sua biografia, Lira Neto fez um comentário pontual sobre um dos episódios narrados, a morte e o sepultamento da sua irmã recém-nascida. Escreveu que, após deixar sua irmã sobre um monte de cadáveres, “Não olhou para trás. Tinha medo de conferir se a morte o acompanhava.” (NETO, 1999, p. 40).

Mas a morte, de certa forma, o acompanhara. Pouco tempo depois dos episódios narrados em *A violação*, seu pai, famoso médico sanitário, sucumbira a uma depressão severa, após carregar por muito tempo o peso da falência e a frustração por ter se candidatado à carreira política e não ter obtido sucesso. Em 1864, Marcos José Teófilo contraiu beribéri e faleceu, deixando Rodolfo com 11 anos de idade, mais seis irmãos órfãos e com uma dívida a pagar, contraída pelo chefe da família.

Rodolfo, em profundo luto, só passou a religar-se com a vida ao ser mandado a um colégio interno em Fortaleza, pago pelo padrinho, com o intuito de que futuramente tiraria a família da pobreza. Depois de alguns anos, o padrinho recusou-se a pagar pelos estudos de Rodolfo, o que fez com que ele trabalhasse como caixeiro-viajante.

De 1871 a 1876, cursou Farmácia na Faculdade de Medicina da Bahia. Rodolfo via nos estudos a única maneira de libertar-se de sua condição de trabalho extenuante como caixeiro-viajante. Foi o que o movimentou a ser, conforme dito anteriormente, um homem de letras e de ciência, escritor e sanitário.

Presenciou, no período de sua formação na Bahia, o surgimento da Academia Francesa (1872–1875), que era uma agremiação que iniciou um movimento de reação ao romantismo vigente no Ceará. Devido a esse grupo, foi consolidando a sua atuação científica e cívica, de filiação ao positivismo, evolucionismo e determinismo. O contexto da época era o da efervescência dos impactos em terras brasileiras dos ideais modernos vindos da Europa. Os problemas sociais e as crises vividas após o aumento da população nas grandes cidades passaram a ser interpretadas a partir dessas perspectivas.

Após dois anos da obtenção do diploma em Farmácia, retornou à capital cearense para exercer a profissão, justamente no período em que a cidade foi atingida pelos efeitos de uma das piores secas do Ceará e por uma epidemia de varíola. Esse contexto tornou-se o pano de fundo de inúmeros escritos de Rodolfo Teófilo, entre eles, *A fome*.

A população que chegava em Fortaleza em busca de melhores condições era recebida com descaso e negligência dos governantes, o que facilitou com que a varíola e a fome, com o mesmo fulminante contágio, fizessem parte do cotidiano da maior parte da população que lá vivia.

A história parecia estar se repetindo, igualzinha, sem tirar nem pôr. Bem sabia, daqui a pouco, não seriam apenas os retirantes a engordar as estatísticas da peste. O transporte dos corpos, feito sem nenhum cuidado sanitário, estava colocando em risco toda a população (NETO, 1999, p. 95).

Rodolfo vira se repetir a devastação que a peste e a miséria geraram em sua infância, porém, nessa altura da vida, questionava muito mais os governantes e as pessoas que poderiam intervir e não o faziam do que a natureza ou o destino.

Como sanitarista, fabricou uma vacina contra a varíola e promoveu fortemente, de maneira quixotesca (SOMBRA, 1997; NETO, 1999), a campanha de vacinação gratuita para a população cearense, trazendo visibilidade ao seu trabalho “para o bem e para o mal” (MORAES, 2020, p. 19). Ao longo de sua campanha, foi duramente atacado pela oligarquia Accioly, que dominava politicamente a província cearense.

Enquanto homem de letras da *Belle Époque* cearense, foi professor, romancista e cronista. Além disso, foi historiador das secas, registrando através de sua produção, vasto conteúdo histórico, além da exposição de corrupções do poder das oligarquias. Esse acervo é composto das seguintes obras: *Secas do Ceará* (1901), *Varíola e vacinação do Ceará* (1904), *Violência* (1905), *Memórias de um Engrossador* (1912), *Libertação do Ceará* (1914), *Sedição 177 de Juazeiro* (1915), *A seca de 1915* (1919), *Varíola e vacinação no Ceará* (1919) e *A seca de 1919* (1922).

No tocante à recepção de seu trabalho na literatura, foi “ora reconhecido, ora ignorado” (MORAES, 2020, p. 10). Desse modo, sua vida, atuação social, bem como sua produção intelectual, instigaram a escrita de três biografias diferentes: *Rodolpho Theophilo – O Varão Benemérito da Pátria – Vida e Obra* (1997), escrito por Waldy Sombra; *O Poder e a Peste – A Vida de Rodolpho Theophilo* (1999), escrito pelo jornalista Lira Neto; e *Rodolpho Theophilo – O polivalente polêmico* (2009), escrito por Ednilo Gomez de Soárez. Além disso, sua obra está sendo retomada no Ceará, a partir de artigos, teses e dissertações feitas principalmente na Universidade Federal do Ceará³⁷ e na Universidade Estadual do Ceará³⁸.

No que diz respeito as suas lutas na cena pública, não apenas foi testemunha ocular e produtor de dezenas de obras com traços desse testemunho, como também interveio ativamente nos principais acontecimentos ocorridos durante a sua vida, conforme registram as palavras de um de seus biógrafos:

³⁷ Acesso para as publicações em: <http://www.repositorio.ufc.br/simple-search?query=RODOLFO+TE%C3%93FILO>.

³⁸ Acesso para as publicações em: <https://siduece.uece.br/siduece/pesquisarItemPublico.jsf;jsessionid=429226520A3A77A6257CC97711EFF2A3>.

Rodolfo [...] esteve na linha de frente em todos os episódios que Fortaleza viveu na passagem do século XIX para o século XX: as epidemias de cólera, varíola e febre amarela, as grandes secas, o movimento abolicionista, a luta contra a oligarquia Accioly e a revolta popular que a depôs, a sedição da Juazeiro de Padre Cícero. Como se não bastasse, foi um dos fundadores da Padaria Espiritual, grupo literário que reuniu os maiores intelectuais cearenses da época e ficou célebre pelo fato de seu manifesto antecipar, em nada menos de duas décadas, em pleno Ceará, toda a irreverência dos pressupostos da Semana de Arte Moderna de 22 (NETO, 1999, p. 13).

Em 2020, a obra *A fome* completou 130 anos de publicação. Demonstra-se flagrante a atualidade³⁹ desse texto, dado o recrudescimento do contexto sindêmico no retorno do Brasil ao Mapa da Fome e na profunda indiferença de parte dos governantes em relação aos mais pobres. Essa postura assumida faz com que questionemos: que lugar de memória ou de esquecimento é possibilitado na cultura cearense e nacional para esse clássico? Que “perguntas” essa obra traz para pensarmos a contemporaneidade?

Compreendemos que a obra de Rodolfo Teófilo apresenta discussões sobre a dimensão traumática da fome e convoca o leitor a aproximar-se dessa realidade. Entendemos que sua posição – por vezes polêmicas – frente aos acontecimentos de seu tempo, era a tentativa “fotográfica” frente ao que lhe ocorreu e aos seus contemporâneos, muito aliada ao discurso científico de seu tempo. Por outro lado, a partir da psicanálise, desencontro das descrições totalizantes, uma vez que me encontro nas brechas, na divisão que comporta a aparição do inconsciente. Ainda assim, apesar desse paradoxo entre a intencionalidade de *tudo mostrar* do autor, e das leituras próprias à psicanálise, saliento que busco naquilo que não pode ser dito sobre as experiências da fome, vislumbrar o paradoxo em que a nossa leitura se apoia.

4.2 A violação: do corpo ao texto

Diferente de outros escritos do autor, o teor de dramaticidade incutida na novela *A violação* deu para a narrativa um tom confessional. Nessa novela, que será o tema deste subcapítulo, Rodolfo Teófilo traz *um testemunho de sua própria experiência*⁴⁰. Ao iniciar a

³⁹ Recentemente escrevemos um artigo para tratar dessa questão, publicado pela Revista Acta Scientiarum, Language and culture, e intitulado “A recusa da denegação da fome na obra de Rodolfo Teófilo: uma leitura psicanalítica” (2021), escrito por Karla Patrícia Holanda Martins, Fabiano Chagas Rabêlo, Reginaldo Rodrigues Dias e Samanta Basso.

⁴⁰ Para a pesquisadora de literatura Cathy Caruth (1995), existem três níveis do testemunho, sendo o primeiro o “testemunho de sua própria experiência”, e o segundo “testemunho de ser testemunha da experiência de outros”. Rodolfo Teófilo parece fazer o interessante trânsito entre essas duas modalidades em seus escritos, e essa escolha do escritor cearense evidencia os momentos em que ele (re)escreve suas experiências, mas também transborda o modo como foi constituído por experiências de sofrimentos das pessoas e da cultura que o circundava. Essa

narrativa, Rodolfo escreveu: “Eu era bem criança; tinha apenas nove anos, mas conservo estereotipado em mim tudo que vi daquela medonha peste” (TEÓFILO, 1979, p. 236). Já aponta, nesse início, a função que a visão e as imagens têm no decorrer da obra, além de signos de percepção que fazem parte da história tanto quanto os diferentes personagens.

Em toda a sua obra, Rodolfo Teófilo reforçou o seu lugar de testemunha ocular. Como, por exemplo, em *Secas do Ceará: Segunda metade do século XIX*, ele escreveu: “Este livro é uma narração resumida e fiel de todas as secas que assolaram o Ceará na segunda metade do século XIX, das quais fui testemunha ocular. Outros podiam escrevê-lo com arte, mais proficiência; ninguém, posso afirmar, seria mais sincero” (TEÓFILO, 1901, p. 7).

No que se refere à novela, no decorrer das páginas são detalhadas histórias que se confundem com aquelas efetivamente vividas por Rodolfo Teófilo, e outras, a exemplo da história narrada no último capítulo, que ele ouviu de vizinhos. Elas apresentam encontros do narrador com as expressões do mortífero, da desumanização, de uma doença ora chamada pelo nome cólera-morbo, ora por peste.

A peste de então estaria disseminada por toda a cidade, causando choque e pânico na população que, sem aviso prévio, enfrentou essa tormenta. “A peste tinha nivelado todos e embotado a sensibilidade até no coração amorável das mães!... Pelos tormentosos dias de nosso lar eu avaliava as aflições que iam por toda a vila” (TEÓFILO, 1979, p. 237).

Não demorou muito a chegar na casa dos Teófilo, contaminando e deixando todos em condições muito debilitadas, menos o próprio Rodolfo, que foi o único a não ser contagiado pela doença. Estaria travada sua segunda grande batalha, pois passou a cuidar de todos da casa e teve a terrível incumbência dada pelo pai de enterrar a irmã Maria que, com menos de um dia de vida, falecera pelo contágio da doença.

A experiência de levar sozinho ao sepultamento a irmã morta marcou profundamente o narrador. O abatimento moral e o desespero diante da situação foram dando lugar a apatia, conforme escreveu neste trecho: “O meu ser já não se pertencia, não tinha aflições; era um autômato⁴¹ que o pânico subjugava e dirigia. Assim, violentando toda a minha piedade de afetivo, sacrificando tudo que de sensível existia em mim” (TEÓFILO, [1890]/1979, p. 241).

Gradativamente, a novela vai aumentando o tom melodramático e grotesco, fazendo com que as fronteiras entre os acontecimentos narrados e a ficção fiquem ainda mais

discussão está presente no segundo capítulo dessa dissertação.

⁴¹ No primeiro capítulo desta dissertação foram discutidos os efeitos subjetivos do trauma, sendo um deles a clivagem do eu, uma divisão entre aquilo que foi severamente traumatizado e outra parte que deixa de sentir para permanecer vivo.

borradas do que já são. Até chegar no último dos capítulos, onde altera o narrador, um jovem de 20 anos, estudante de Direito que estava de férias no vilarejo, com sua família e noiva. Após contrair a doença, vai narrando com riqueza de detalhes o desenvolvimento em seu corpo:

O mal evoluía em mim com incrível rapidez. Começou por náuseas, que logo se transformaram em vômitos, mas em vômitos que não paravam. Vieram as dejeções e com a mesma freqüência mais de trinta por hora. Estava desmanchando-me em água; o que saía de mim era somente líquido. Em poucas horas a moléstia tinha me dissolvido toda a carne do corpo, só deixando a pele e os ossos! A minha figura devia estar hedionda, repelente, e no entanto, ela (a noiva), que me servia de enfermeira, que viera pôr-se ao meu lado, logo que soubera estar eu pesteadado, não procurava evitar-me as feições, não mostrava nojo de mim. E eu devia estar nojento, como um esqueleto sujo. Ao passo que a carne me desaparecia do corpo, o espírito tornava-se mais lúcido, mais claro o meu entendimento (TEÓFILO, [1890]/1979, p. 249).

A riqueza de detalhes e a indignação com os efeitos das catástrofes que os personagens passam parece traçar uma tentativa de, a cada página, provocar no leitor os choques com os limites do ser humano, chegando ao ápice desses efeitos, no último capítulo da novela. Após ser julgado morto, o narrador é jogado em vala comum. Ao tomar consciência de onde estava, percebe que havia outro corpo jogado em cima do seu. Pouco tempo depois, identifica que se trata do cadáver de sua noiva. Eis que é apresentada ao leitor a chocante *cena da bruteza humana* (TEÓFILO, [1890]/1979, p. 255), a necrofilia perpetrada pelos carregadores dos corpos com a noiva do narrador.

Eu não sabia, até então, de quanto é capaz o instinto bestial; não avaliava a perversão do homem que se deixa dominar pela animalidade. A carne havia triunfado nas bestas humanas, à mercê das quais estava a virgindade dela e a paz de toda a minha vida. Eles tinham perdido a razão e com ela todos os escrúpulos da moral. Nem o espetáculo da morte e nem tampouco o receio da peste embotava nos celerados os lúbricos desejos carnis! (TEÓFILO, [1890]/1979, p. 255).

As situações extremas que os personagens dos livros de Teófilo são confrontados, assim como uma certa animalização, são características próprias da estética do grotesco, conforme analisou França (2017, p. 13). Desde o estilo da escrita, até os jogos antitéticos que são apresentados na novela, é possível perceber essas influências:

A contemplação do grotesco produz desconforto, sobretudo quando não mais é tomado como fruto de pura imaginação. Mesmo que não represente o mundo em termos de pura semelhança, a arte grotesca passou progressivamente a ser aceita como um reconto mais ou menos fiel da realidade. O desconforto surge da percepção de que o desajuste não estaria no objeto artístico em si, mas no próprio mundo. Em outras palavras, o grotesco adquire, progressivamente, um aterrorizante

valor de verdade, como um atestado de que o mundo está fora de seus eixos (FRANÇA, 2017, p. 5).

Por vezes, as narrativas de Rodolfo Teófilo, incluindo *A fome*, caminham nesta direção, a de apontar o grotesco, denunciando sempre o seu desconforto com a desigualdade social e expondo as fraturas de sentido que as situações extremas imprimem. Assim, conforme escreveu Kupermann (2019), o grotesco nas obras artísticas pode funcionar também como tentativa de dar contornos à obscenidade da tragédia histórica. Portanto, em certo sentido, a violação deixa de ser apenas dos corpos para se tornar uma violação também do sentido, retomando a discussão do primeiro capítulo, dado que uma expressão do traumático é também a perda de confiabilidade nos próprios sentidos. Aqui se mostra a importante função que a escrita teve para que Rodolfo lidasse com essas questões.

4.3 Testemunho e teor testemunhal

É a trabalhar no próprio vazio da palavra que o testemunho nos convida, nos vincula: trabalho árduo, pois aquilo que dá a luz é uma descrição da morte a trabalhar, com os gritos inarticulados e os silêncios que tal supõe.

Georges Didi-Hubermann (2020, p. 42)

[...] apesar de tudo, não rejeitar tudo em bloco, mesmo o que ainda poderia ser utilizável.

Sándor Ferenczi ([1932]/2011, p. 1b17)

O conceito de testemunho, conforme Márcio Seligmann-Silva (2003), teve impulso decisivo nos textos escritos por sobreviventes da *Shoah*⁴², após a Segunda Guerra Mundial. Paralelamente, essa expressão já existia em relatos das violências impingidas na América Latina. Nesse continente, a teoria do testemunho estava associada ao *testimonio*⁴³, que apareceu como efeito das experiências em regimes autoritários, estando mais ligado à função documental e de representação política. Beatriz Sarlo (2007, p. 45), ao analisar esse aparecimento da teoria do testemunho, lembra que o testemunho na América Latina teve função de restaurar os laços sociais e comunitários que haviam sido destruídos pela violência do Estado Militar. Concomitante, os testemunhos dos sobreviventes da *Shoah* na Europa

⁴² O termo *Shoah* é originário de um dialeto alemão falado pelos judeus ocidentais e é a palavra que representa, ou substitui, o termo holocausto.

⁴³ O conceito de *testimonio* foi desenvolvido nos anos 1960, na América Latina, marcadamente como um testemunho de povos subjugados, com índices historiográficos e identitários.

evidenciaram um tensionamento entre a linguagem e o real, fazendo com que a teoria do testemunho fosse incluída rapidamente nos estudos da psicanálise, da filosofia e da história.

Os contextos de violências extremas, seja as ditaduras militares, seja as guerras mundiais, mobilizaram os sobreviventes a narrarem os horrores que viveram e presenciaram. Tais narrações explicitaram que aquilo que é tratado como “pessoal”, conforme acertadamente Sarlo (2007) salienta em seu livro, adquiriu uma posição de manifestação pública.

Nessa perspectiva, o ato de testemunhar é um “ato de fala”, ao invés de um “enunciado” (FELMAN, 2000, p. 18). Um ato de fala atravessado pela impossibilidade de relatar o indizível, faz com que a testemunha ocupe a função de resto da experiência (AGAMBEN, 2008). A função de resto é o que traz também a possibilidade de transmissão, de constituição de experiências frente a contextos de “*escuridão*” (AGAMBEN, 2006) ou de “*tempos sombrios*” (ARENDDT, 1987).

Ao abordar a temática do testemunho em relação ao traumático, Cathy Caruth (1995, p. 75) delimita que existem três níveis de abordagem da questão do testemunho: a) testemunho de sua própria experiência; b) testemunho de ser testemunha da experiência de outros e; c) testemunho do próprio processo de testemunhar. Compreendemos que Rodolfo Teófilo estaria principalmente no segundo nível, ao escrever *A fome*. Já em outras obras literárias em que aparecem os traços testemunhais, ele se aproximaria do que Caruth (1995) escreve como primeiro nível, quando expressa sua dor frente a morte dos seus e o contexto de precariedade que habitava; no terceiro nível, quando reflete sobre sua própria produção escrita e atuação frente aos flagelados pela seca.

Dessa forma, além de ler o teor testemunhal na obra de Teófilo, entendemos também a sua posição enquanto uma testemunha. Este adjetivo, segundo Gagnebin (2009), não seria reservado apenas ao sobrevivente de eventos-limite, que efetivamente passou pelos horrores das diversas privações – como são os casos paradigmáticos das literaturas de testemunho. Testemunha também “seria aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro” (p. 57). É pelo fato de o testemunho ser destinado à escuta/leitura de outros, que a testemunha faz o registro “de dentro da solidão de sua própria posição, é o veículo de uma ocorrência, de uma realidade, de uma posição ou de uma dimensão para além dele mesmo” (FELMAN, 2000, p. 16).

Em *Catástrofe e representação* (NESTROVSKI; SELIGMANN-SILVA, 2000), e *História, Memória e Literatura: O testemunho na era das catástrofes* (2003), Seligmann-

Silva discute esses dois tipos de testemunho: os que têm por base a literatura produzida sobre a *Shoah*, e aqueles fundamentados na literatura latino-americana de sobreviventes das ditaduras. Partindo dessa abordagem, o historiador sinaliza a possibilidade de se pensar o conceito de testemunho na literatura para além dessas duas perspectivas.

Retomando um ponto discutido no primeiro capítulo desta dissertação, há uma marca do traumático irrepresentável nesses contextos, quando falo de testemunho, pois o testemunho consiste, portanto, em um trabalho frente a essa marca que mortifica e desumaniza o sujeito, dignifica seu sofrimento. Por outro lado, conforme Arthur Nastrovski (2000, p. 186) argumenta, o testemunho consiste na ação de “representar o irrepresentável; resgatar, sem trair um evento latente na memória; redescobrir alguma força viva na língua, que nos torne capazes de testemunhar o que foi visto.”

Para além do conceito de testemunho, Seligmann-Silva (2009), posteriormente, desenvolve em seus textos argumentos para sustentar a tese de que há um *teor testemunhal* ou *traços testemunhais* que podem e devem ser lidos na literatura de modo geral, não apenas nas literaturas de testemunho. Segundo o autor:

Considero mais produtivo se estudarem os traços característicos deste teor testemunhal, que pode ser encontrado em qualquer produção cultural, do que se falar em um gênero “literatura de testemunho”. Esta expressão, por outro lado, tem sido aplicada àquelas obras programaticamente nascidas para testemunhar catástrofes no século XX. Não considero errado se falar em literatura de testemunho, mas creio que não devemos reduzir o estudo do teor testemunhal a esta produção específica” (SELIGMANN-SILVA, 2009, p. 133).

A partir disso, a abordagem de leitura que propomos dos traços característicos do teor testemunhal, no livro *A fome* de Rodolfo Teófilo, decorre de uma abertura a partir de alguns elementos presentes na obra, a exemplo da colocação em evidência do flagelo do corpo dos famintos, ou seja, da crueza de suas descrições; dos aspectos históricos que, conforme Shoshana Felman (2000), são a essência do testemunho; a dimensão imagética da narrativa e; do horror como recurso estético.

Uma das considerações sobre o valor estético do livro parte, como já foi dito, da frequente encenação dos corpos em sofrimento, em putrefação, em absoluto desamparo, ampliado tanto pela seca quanto pela epidemia de varíola. Cita-se um exemplo, no trecho d’*A fome*: “Havia criaturas de todas as idades. A magreza de todos era extrema! Não se via um rosto que não fosse uma caveira, um corpo que não fosse um esqueleto” (TEÓFILO, [1890]/2011, p. 85).

Ao trabalhar com as expressões do traumático que Rodolfo presenciou em sua infância – não é com o intuito de pensar Rodolfo Teófilo como uma vítima – percebe-se que é alguém que foi marcado por experiências-limite e que se apresentou como uma testemunha sobremaneira sensível à crueldade e à monstrosidade dos humanos. Algo que precisou elaborar durante sua vida, e que produziu um sintoma a partir de sua experiência. Questões como essa também remetem a insistente pergunta de Primo Levi, sobrevivente do campo de concentração de Auschwitz-Birkenau: *É isto um homem?* Insistente, pois, a cada página do livro intitulado com essa pergunta, Primo Levi parece nos indagar sobre a humanidade em contextos extremos.

Primo Levi, assim como Rodolfo Teófilo, optou pela escrita como uma forma de testemunhar o contexto extremo em que viveu. Considerando que o seu testemunho é dado em primeira pessoa no livro citado, trago um trecho que explicita a função que o ato de transmitir algo daquele horror obteve para o escritor italiano: “A necessidade de contar ‘aos outros’, de tornar ‘os outros’ participantes, alcançou entre nós, antes e depois da libertação, caráter de impulso imediato e violento, até o ponto de competir com outras necessidades elementares” (LEVI, 1988, p. 7).

Ao lê-las, é possível perceber a *paradoxal* constituição do ato de testemunhar: se, por um lado, alguns sobreviventes de situações limite entendem a possibilidade de narrar o que viveram como um ato de sobrevivência, uma *necessidade*; por outro lado, pelo excesso que essas experiências infligem ao psiquismo, coexiste uma *impossibilidade* da narração, referente ao irrepresentável do trauma (CARUTH, 1995; SELIGMANN-SILVA, 2003). Além disso, demonstra a aproximação feita por Primo Levi entre a necessidade de narração e as necessidades elementares da vida, necessidade de contar aos outros, comparada aos imperativos orgânicos “de fome, de sede e de sono”.

É possível inferir que a obra de Rodolfo Teófilo, conforme apontam Martins e Kupermann (2017), faz parte das obras da literatura brasileira que, além de testemunharem a fome, desvelam a ferida moral causada por essa experiência. Nesse sentido, compreende-se as violações e secas no Ceará do final do século XIX e início do século XX como um trauma, além de intencional, histórico. Acerca dessa temática, Martins e Kupermann (2017, p. 204) escrevem que:

Por muitas décadas do século XX, as violações e os horrores daqueles anos sobreviveram apenas nas narrativas literárias e jornalísticas. O silêncio em torno destes traumáticos fatos históricos sustenta-se em torno de uma espécie de ‘desmentido’ na cultura. A história oficial do estado só muito recentemente começou a revelar esses acontecimentos.

Conforme explicitado por historiadores, as secas ocorridas no Ceará, somadas ao contexto de disseminação de doenças como a varíola, foram períodos de total instabilidade econômica, social e política (NEVES, 2006; RIOS, 2014). Foram traumas históricos por muito tempo silenciados na cultura (MARTINS; KUPERMANN, 2017), em que a fome era imperiosa.

Notadamente, a história de Rodolfo Teófilo, na ciência e na literatura, foi de uma testemunha preocupada com a potência de suas palavras, que se somavam a sua atuação em prol da saúde pública e da denúncia das oligarquias. Não foram raros os momentos em que ele explicita o seu lugar de testemunha e de compromisso com a “verdade”, a exemplo do livro historiográfico *Secas do Ceará: Segunda metade do século XIX*:

Este livro é uma narração resumida e fiel de todas as secas que assolaram o Ceará na segunda metade do século XIX, das quais fui testemunha ocular. Outros podiam escrevê-lo com arte, mais proficiência; ninguém, posso afirmar, seria mais sincero (TEÓFILO, 1901. p. 7).

Trechos como esse explicitam a intencionalidade do autor em desvelar uma “verdade”, um trabalho meticuloso, de tom cientificista. Rodolfo Teófilo frequentemente, e com maior evidência em suas obras historiográficas, como é o caso da citação acima, solicita seu lugar a partir do fato de ter presenciado e visto *com seus próprios olhos* as situações que descreve.

Conforme Charles Pinheiro (2011), a tradição da autoridade que Teófilo imprimia em seus textos, tanto ficcionais quanto historiográficos, remetem à concepção de História de Tácito, historiador da antiguidade, que concebia a História como “a pesquisa para o encontro da verdade, e, como consequência, o ensino moral” (PINHEIRO, 2011, p. 98).

Ainda se considera que a exposição do horror causado pelo flagelo da seca se contrapõe a uma visão negacionista presente na época, uma vez que haveria uma minimização dos efeitos da seca aos olhos da Corte, corroborada pelo escritor e deputado José de Alencar, cuja atuação, conforme escreve o historiador cearense Frederico de Castro Neves (2006, p. 30), “ficou marcada pela negação da seca e, portanto, pelo combate à liberação de verbas da rubrica ‘socorros públicos’ para as províncias afetadas”.

Vale lembrar que Rodolfo Teófilo, sete anos antes de escrever a sua primeira obra de ficção (*A fome*), a qual se passa na seca de 1877-1879, havia escrito *História da Seca do Ceará*, um livro historiográfico sobre a mesma seca, o qual rendeu-lhe reconhecimento na época, fazendo seu nome conhecido em jornais e revistas da capital Fortaleza e de outros estados. Ou seja, *A fome* é um trabalho de significativa montagem, além das memórias, da

historiografia, devido aos componentes ficcionais e elaborativos das experiências que se fazem presentes.

Lira Neto, jornalista cearense, escreveu uma biografia sobre a vida e obra de Rodolfo Teófilo, intitulada *O poder e a peste*. Nela, Lira Neto (1999) conta que apenas conheceu Rodolfo Teófilo devido a uma descoberta, em 1994, realizada durante as obras do Serviço de Saneamento de Fortaleza, no bairro Jacarecanga, de centenas de ossadas humanas, sepultadas em cova comum e rasa. Emergiram, assim, vestígios de um trauma histórico cearense, pois, após pesquisas, descobriu-se que era parte de um cemitério onde foram sepultadas as vítimas de uma epidemia de varíola, ocorrida durante o segundo ano da maior seca do Ceará. Essa epidemia foi agravada pelas aglomerações causadas pela fome e pela falta de condições sanitárias, fazendo com que 10 de dezembro de 1878 seja conhecido como o Dia dos Mil Mortos, quando 1004 pessoas morreram e foram sepultadas em um único dia. Vale aqui ler um trecho da obra de Rodolfo Teófilo, que faz a narração dos flagelos infligidos aos retirantes que chegavam na capital:

Havia muita miséria na população adventícia da capital. As mesmas cenas da fome nos ermos caminhos do interior tinham lugar nas ruas e praças da Fortaleza. Quase cem mil infelizes de todas as idades viviam miseravelmente nos abarracamentos do governo, nas praças públicas e nos passeios das casas! O presidente da província havia concorrido para essa aglomeração de famintos na capital. Homem incapaz de aturados trabalhos de espírito, deixou-se levar por informações falsas e, sem medir as consequências de seus atos em crise tão melindrosa, tomou as desastradas medidas de fechar os celeiros do governo aos famintos do interior e de suspender a construção de abarracamentos na Fortaleza. Esses dois atos praticados na mesma data revelavam uma enfermidade moral, tal era o seu antagonismo.

Constam, nas primeiras linhas do livro *A fome*, a escrita de uma ambientação ao contexto histórico dessa catástrofe:

Foi na tarde de um desses dias, no ano de 1877, o ano da fome, que na Jacarecanga, um dos arrebaldes de Fortaleza, arranchavam-se à sombra de um cajueiro uma família de retirantes, que, depois das torturas de uma viagem de cem léguas, vinham aumentar a onda dos famintos. (TEÓFILO, [1890]/2011, p. 17)

Vemos em trechos como esse do romance, a apresentação do que acertadamente Moraes (2020) escreveu em sua dissertação sobre a obra de Rodolfo Teófilo, no sentido de que a experiência estética das obras literárias do escritor passa pela ânsia do registro histórico e pela divulgação da cor local. Segundo a autora, especialmente o livro *A fome* “ultrapassa a missão que lhe fora destinada na tentativa de apreender o indizível” (MORAES, 2020, p. 97).

Saliento que, assim como propõe Didi-Huberman, ao olhar sobre às imagens, devemos nos aproximar de um olhar arqueológico, desconfiar do que vemos. Devemos saber mais, ver, tanto quanto devemos, ao tecer interrogações às obras de arte, considerar que *saber olhar* como um arqueólogo, é ver que as coisas começam a no olhar “a partir de seus espaços soterrados e tempos esboroados” (DIDI-HUBERMAN, 2017a, p. 61).

Didi-Huberman argumenta, então, que a pedagogia da história – e aqui podemos pensar nos silenciamentos na cultura acerca dos campos de concentração cearenses – é, antes de mais nada,

compreender que uma coisa *passou* e no entanto *não passa* (isto é, continua travada em nossas gargantas e a atuar em nossos espíritos). É aprender a saber o que é o passado, como isso passou e em que medida se passou em nós e aí ficou travado. Para isso é preciso aprender a olhar os vestígios, a ler os arquivos, a escavar o solo do tempo (DIDI-HUBERMAN, 2017a, p. 100).

A metáfora do arqueólogo que propõe Didi-Huberman (2017a) tem inspiração freudiana, especialmente na analogia que Freud propõe entre o analista e o arqueólogo, em *Construções em Análise* ([1937]1996), onde escreve que, na busca pelas ruínas, devemos fazê-la “[...] a partir dos indícios que este deixa atrás de si, dizendo melhor, temos de construí-lo” (p. 260). Pode-se retirar desse texto uma dimensão da arqueologia da linguagem e das imagens, através dos vestígios, da passagem de um acontecimento à dimensão da experiência, e à ideia de uma narrativa.

A partir dessa compreensão, em um sentido mais amplo, testemunhar pode representar um trabalho, individual e coletivo, de reconhecer nossas dores, nossas alegrias, assim como nossas feridas históricas e, assim, buscar uma *relação inquieta* tanto com sua história, como com seu presente (DIDI-HUBERMAN, 2011).

Como escrevem Martins e Kupermann (2017, p. 200), “nossos segredos históricos não deixam, todavia, de produzir efeitos subjetivos e de modular nossas formas de sofrimento atuais”. Assim, o romance escrito por Rodolfo Teófilo se trata também de um testemunho do aspecto brutal da fome, ao mesmo tempo em que sua leitura, hoje, representa um passado-presente que não fora descortinado o suficiente para ser esquecido. Tampouco o conseguimos esquecer quando, em 2022, a pandemia que assola o Brasil não é apenas a do vírus COVID-19, ela é acompanhada pela tirania da fome e do poder.

5 ATRAVESSANDO SERTÕES

O percurso desta pesquisa teve como ponto de partida as palavras e as cenas produzidas por Rodolfo Teófilo em sua obra literária. Discussões que decorrem da perspectiva de um trauma que se expressa, desde a apresentação da escrita de Rodolfo, até a possibilidade de comunicação e de escuta desse trauma coletivo.

Neste capítulo, serão recolhidos alguns dos efeitos das discussões propostas anteriormente. Além disso, será discutido o atravessamento e o modo como o próprio enquadramento proposto por Rodolfo Teófilo para as histórias d'A *fome* indica certa especificidade, pela regência de uma escrita pautada pela busca por expor uma verdade que deveria revelar a impostura dos governantes da Província, sua degradação moral, atitudes corruptas e narrativas mentirosas. Tal posição subjetiva, talvez seja possível assim dizer, o acompanhou por toda uma vida, em sua escrita e na sua posição na cena social fortalezense e na província do Ceará, no final do século XIX e início do século XX. O enfrentamento feito por Teófilo ao então Governador Antônio Pinto Nogueira Acioly custou-lhe a cátedra no Liceu Cearense, entre outras formas de perseguição em mídias locais.

Atravessar sertões também explicita a experiência de leitura do que há de atual na obra e do que não pôde ser escrito ou lido em um texto que possui nuances imagéticas. A atualidade da obra não se mostra apenas nas questões sociopolíticas que o livro acaba por explicitar, mas também por questões referentes a sofrimentos contemporâneos e às implicações do traumático no laço social.

Encontrei ressonâncias dessas inquietações sobre a atualidade do livro em Souza (2017), em texto publicado poucos anos antes de o Brasil adentrar em contexto crítico de pandemias e crises políticas e sociais:

São muitos os desertos que temos que atravessar em nosso país [...]. Corpos mutilados, vítimas sobretudo da negligência do poder público, que pouco tem feito para enfrentar as condições precárias e desumanas da política carcerária em nosso país. Definitivamente o que vimos nesses massacres é o fracasso do nosso laço social. Não há pacto social possível diante de cenas como essas (SOUZA, 2017, p. 24).

Assim, sob efeito desses atravessamentos, neste capítulo serão abordadas algumas das questões discutidas nesta pesquisa sobre a obra literária e sob o efeito do que vivemos em nossa cultura, fazendo uso das ideias propostas por Souza (2017), de trabalhar também com as cinzas, buscando compreender como cruzar por imagens que se impõem, ontem e hoje.

Para isso, retomo algumas passagens d'*A fome*, demonstrando uma percepção sobre a posição de observador dos efeitos da fome, de onde ele escreve a narração, implicado em denunciar as imposturas do poder. Além disso, percebo que, desde essa posição, foi produzido um texto com efeitos estéticos que envolvem, além dos já citados, como o horror e a percepção dos desmentidos, a produção de certa vertigem. O autor parece querer reproduzir, assim, as condições para que o leitor sentisse também as vertigens que ele sentira diante das cenas que presenciou. Para isso, como recursos, usou a exposição das imagens e a “ultraclaridade” das cenas expostas no livro. Sendo assim, trata-se de um seguimento do entendimento sobre o modo de testemunho encontrado por nós na literatura produzida por Rodolfo Teófilo.

5.1 Escrita sob o sol do meio-dia

A história d'*A fome* é ambientada no sertão, durante uma das mais terríveis secas da história do Ceará (1877-1879). Narra as tragédias cotidianas de retirantes cearenses, em busca de melhores condições de vida na capital do Estado, Fortaleza. O protagonista, Manoel de Freitas, e sua família vão trilhando um caminho onde se desenvolve uma série de histórias paralelas para a construção do enredo. São muitas as privações, horrores e mortes durante o trajeto, conforme lemos:

Os raios do sol bateram em cheio no pavimento, e um espetáculo horrível viu o fazendeiro. Apodrecia ali o cadáver de um homem, cujo rosto já estava medonho pela decomposição. A pele cianótica se estilhava na putrefação, que fazia a cara disforme e horripilante (TEÓFILO, [1890]/2011, p. 57).

A literatura de Rodolfo Teófilo é um trabalho feito sob sol a pino, conforme expressou Martins (2014), uma escrita sob o sol do meio-dia, hora em que a sombra tem o mesmo tamanho do homem, portanto, quando paradoxalmente não há sombras. Tanto pela presença do sol e da seca dos sertões cearenses, quanto pela luminosidade de um texto que se pretende denotativo, sob a égide da lucidez, com poucas metáforas, no intento de tudo expor ao leitor, desde a obscenidade de apresentar corpos mortos e em decomposição, como na citação acima, quanto a de apresentar a obscenidade da fome⁴⁴.

Tomando essa perspectiva da ultraclaridade e a relacionando ao aparato psíquico, é possível associar, em certo sentido, a menção feita por Freud, no texto *Construções em*

⁴⁴ A escritora Hilda Hist teria dito durante uma entrevista, ao ser perguntada se achava sua obra obscena, respondeu, taxativamente: obscena é a miséria, a fome e a crueldade.

análise ([1937]/1996), sobre as recordações “vivas” relatadas por seus pacientes. Tais recordações eram tidas como “ultraclaras” e possuíam o estatuto de restos das experiências vividas. Conforme Freud, os pacientes lembravam com excessiva nitidez os rostos das pessoas envolvidas em determinada situação ou até mesmo a sala onde a situação tinha acontecido (FREUD, [1937]/1996). As recordações aparecem, segundo o texto freudiano, a partir de sonhos ou em estados de vigília semelhantes a fantasias. Essas recordações ancorariam ao psiquismo um caráter “antienigmático”⁴⁵.

A ultraclaridade não é pensada aqui apenas como recordações, mas pelo próprio modo de exposição dos ambientes e das condições de seus personagens: “A luz vinha, mas não podia tonificar-lhe os músculos depauperados pela inanição, relaxados pela atonia, pela fome! Nas fisionomias macilentas percebiam-se as torturas impostas pela profunda discrasia do sangue” (TEÓFILO, [1890]/2011, p. 85-86).

O que o escritor acaba por realçar com esse modo de narração é a ação da fome e da precariedade sobre os corpos, como se não restassem espaços para trabalhar com outras nuances da experiência humana, dado o império da fome sobre os corpos. Essa perspectiva aparece no silêncio sobre a complexidade das subjetividades dos personagens que parecem construídos de maneira plana, apresentados e nomeados através da medicina, dos flagelos ou das catástrofes que os acometem.

Para além das histórias que giram estritamente em torno da tirania da fome e do enfrentamento dos sertanejos, há histórias sobre as corrupções das elites oligárquicas, escravidão, histórias de amor e violências. Sobretudo, apresenta a jornada dos corpos diante dos deslocamentos pelo árido e vasto sertão. Com essa perspectiva, Rodolfo Teófilo parece querer apontar que seriam os corpos os narradores, os que poderiam testemunhar a experiência da extrema fome. Retomo outra passagem:

As funções da epiderme profundamente alteradas modificavam as qualidades físicas do invólucro cutâneo, tornando-se improficuo contra aquele estado fisiológico o maior asseio. A pele se tornara áspera e suja, desagregavam-se escamas de tamanho irregular, ao mesmo tempo que uma secreção fétida destilava os poros (TEÓFILO, [1890]/2011, p. 87).

A pele, como se sabe, possui um evidente aspecto relacional. Como escreve Anzieu (1989), é o principal meio de contato do sujeito com o mundo e, se não o principal, certamente o primeiro. Nas palavras de Martins (2014), a pele não é uma divisão entre o

⁴⁵ A referência ao caráter antienigmático das recordações ultraclaras foi pensada a partir do artigo de Marta Cardoso (2011);

externo e o interno, mas ela é superfície e um contorno, é barreira e interface, ressaltando o papel de comunicação e de inscrições que podem ocorrer através dela. Nesse sentido, e quando a pele de um corpo desnutrido se torna áspera? Penso que seriam essas as figurações do embrutecimento frente à possibilidade da experiência alteritária que Rodolfo Teófilo busca expressar. Uma pele que se torna casca. É possível perceber essa perspectiva em muitos personagens d’*A fome*. A pele como casca, que parece figurar o desenlace radical de quem pede o contato (e o alimento) e ao mesmo tempo pode criar barreiras, devido às experiências cumulativas de desengano com esse outro.

Por outro lado, como se sabe, as piores barreiras encontradas pelos retirantes eram externas: lutas cotidianas com o ambiente hostil da natureza e das pessoas que, mesmo em condições, não fizeram nada para que a realidade penosa dos retirantes fosse alterada. Nesse percurso dilacerante, há um cansaço expresso frente a essas evidências:

Os olhos deslumbrados por tanta luz e cansados de tanto ver, descansaram um pouco, velados pelas pálpebras. De olhos fechados, examinava o enorme panorama que descortinara. Sentindo dentro de si todo aquele mundo mais palpável ainda do que há pouco, julgou assim poder melhor auscultar o solo e ouvir a pulsação de alguma artéria d’água (TEÓFILO, [1890]/2011, p. 37).

Nessa passagem há uma posição frente ao excesso de luz. Os olhos cansados de tanto ver. Seria essa uma maneira de acompanhar a estética da escrita de Teófilo, repleta da “ultraclaridade” da fome e da miséria atuando nos corpos dos flagelados, tanto quanto em seus espíritos⁴⁶, mas também de esperanças quase alucinatórias de encontrarem recursos para seguir em frente. Por vezes, parecem fazer parte de uma tentativa do autor em compartilhar com o leitor o excessivo que presenciou. A saída encontrada para o trabalho com essas experiências foi também a tentativa de tornar “claro” também aos outros, aquilo que estava presenciando. Inevitável considerar a herança iluminista que a perspectiva positivista de Rodolfo Teófilo possuía. “*Aufklärung*”, traduzido por esclarecimento, na teoria de Kant, seria “a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado [...]” (KANT, 2005, p. 63). Essa saída em direção à liberdade se daria pela razão.

A razão, por vezes trazida por Rodolfo Teófilo como “a” verdade, parece ser a maneira de expressão encontrada por ele frente a um contexto de muitas rupturas de sentido que presenciou durante sua vida. Entretanto, vale dizer, foi também a perspectiva de sua luta

⁴⁶ Faço uma referência a um trecho de *Geografia da Fome*: “Não é somente agindo sobre o corpo dos flagelados, roendo-lhes as vísceras e abrindo chagas e buracos na sua pele, que a fome aniquila a vida dos sertanejos, mas também atuando sobre o seu espírito, sobre sua estrutura mental, sobre sua conduta social” (CASTRO, 1984, p. 243).

diante das constantes difamações que sofreu durante o seu ativismo em prol da saúde e dignidade do povo cearense. Ao mesmo tempo em que existem os excessos de descrições, o excesso de luz das cenas que fixam os personagens na obra de Rodolfo, o autor também os escreveu em movimentos, pela sobrevivência, diante de cenários em suas vidas que se impunham de forma extrema ou totalitária.

Era dia, mas ainda era a luz crepuscular que alumia a terra. A maioria dos famintos, sentada no adro, esperava raios mais vivos do sol, para dissiparem a cegueira noturna, a hemeralopia. Voltados para o oriente afligia vê-los de olhos extremamente abertos, as pupilas muito dilatadas a esperar a luz, a luz que, em excesso e refletida por superfícies brilhantes, tanto os fizera sofrer e depois cegou-os a inanição, quando o sol esconde-se no ocaso (TEÓFILO, [1890]/2011, p. 85).

É possível pensar efeitos de sideração⁴⁷, com algumas cenas trabalhadas n'*A fome*, pois, frente a contextos extremos, nesse sentido, pode-se petrificar: “numa estupefação [...] em que se esgota de algum modo a reserva de partilha, laços, gestos que poderiam ser alimentados pelo conhecimento que temos dessas situações, mas que permanece como um sofrimento à distância” (MACÉ, 2018, p. 28). Nesse sentido, não há uma tomada de consciência, não há possibilidade do recalque, do esquecimento, no estado de sideração que remete diretamente ao processo de clivagem que discuti no primeiro capítulo. A sideração que é discutida por Macé (2018) para o olhar para contextos extremos, e pode ser lida também como sideração do eu.

O aspecto da clivagem a que me refiro é o de suscitar a posição de mero observador dos eventos que acontecem, como escrevi no primeiro capítulo, retomando o que escreveu Ferenczi em seu *Diário clínico*: “A pessoa divide-se num ser psíquico de puro saber que observa os eventos a partir de fora” (FERENCZI, [1932]/1990, p. 142). Retomo aqui um trecho do livro *A fome*:

Josefa tinha um ar desalentado, não podia dominar a impressão de qualquer dor do corpo ou d'alma. Enfraquecida com a má qualidade dos alimentos e exiguidade das refeições, era-lhe uma tortura o jejum [...]. Carolina de quando em quando olhava para a mãe e notava-lhe o desassossego. Era necessário socorrê-la; e como não tinha alimento a dar-lhe, tratou de tirar-lhe dali o espírito: procurou, cavando o passado, levá-la aos lugares queridos da infância (TEÓFILO, [1890]/2011, p. 41).

Carolina, uma das filhas de Manoel de Freitas e Josefa, com 15 anos, migrava junto à família “com uma passibilidade de autômato” (TEÓFILO, [1890]/2011, p. 29). Ao mesmo tempo que se coloca numa sensível escuta do sofrimento da mãe Josefa, Carolina é

⁴⁷ Conforme Marielle Macé (2018).

uma das personagens que se resigna à situação famélica. Além disso, a filha, em uma inversão de papéis com a mãe, ao invés de receber os cuidados maternos, proporciona-os, fazendo-nos lembrar dos bebês sábios que rapidamente amadurecem, “na maturidade apressada de um fruto bichado” (FERENCZI, [1933]/2011, p. 104).

No contexto de Carolina, há também uma mãe que sofre por não conseguir alimentar os filhos: “Já não eram o vaga-lume, a bala, a cascata, o que a torturava, mas a fome dos filhos. Julgava-se abandonada com a família, à discrição da miséria” (TEÓFILO, [1890]/2011, p. 43). A última frase traz elementos das situações extremas, estar “à discrição da miséria”, estar sob as ordens da miséria envolve as experiências corporais e psíquicas. No contexto de miséria reinariam o silêncio, a vergonha e a ação deliberada de infligir a submissão de uns sobre outros. A fome, vale lembrar, como discuti no primeiro capítulo, faz parte dos cenários de miséria, entretanto, quando o alimentar-se não é estritamente no sentido da necessidade, a fome é o que inaugura o enlace e a vontade de viver.

Curioso pois, o que se segue na história de Carolina e Josefa é a de uma filha que faz o trabalho de fomentar a vontade de viver na mãe, justamente ao lançar mão de algo que estivesse além da realidade penosa que lhes atordoava os sentidos:

Josefa, apertando a cabeça com as mãos, exclamou:
 - Quem me socorre?!
 -Deus! Reze, minha mãe – Disse Carolina com voz doce e resignada.
 As palavras da moça produziram o efeito miraculoso de um calmante aplicado oportunamente (TEÓFILO, [1890]/2011, p. 43).

Carolina, que por vezes fica no lugar de espectadora, que não sente aquilo que está experimentando em seu próprio corpo, busca salvar a mãe do desalento através da religiosidade. É uma saída encontrada e um modo também de sobrevivência psíquica, nessa deriva, onde habita alguém que sente estar “fora de si” e que se encontra também às voltas com o desamparo.

Carolina era capaz de escutar o testemunho doloroso da mãe e interceder por ela, enquanto não era capaz de assumir para si sua própria dor. Assim, conforme já foi discutido no segundo capítulo, o ato de testemunhar experiências dolorosas pode ser uma experiência que nem sempre se dá por via da palavra, mas para que ambos os testemunhos sejam escutados – tanto o que perpassa uma experiência representativa quanto aquele que não chegou a tornar-se palavra. É preciso ter um outro que escute e, vale dizer, não qualquer outro, nem qualquer escuta.

Nessa perspectiva, buscar uma escuta que considere e ajude a criar espaço para a presença das sombras, em certo sentido, remete ao que encontramos em trabalhos sobre a chamada “clínica do trauma”, bem como nas literaturas de testemunho. Conforme Antonello (2020), o trabalho com esse tipo de apresentação de texto e de discurso deve considerar que

[...] escrever um testemunho, usando a literalidade, é trabalhar as ‘lembranças ultraclaras’ com o intuito de obscurecê-las. Sim, é exatamente essa a palavra: obscurecer. Reduzir a luz ofuscante dessas ‘lembranças’: [...] diminuir o poder mortífero do trauma sobre o eu (ANTONELLO, 2020, p. 123).

A fome e a morte expostas à luz do dia não são suavizadas pela linguagem. Ler e escutar Rodolfo Teófilo, em textos como *A fome*, é um desafio para o leitor. Talvez, um desafio que pode ser comparado ao da escuta de pacientes gravemente traumatizados. Rodolfo, apesar do enquadramento proposto ao texto de sua obra, também foi capaz de escutar imagens, trabalhou na sua escrita o que se seguia aos seus olhos como miragens.

5.2 Escutar imagens

Procurar seguir as miragens, que fugiam de imaginação afora.

Rodolfo Teófilo ([1890]/2011, p. 18)

Diante desse desafio do texto literário de Rodolfo Teófilo, são abertas questões sobre o trauma coletivo que vivenciou. Foi possível perceber na narrativa d’*A fome* um enquadramento mesmo de um texto que se aproxima ao que Teresa Pinheiro (1993; 2001) e Karla Martins (2001) nomearam como texto imagético. Essa concepção foi pensada especificamente sobre as condições de escritas literárias do final do século XIX, especificamente os textos do movimento literário do parnasianismo. Entretanto, a nomeação nos ajuda a pensar uma série de questões do texto de Rodolfo Teófilo, ainda que sua obra não faça parte desse movimento literário. Nas palavras das autoras, o texto imagético é um texto que “pretende descrever o mundo com uma precisão que deixaria todos os ouvintes diante da mesma cena, anulando, em nome de tal projeto, a ambiguidade e a polissemia das palavras: uma proposta de univocidade, de texto científico” (MARTINS; PINHEIRO, 2001, p. 60).

As autoras relacionam o texto imagético à formalização do discurso com nuances melancólicas, à pretensão de descrição do real “sem suspiros poéticos e saudades” (2001, p. 62). Nestas circunstâncias, a ambição de elevar a linguagem a sua máxima potência descritiva alia-se à rigidez moral e à ausência de ilusões.

Cito como um dos exemplos, a perspectiva moralizadora impressa no romance; a rigidez de um código moral também se apresenta através do discurso melancólico, redigido por um escritor que foi um homem de seu tempo e de seu espaço. Lemos um sertão desenhado em métrica e compasso no texto imagético.

Tal perspectiva estava presente, tanto nas obras historiográficas de Rodolfo Teófilo, quanto em suas obras ficcionais. Sua preocupação em descrever os horrores sofridos nas secas cearenses através de olhar “fotográfico”, sua busca em apresentar muitas cenas através de descrições em termos científicos, seu rigor moral, trouxeram para suas obras uma aproximação ao que as autoras conceberam por texto imagético (MARTINS; PINHEIRO, 2001). Vale lembrar que o subtítulo do livro, na primeira edição, era *Cenas da seca no Ceará*. As cenas como figurações dos efeitos de ter presenciado tamanho flagelo, na seca de 1877-1879, mas essas cenas não permitem muito movimento. A busca é pela palavra exata, pela explicação científica.

Sendo assim, percebe-se que algumas das características desse tipo de texto são: o rigor com a linguagem, o sacrifício do lirismo em nome do rigor da descrição das paisagens, objetividade no trato dos temas, etc. Notadamente, é possível encontrar na obra *A fome* todas essas características de um texto imagético. Colabora com esse argumento, parte da crítica literária que Beni Carvalho publicou, em 1930, na revista *FonFon* (RJ):

Os seus livros, [...], são, em verdade, um índice perfeito dessas catástrofes (as secas do Nordeste) [...]. Em violação, n’*A Fome* e noutros volumes, tem ele fartamente pintado todos esses quadros, fixado todas essas cenas, na sua alucinante manifestação. E o fez, sempre, de maneira completa, exaustiva, talvez, até enfadonha sobretudo para aqueles que, na vida, ainda não tiveram ensejo de acomodar a visão à tristeza dos sertões abrasados e à monotonia da miséria. Mas isso, até certo ponto, é, apenas, uma resultante do seu próprio processo artístico, *requintado na minúcia, no exame detido, na fotografia exata*” (CARVALHO apud MORAES, 2020, p. 145, grifo nosso).

Waldemar Pereira Filho, ao prefaciar a edição mais recente d’*A fome*, rastreia pontualmente a dimensão imagética do livro, conforme vemos neste trecho:

Cenas de autofagia de um recém-nascido mamando nas tetas da mãe já morta, de uma mulher devorada, ainda com um laivo de vida, por um bando de urubus, de um homem, ‘vexado pela fome’, que mata, assa e come com mel, por não dispor de sal, a carne de uma criança, enfim, recortes chocantes, os quais, segundo relatos do próprio autor, foram recolhidos de periódicos da época e formam uma realidade cruel, levada em um discurso bastante passional por um narrador em alguns momentos intruso, ou ao menos, pouco distanciado. (TEÓFILO, [1890]/2011, p. 2).

Há, através dessa apresentação, uma expressão do tempo impossível do

traumático que o escritor, intencionalmente ou não, provocou em seus leitores. Algo da cena traumática que permanece, como corpo estranho (SELIGMANN-SILVA, 2007).

Nesse sentido, por um lado há uma negatividade em curso e, por outro, um agenciamento para que se fechem as imagens narradas, busque-se uma imagem (ou a verdade) definitiva sobre os sujeitos, ao invés da abertura e polissemia de sentidos. Uma negatividade que nesta dissertação já foi pensada, a partir da concepção de pulsão de morte; pulsão esta, que, por não passar pelos efeitos do recalçamento, representa também uma força disruptiva.

Além disso, o texto literário de Rodolfo Teófilo carrega as insígnias da “estética do desmentido” (OSMO, 2016; KUPERMANN, 2019). Tal estética, pensada inicialmente a partir da análise da obra do artista Maryan S. Maryan, apresenta a potencialidade de colocar em cena um trauma coletivo e, assim, expressar o afeto do horror compartilhado, como afirma Osmo (2016). Tal afeto, como apontou Kupermann (2019), não seria restrito aos sobreviventes que viveram em sua própria experiência o trauma coletivo, mas se expandiria a todos os que se indignam com o ocorrido. O modo de narração do traumático desestruturante, na literatura, na arte ou na clínica, geralmente está associado à “mostração” de cenas, à literalidade, ao recurso da figurabilidade.

No que se refere a pensar a questão da fome, como foi abordado em linhas anteriores, foi o foco dessa dissertação, abordar um trauma intencional, um ambiente hostil de precariedade imposto aos personagens, assim como pela presença do desmentido sendo encenado. No livro, o desmentido aparece através dos governantes que poderiam amenizar a precariedade e não o faziam. Além deles, é emblemática a figura de um padre obeso, “fazendo contraste perfeito com a magreza dos retirantes” (TEÓFILO [1890]/2011, p. 89). No cenário em que os retirantes aguardavam a divisão das rações, esse mesmo padre profere “-*Serva te ipsum.*”, do latim, “salva-te a ti mesmo”. Assim, os retirantes buscam nessas figuras um vislumbre de proteção ou cuidado e o que eles acabam por encontrar ao interpelá-las é a plena indiferença.

Evidencia-se a “estética do desmentido” (KUPERMANN, 2019, p. 78), quando relacionado a questões biográficas de Rodolfo Teófilo. Ele presenciara muitas cenas em que, não apenas os mais vulneráveis passavam por vivências como as narradas acima, como a sua tentativa de amenizar o contexto de precariedade, através das vacinas, por exemplo, que era francamente combatida por quem deveria ajudá-lo: a oligarquia da época.

A estética do desmentido como uma expressão do traumático é apresentada no texto sob os termos de texto imagético. Por um lado, as imagens aparecem pela via da dimensão totalizante, da tirania da fome aos corpos, da miséria, da tentativa mimética. Por

outro, é possível tecer aberturas, a partir dessas imagens, quando se tornam um registro público, ou seja, dão corpo e movimento aos corpos que atravessam os sertões.

Foi pensando no sentido de sobrevivência psíquica frente às experiências-limite, que Nathalie Zaltzman (1994) colocou-se a interrogar a teoria freudiana. Seus questionamentos produziram, em certo sentido, uma continuidade do pensamento sobre a pulsão de morte inflingida pelo traumático. Retomo seu pensamento aqui para situar outros modos como os sujeitos resistem. Foi precisamente sobre esse ponto que Zaltzman (1974) partiu em seu texto inicial *A pulsão anarquista*:

As situações-limite existem. Alguns seres humanos as afrontam, as vivem ou as transpõem, enquanto outros a elas sucumbem, desagregam-se na psicose, na apatia, submissos à fatalidade de seu extermínio. Como resistem os que as vivem? A partir de que fonte de energia? (ZALTZMAN, 1994, p. 64).

Zaltzman (1994) interroga a possibilidade de sobrevivências psíquicas dos sujeitos diante de situações-limite e a função da resistência. A resistência, conceito caro ao pensamento psicanalítico, adquire em sua obra uma tonalidade específica. Em contextos extremos, trabalha-se na escassez que se presentifica no próprio vínculo transferencial, sendo a resistência, conforme trazida na interrogação da psicanalista, refere-se à resistência a aniquilação do sujeito.

A autora relaciona esse movimento de resistência ao que chamou de afirmação “anarquista”, originado na própria pulsão de morte. Estaria, nesse sentido numa ubiquidade do conceito da pulsão de morte que, tradicionalmente, é trabalhada como o empuxo ao inorgânico e a manutenção repetitiva no psiquismo, como lembra Freud: “aspiração mais universal de tudo o que é vivo a voltar para trás, até o repouso do mundo inorgânico” (FREUD, [1920]/1996, p. 60). A visada que Zaltzman (1974) coloca em evidência a partir da fertilidade de certos processos disruptivos aos sujeitos:

[...] as pulsões de morte possuem uma história inconsciente, uma história mental que não é apenas a da agressividade; que ela se exerce no mundo exterior ou se volta contra o sujeito em sua vida psíquica e física. Que esta história mental tem vários destinos que não são apenas aqueles com finalidades mortífera e que certas evoluções da pulsão de morte são muito úteis à vida” (ZALTZMAN, 1994, p. 22).

A dimensão corporal do faminto, exposta em situações-limite, apelo de uma realidade biológica que, em muitos casos relacionados à fome, conforme já discutimos anteriormente, dizem respeito a um corpo em sofrimento pela falta de alimento, mas ao mesmo tempo, pelo sofrimento relacionado à ação ou negligência de outros seres humanos, numa evidente dimensão pulsional.

Nesse sentido, voltar-se a dimensão corporal e certos processos de desligamento ou de ruptura pode ser “o único que resta a um sujeito para se subtrair ao excesso de ascendência mental de um outro, a uma ascendência mental potencialmente mortífera, porque exclusiva de uma escolha ou de uma recusa da vida apropriada por um outro que não o sujeito” (ZALTZMAN, 1994, p. 50). Há um trabalho importante de *Thanatos* que não é mortífera, nesse sentido, não estariam sob os desígnios da repetição pura, mas de uma relação de “forças modeladas sobre a dominação totalitária mutiladora” (ZALTZMAN, 1994, p. 70).

A vida que insiste perante o mortífero, advém, para Zaltzman, da própria pulsão de morte. Refere-se a função de desligamento da pulsão de morte como produtora de resistência frente a contextos de extrema precariedade. Conforme destaca a autora: “São as pulsões de morte que delineiam incansavelmente os territórios dos fantasmas do corpo e seus limites biológicos, intransponíveis. É por esta razão que o registro da necessidade e o que ele impõe como trabalho ao aparelho psíquico pertence à esfera de *Thanatos*” (ZALTZMAN, 1994, p. 48).

Assim, o ímpeto libertário atuante na pulsão de morte, faz força de resistência à aniquilação, tal qual podemos pensar nos retirantes sertanejos que, perante uma das piores secas ocorridas no Ceará, vivem o processo de migração de suas terras em buscas de melhores condições. Além dos processos migratórios como aposta de vida, apresentados no livro, a ênfase dada a dimensão corporal deixa entrever alguns processos em que as necessidades orgânicas atuam como moduladoras do que aparece como funcionamento psíquico dos personagens.

5.3 Sertão, fome e alteridade

A nomeação dada desde o título desta dissertação, *atravessando sertões*⁴⁸, refere-se a muitas travessias: a dos retirantes cearenses na história d’*A fome*; a que foi traçada pelo próprio autor, ao escrever a obra literária; a minha travessia de pesquisa; por fim, o convite a cada novo leitor da obra que, imerso em sua cultura e na elegibilidade de cada época, permite que o material levado ao leitor seja lido e contornado de diversas formas.

Além disso, de modo polissêmico, sertão não é pensado apenas a partir do que os retirantes cearenses efetivamente atravessaram para chegar à capital Fortaleza. O sertão também aparece como uma figura da vastidão, da aridez, do interior. Certa vez, em entrevista,

⁴⁸ Essa nomeação teve como inspirações o livro “Sertão e melancolia: espaços e fronteiras”, de Karla Martins (2014) e o artigo de Edson Luiz André de Souza, “Atravessar desertos – psicanálise e utopia” (2017).

Guimarães Rosa, ao ser perguntado sobre o motivo de sua escrita literária ter sempre o sertão como pano de fundo, respondeu: “[...] torno a repetir: não do ponto de vista filológico e sim do metafísico, no sertão fala-se a língua de Goethe, Dostoievsky e Flaubert, porque o sertão é o terreno da eternidade, da solidão, onde *Inneres und Ausseres sind nicht mehr zu trennen*”⁴⁹ (LORENZ, 1983, p. 86).

Durante os capítulos anteriores, evoquei com frequência as palavras “situações-limite” ou “experiências-limite” para situar situações de precariedade, entre vida e morte, mas também entre corpo e psiquismo. Nesse momento, faço uso das palavras de Macé (2018) para explorar mais esse significante que figurou nesta pesquisa:

‘Limítrofe’ vem do latim *limes* – o limite, a fronteira – e do grego *trophê* – a ação de nutrir, o alimento. [...] O limítrofe é aquele que faz nela sua estadia; é o que se nutre no limite e se nutre *do* limite; mas é também, de certa maneira, o que nutre o limite, espessa e adensa a fronteira [...]. O que avizinha os limites mas também o que nutre, se nutre, se mantém, se eleva e se educa, se cultiva nas bordas do limite. Tudo o que direi não consistirá de modo algum em apagar o limite, mas em multiplicar suas figuras, em complicar, espessar, deslinearizar dobras, dividir a linha justamente fazendo-a crescer (MACÉ, 2018, p. 23).

Sertão, nesse sentido, pode ser pensado como um território onde habita o irrepresentável, onde não há fronteiras entre o fora e o dentro, onde habita o indizível da linguagem sobre o qual a literatura costumeiramente se debruça, e paradoxalmente também, como a tentativa do estabelecimento de fronteiras. Conforme propõe Martins (2014), o sertão também pode ilustrar ficções identitárias e modos de relação com a alteridade.

Há uma especificidade no sertão de Teófilo. O contexto de precariedade que se impôs de maneira profunda e evidente em suas obras imprimiu traços testemunhais, e uma maneira de escrever o sertão que provoca certa dificuldade da produção de distanciamento e da abertura de possibilidades que a linguagem literária frequentemente estabelece.

O que quero registrar é que são muitos os sertões e que, tanto no sentido do sertão como espaço da eternidade e da deriva que permite a criação, como no sertão que representa a aridez da precariedade, está presente um aspecto que foi importante para a compreensão do texto *A fome*, na especificidade desta pesquisa: a concepção da incompletude da palavra. É preciso lembrar que as franjas da linguagem que mobilizam a escrita literária, também mobilizam a experiência analítica. Busquei abordar a linguagem das entrelinhas, do que ainda não foi dito sobre o romance de Rodolfo Teófilo e, paradoxalmente, aquilo que é impossível de ser dito, mas que faz parte da experiência estética de leitura e da escuta psicanalítica.

⁴⁹ O interior e o exterior já não podem ser separados.

Acompanhei, em certo sentido, o que Saidiya Hartman (2020) descreveu como um desafio, a ação de propor uma tentativa de escrever sobre histórias que são narradas no limite do indizível e do desconhecido. Tal escrita pode, inclusive, mimetizar as violências do próprio arquivo literário (a narração dos corpos violados e massificados), mas também propõe que a dificuldade concernente à leitura e à escrita sobre esses arquivos podem mobilizar o encontro com aparições das subjetividades.

Conforme foi explicitado no capítulo anterior, o leitor é confrontado com o horror e o franco mal-estar diante das cenas apresentadas. Assim, pensar em todos esses aspectos colocados acima, faz com que seja lembrado o texto *Mal-estar na civilização*, escrito por Freud ([1930]/1996). Nesse texto, ele salienta três fontes de sofrimento para o ser humano:

o poder superior da natureza, a fragilidade de nossos próprios corpos e a inadequação das regras que procuram ajustar os relacionamentos mútuos dos seres humanos na família, no Estado e na sociedade. [...] Quanto à terceira fonte, a fonte social de sofrimento, nossa atitude é diferente. *Não a admitimos de modo algum; não podemos perceber por que os regulamentos estabelecidos por nós mesmos não representam, ao contrário, proteção e benefício para cada um de nós.* Contudo, quando consideramos o quanto fomos malsucedidos exatamente nesse campo de prevenção do sofrimento, surge em nós a suspeita de que também aqui é possível fazer, por trás desse fato, uma parcela de natureza inconquistável – dessa vez, uma parcela de nossa própria constituição psíquica (FREUD, [1930]/1996, p. 56, grifo nosso).

Essas três fontes de sofrimento são expostas aos leitores d'*A fome*. A primeira, o poder da natureza; a segunda, a exposição da fragilidade dos corpos; mas principalmente a última, referente à relação entre os seres humanos. Esta última se presentifica na constante denúncia trazida pelo autor em seus livros sobre, por exemplo, a má distribuição dos víveres por parte do governo, para que a fome dos retirantes pudesse ser minimizada.

É evidente, inclusive no próprio texto freudiano, a impossibilidade da existência de uma plena harmonia entre os seres humanos e o mundo, sendo a pulsão de morte uma força pulsional desveladora de que nada garante uma auto-regulação natural. Assim, revela também uma postura política desesperançosa no que se refere à constituição de alianças entre os homens e a civilização. Quando Freud destaca a terceira fonte social do sofrimento, é possível fazer uma aproximação ao que Souza (1999), no campo da filosofia, chamou de negação do encontro ético:

a necessidade ética de responder à fome de outrem [...] tem origem não em uma imposição 'natural' de alguma lei não nascida e imutável na ordem do cosmo, mas, sim, no fato original e definitivamente humano que me coloca face a face com outrem, e que me dá a oportunidade de, em respondendo a essa necessidade imperativa, fundar a legitimação ética de minha liberdade – e liberdade, aqui, só

pode ser liberdade de não ser indiferente [...]. Naturalmente, permanece a possibilidade de responder ou não ao apelo; mas o não responder significa o assumir de um modelo de liberdade que não leva em conta o que de radical habita o encontro (SOUZA, 1999, p. 386).

Retomo aqui, desde a perspectiva psicanalítica, a função radical (referente a raiz) do enlace com o outro, o qual está presente, desde a satisfação das necessidades fundamentais. Lembremos que as intensidades dos afetos envolvidos nessa abertura e fechamento ao encontro alteritário estão sempre em jogo no decorrer da vida humana, além de fazerem parte do processo de aquisição da linguagem e do pensamento.

Em *O mal-estar na civilização*, Freud, entretanto, não acreditava mais em uma perspectiva de progresso da civilização humana, que estava implícita em outro texto social, escrito 15 anos antes, *Totem e tabu*, marcado por uma perspectiva civilizatória de ordenação moral do pacto edípico. Subjaz como argumento político que o mal-estar é inerente à vida humana em sociedade. Se o mal-estar é inerente à vida, é necessário pensar um novo tipo de pacto civilizatório, mas baseado em uma ética humana e fraterna. Rodolfo parece ter caminhado insistindo numa visão de mundo regulada pelos ideais de progresso baseados na moral como escudo para vencer os “vícios do mundo”

No livro *Reino de Kiato: (No país da verdade)*, escrito ao final de sua vida, Teófilo (1922) descreve a existência de um Reino onde não havia transgressões e, portanto, não havia desejo. Todos os cidadãos obedeciam alegremente, como o coro dos contentes, a tudo o que o Rei Pantaleão III determinava. O livro conta a história de um cientista americano que, no caminho para Europa, desce acidentalmente em uma ilha chamada Kiato, um país que resolveu todos os seus problemas a partir da obediência moral. Tratou-se de uma ficção de caráter utópico, com pretensão de circunscrever *O país da verdade*, o progresso de uma nação, em um discurso unívoco, uma utopia, ou, contemporaneamente falando, uma distopia da intolerância e do apreço às padronizações.

Nesse sentido, ler o sertão narrado por Rodolfo Teófilo também é encarar algumas nuances melancólicas dos efeitos subjetivos dos testemunhos da experiência da fome, vertente que não foi o foco desta pesquisa.

Em *A fome*, há a esperança na mudança da civilização, há um enfrentamento empreendido por ele, de não aceitar os desmentidos generalizados envolvidos nas experiências dos retirantes. Rodolfo se coloca, dessa forma, como alguém *que não se calou*⁵⁰.

⁵⁰ Relembro uma passagem do final da obra literária *A peste* ([1947]/2019), de Albert Camus. Tal obra traz algumas aproximações com a que trabalhei nesta dissertação, por ser ambientada em contexto de disseminação de doenças, da peste no poder, do desamparo. Assim, vão se apresentando as metáforas de seus títulos, que são

Assim, compreendo que, diante desse ato de escrita de Rodolfo, é o leitor quem age como testemunha de uma obra literária, já que existem endereçamentos no processo de escrita. Essa incessante tentativa empreendida por Rodolfo Teófilo se fez presente em muitas de suas obras, tanto as literárias quanto as historiográficas. Uma obra muito volumosa que se oferece como muitas cartas endereçadas, em busca de reconhecimento.

O autor se coloca em posição de observador implicado, que denuncia a existência de uma intencionalidade na produção da dor e da fome e é atacado e perseguido por isso. Por vezes, o endereçamento era explicitado de forma muito direta, conforme lemos no livro *Variola e vacinação no Ceará*:

Levando a conta de ignorância o abandono em que os governos republicanos deixavam os Estados do Norte flagelados pelas secas, mas ignorância da casta de calamidade – a seca, quando publiquei o meu último livro Secas do Ceará (segunda metade do século XIX) enviei ao Sr. Rodrigues Alves, então presidente de São Paulo e prestes a ser presidente da República, um exemplar acompanhado de uma carta em que rogava o obséquio de lê-lo. Depois de algumas considerações no sentido de despertar no futuro governo a atenção para a região flagelada assim concluí: É bem possível que, por desgraça nossa, a seca volte antes de vossa excelência terminar o seu mandato. E prevendo isto, é aterrorizado ante à idéia da indiferença do Governo Federal, que venho trazer a V. Exc. a dolorosa história deste povo herói, mas grandemente infeliz. Lendo-a, estou certo, V. Exc. meditará sobre os nossos males e procurará remediá-los [...] as minhas palavras não foram ouvidas pelo sr. Presidente da República. Resta-me a consolação de ter procurado levar ao espírito daquele alto magistrado uma noção nítida dos flagelos das secas (TEÓFILO, 1904/1997, p. 196).

Rodolfo Teófilo se lançou à escrita evidentemente como forma de luta por melhores condições aos flagelados da seca. Em *A fome*, seu primeiro livro de ficção, ainda contava com perspectiva esperançosa, no que se refere à possibilidade de mudanças de seu contexto. Com o passar dos anos, uma série de situações o influenciou progressivamente em uma postura enrijecida e desesperançosa, a exemplo da morte de sua esposa, a perda de seu lugar na Cátedra do Liceu Cearense, a dissolução da Padaria Espiritual e a ascensão da oligarquia dos Acioly.

É possível perceber que, diante do que lhe aconteceu, a partir das questões apresentadas pelas duas obras ficcionais citadas, fazendo um recorte aqui, é permitido pensar em dois tempos de sua produção. No primeiro tempo, quando Rodolfo Teófilo escreveu *A*

as pestes e as fomes que aparecem nos livros. São livros que apresentam o horror, mas também a luta por sobrevivências e resistências. Cito a passagem que inspirou a frase acima: “Rieux decidiu, então, redigir esta narrativa, que termina aqui, *para não ser daqueles que se calam*, para depor a favor dessas vítimas da peste, para deixar ao menos uma lembrança da injustiça e da violência que lhes tinham sido feitas e para dizer simplesmente o que se aprende no meio dos flagelos: que há nos homens mais coisas a admirar que coisas a desprezar” (CAMUS, [1947]/2019, p. 172). Rieux e Rodolfo parecem comungar de uma mesma perspectiva, ao não se calarem, expuseram narrativas que “põem em movimento uma ação entre os homens” (MARTINS, 2006, p. 217). Não à toa, *A fome* inicia com o capítulo “Êxodos”, que é um movimento de sobrevivências, mas também de esperanças.

fome, havia uma perspectiva ética na própria estética da escrita de seu livro; ao mostrar imagens Rodolfo coloca-se em uma posição ética de denúncia. No segundo tempo, supomos haver os efeitos do desengano e da descrença que o fizeram adentrar ao *Reino de Kiato*, seu livro de ficção onde a moral impera definitiva, onde as brechas e relampejos são ainda mais difíceis de serem encontrados.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao mirar os vestígios deixados por esse percurso, percebo que muitas questões foram sendo desenvolvidas e reelaboradas no próprio processo de escrita. Se as ferramentas de cada pesquisa não estão dadas previamente, tampouco é possível prever plenamente os caminhos que serão trilhados, mesmo em um trabalho acadêmico.

Em mãos tive um livro publicado no final do século XIX e que carrega as insígnias do sujeito moderno, calcado no racionalismo, no humanismo, no mecanicismo e na ruptura com o discurso religioso, assim como herdeiro explícito do positivismo comteano. Durante a leitura, vai se criando a dúvida se o contexto extremo em que o livro se ambienta é o que mais aprisiona os retirantes ou a própria perspectiva moralizadora. Apresentam-se personagens também enrijecidos moralmente, e as quebras são apresentadas quando o desenlace da fome atinge sua extremidade, o corpo mais uma vez se impõe, em destrutividade ou autoconservação.

Os traços testemunhais apontam para questões atuais, presentes na sociedade brasileira, entretanto, foi ficando evidente que a escrita literária que se pretende mimetismo da realidade apresenta uma contradição em si. Não seria compromisso da literatura oferecer perspectivas morais ou de verdade. Lanço mão da concepção de testemunho por compreender que essa foi a maneira encontrada por Rodolfo Teófilo para narrar uma história enredada em contexto de extrema precariedade.

A abordagem da psicanálise dessa contradição foi a de considerar que Rodolfo Teófilo também estaria tratando daquilo que foi impossível de ser dito, ou de ser escutado por uma época. Não apenas na perspectiva de um compromisso social (com o que ele efetivamente se preocupava), mas para além disso, de uma experiência de colocar-se como uma testemunha de outros e manifestar sua fome em expor suas palavras ao mundo. Assim, a escrita, sem dúvidas, foi um dos destinos subjetivos que encontrou.

O agravamento das condições de precariedade nestes anos de pandemia fez com que a leitura do texto de Rodolfo Teófilo parecesse se misturar com as manchetes dos jornais atuais: cenas de absoluto desamparo eram reproduzidas em ambos. Diante dessas imagens, tanto as formadas a partir das manchetes quanto as da obra literária, concordo com a proposição de Didi-Huberman (2020), quando afirma que cada época possui suas próprias condições de legibilidade.

A fome como um tema para a psicanálise, nesse sentido, não se restringe ao que foi abordado nesta dissertação, associada a eventos extremos de precariedade, mas ela aparece

nas escutas clínicas nos mais diversos âmbitos, nas descrições de casos clínicos, nos sintomas. Nesse sentido, é preciso refletir sobre o tabu envolvido nesse tema e as possibilidades e impossibilidades da escuta psicanalítica.

A atualidade e os restos da nossa história, que insistem em se presentificar na cultura brasileira, fizeram com que a leitura de Rodolfo Teófilo fosse, por vezes, difícil, e, paradoxalmente, mobilizadora. A obra literária *A fome* nos torna, enquanto leitores, testemunhas de seu tempo e seu espaço. Assim, o trabalho empreendido não foi a análise extensiva do texto, retomando com detalhes seus personagens e enredos. Em certo sentido, foi empreendida uma leitura-escuta. Tal empreendimento de pesquisa se deu na constante presença da obra, naquilo que ela contribuiu para a discussão psicanalítica, mas também na sua imponente presença enquanto experiência estética. O horizonte da pesquisa consistiu em mirar as brechas, quando a fome de palavra se impôs.

Uma escrita é sempre endereçada a alguém, leitores que vão além das propostas de escrita do próprio leitor. Vale dizer que é possível que o leitor, em meio as mais de 300 páginas, sendo impelido a ficar horrorizado com as passagens das cenas intranquilas, perceba-se paulatinamente, migrando a uma posição oposta, em um processo de anestesia. Anestesiarse diante dos efeitos do traumático, incutidos na obra de Rodolfo Teófilo, estaria no polo oposto da hiper-implicação⁵¹. Esta, considerando os elementos biográficos da vida do escritor, foi sua impreterível posição frente aos contextos extremos que presenciou e diante do seu processo de escrita e atuação na vida pública.

Ressalta-se que Rodolfo Teófilo, mesmo depois de sua morte, obteve reconhecimento público ou justiça por sua atuação. Conforme escreveu Lira Neto em março de 2021⁵²:

Derrubaram-lhe a casa – antiga sede do vacinogênio e das reuniões da célebre Padaria Espiritual, uma das mais originais agremiações literárias brasileiras – quebraram a placa com seu nome, tentaram apagá-lo inteiramente da memória coletiva.

Nessa perspectiva, faz parte do desmentido das experiências históricas, o apagamento da memória de Rodolfo Teófilo. Além disso, os restos das expressões do

⁵¹ Gebrim (2018), ao escrever sobre a posição de psicanalistas diante de contextos extremos, nomeou a hiper-implicação para se pensar os que acabam por encerrar-se no fascínio e no horror, de modo a orientar-se a partir dessa comoção.

⁵²Crônica publicada por Lira Neto, intitulada “O que teria a nos dizer Rodolfo Teófilo, um séulo após lutar contra o medo da vacina?”. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/opinioao/colunistas/lira-neto/o-que-teria-a-nos-dizer-rodolfo-teofilo-um-seculo-apos-lutar-contr-o-medo-da-vacina-1.3060423>. Acessada em: 25 jul. 2022.

traumático que estão presentes em sua obra, ainda pouco reconhecida regional e nacionalmente, mostram um apagamento menos rastreável que a material derrubada de uma casa. Há restos das catástrofes que Rodolfo Teófilo testemunhou, mas também há os restos de suas denúncias.

Demonstra um trabalho frente aos contextos extremos que presenciou, mas também frente ao encontro com o outro. Como discuti no segundo capítulo, foi um trabalho de testemunho, de estar ali, de escutar a dor do outro e de comunicar o horror que presenciou.

Assim como foi discutido no primeiro capítulo, não compreendo o traumático a partir apenas de uma dimensão individual. O encontro com a teoria de Ferenczi sobre o trauma, inicialmente, possibilitou pensar a maneira como a saída do silêncio das experiências traumáticas é importante para que se possa trabalhar com essas impressões ou lembranças, singular ou coletivamente.

Durante a escrita fui compreendendo que muitas discussões de Ferenczi, em sua traumatogênese, já estariam abrindo possibilidades para o pensamento sobre o trauma *intencional*, ao explicitar as relações de reconhecimento e de poder que estão em jogo na própria progressão traumática. Tais contribuições ferenczianas foram fundamentais para compreender e situar, desde a psicanálise, um pensamento sobre os efeitos do desenlace subjetivo que o trauma inflige. Afinal, não é o acontecimento por si só que é traumático. O que efetiva a situação traumática é a experiência que põe em dúvida o testemunho da vítima.

Para pensar a problemática da fome, foi importante trabalhar com a perspectiva da intencionalidade do trauma, na medida em que *para que haja fome, sempre precisa haver quem come demais, mesmo sem apetite*⁵³.

A retomada que Ferenczi empreendeu sobre o estatuto da realidade do trauma, originariamente na teoria inicial freudiana do trauma, possui função no próprio estabelecimento ou rompimento das relações intersubjetivas. Ferenczi deu ênfase aos processos intersubjetivos para o pensamento psicanalítico do trauma, tanto quanto da constituição das subjetividades em geral.

A sensibilidade ferencziana realça na psicanálise a possibilidade de que os afetos envolvidos na psicanálise (não apenas os dos pacientes) entrem em questão e façam circular as possibilidades de testemunho de travessias, sempre singulares. Por isso, não se trata de conceitualizar, muito menos patologizar a questão traumática envolvida na experiência da fome extrema, mas perceber as expressões desse traumático que, inspirados pelo que Ferenczi

⁵³ Kiffer (2021, p. 1)

fez com os pacientes limites em suas análises, isso reverbere na clínica e na cultura de modo geral.

Assim, o seu pensamento ressoou nesta pesquisa, especialmente sobre os traumas desestruturantes, para pensar o traumático, mas valeria abordar outros aspectos de sua obra que não foram explorados aqui. Assim, na traumatogênese ferencziana há um prenúncio de uma série de discussões contemporâneas sobre os efeitos disruptivos da colonização, da escravidão, da ditadura militar e das imposturas das relações de poder de modo geral. Desse modo, considero essa uma abertura de possibilidade de seguimento para as discussões iniciadas no primeiro capítulo desta dissertação.

Rodolfo Teófilo parecia saber que um sertão não se atravessa sozinho. Assim, ele atravessou, endereçando sua vasta obra como cartas a serem abertas por leitores convidados a serem testemunhas de seu testemunho, um esforço de partilha e coletivização que coloca o leitor a trabalho. Esta dissertação é a leitura de uma dessas cartas.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha**. São Paulo: Boitempo, 2008.

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 1999. p.9.

ANDRADE, Ana. B.; MELLO, Renata; HERZOG, Regina. Associatividade na clínica psicanalítica: sobre a técnica. *In: VERZTMAN, Júlio et al (org.). Sofrimentos Narcísicos*. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2012. Cap. 10. p. 229-250.

ANTONELLO, Diego Frichs. **Trauma, memória e figurabilidade na literatura de testemunho**. Curitiba: Appris, p. 179, 2020.

ANZIEU, Didier. **O eu-pele**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1989.

ARENDT, Hannah. **Homens em tempos sombrios**. São Paulo: Companhia das Letras.1987.

AZEVEDO, S. D. Rodolfo Teófilo e o valor à verdade. *In: Dez ensaios de literatura cearense*. Fortaleza: Edições UFC, 1985.

BENJAMIN, Walter. **Documentos de cultura. Documentos de barbárie**: escritos escolhidos. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1986.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. *In: Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012a.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. *In: Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012b.

BIRMAN, Joel. **O trauma na pandemia do coronavírus**: suas dimensões políticas, sociais, econômicas, ecológicas, culturais, éticas e científicas. Rio de Janeiro, José Olympio, 2020.

BOSI, Alfredo. A interpretação da obra literária. *In: Céu, inferno: ensaios de crítica literária e ideológica*. São Paulo: Duas cidades, 34 ed., 2003.

BUTLER, Judith. **Vida precária**: os poderes do luto e da violência. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

CAMINHA, Adolfo. **Cartas literárias**. Fortaleza: Edições UFC, p.114, 1999.

CAMUS, Albert (1947). **A peste**. Rio de Janeiro: Record, 2019.

CARDOSO, Marta Rezende. Das neuroses atuais às neuroses traumáticas: continuidade e ruptura. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. São Paulo, v. 14, n. 1, p. 70-82, março 2011.

CARUTH, Cathy. **Trauma**: explorations in memory. Baltimore and London: The John Hopkins University Press, 1995.

CASTRO, Josué de. **Geopolítica da fome**: ensaio sobre os problemas de alimentação e de população, v. I. São Paulo: Brasiliense, 1965.

CASTRO, Josué de. **Geografia da fome** (O dilema brasileiro: pão ou aço). 10. ed. São Paulo, Círculo do Livro, 1984.

DAUER, E. T. **A desnutrição e o transitivismo**: considerações psicanalíticas. 2015. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2015.

DE CERTEAU, Michel. **História e psicanálise**: entre ciência e ficção. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

DE SOÁREZ, Ednilo Gomes de. Rodolpho Teophilo: o polivalente polêmico. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, p. 197-237, 2009.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, e o que nos olha**. São Paulo: Editora 34. 2010.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **A sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. **Pós**. Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 204-219, nov. 2012.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante da imagem**: Questão colocada aos fins de uma história da arte. São Paulo: Editora 34 (Coleção TRANS), 2013.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Cascas**. São Paulo: Editora 34. 2017a.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Quando as imagens tomam posição**: o olho da história. Belo Horizonte: UFMG (Coleção Humanitas), 2017b.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Imagens apesar de tudo**. São Paulo: Editora 34 (Coleção trans). 2020.

ENDO, Paulo Cesar. O pensamento como margem, lacuna e falta. **Revista USP**, São Paulo, n. 98, p. 41-50, jun-jul-ago, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/69224/71688>. Acesso em: 30 ago. 2021.

FELMAN, Shoshana. Educação e Crise, ou as Vicissitudes do Ensinar. *In*: NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio. (org.). **Catástrofe e representação**: ensaios. São Paulo: Escuta, 2000.

FERENCZI, Sándor. Perspectiva da Psicanálise (1924). *In*: FERENCZI, S. **Obras completas**, vol. III. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FERENCZI, Sándor. A adaptação da família à criança (1927). *In*: FERENCZI, S. **Obras completas**, vol. IV. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FERENCZI, Sándor. Criança mal acolhida e sua pulsão de morte (1929). *In: FERENCZI, S. Obras completas*, vol. IV. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FERENCZI, Sándor. Elasticidade da técnica psicanalítica (1928). *In: Obras completas*, vol. IV. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FERENCZI, Sándor. Princípio de relaxamento e neocartase (1930). *In: FERENCZI, S. Obras completas*, vol. IV. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FERENCZI, Sándor. Análise de crianças com adultos (1931). *In: FERENCZI, S. Obras completas*, vol. IV. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FERENCZI, Sándor. Reflexões sobre o trauma (1932). *In: FERENCZI, S. Obras completas*, vol. IV. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FERENCZI, Sándor. **Diário clínico** (1932). São Paulo: Martins Fontes, 1990.

FERENCZI, Sándor. Confusão de língua entre o adulto e a criança (1933). *In: Obras completas*, vol. IV. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS (FAO); International Fund for Agricultural Development (IFAD); United Nations Children's Fund (UNICEF); World Food Programme (WFP); World Health Organization (WHO). **The State of Food Security and Nutrition in the World: Transforming food systems for food security, improved nutrition and affordable healthy diets for all.** Rome: FAO; 2021.

FRANÇA, Júlio. A categoria estética do grotesco e as poéticas realista; uma leitura de 'Violação' de Rodolfo Teófilo. *In: W ERKEMA, Andréa; OLIVEIRA, Ana Lúcia; SOARES, Marcus Vinicius (org.). Figurações do real: literatura brasileira em foco.* Belo Horizonte, MG: Relicário Edições. p. 219-235, 2017.

FREUD, Sigmund. Histeria. (1888) *In: Obras Completas de Sigmund Freud*, volume 2. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FREUD, Sigmund. Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: uma conferência. (1893). *In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. I.

FREUD, Sigmund. Estudos sobre a histeria. (1893-1895) *In: Obras Completas de Sigmund Freud*, volume 2. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FREUD, Sigmund. Rascunho E. (1894). *In: Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago Editora. v. I, p. 211-217. 1996.

FREUD, Sigmund. Projeto para uma psicologia científica. (1895) *In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. I. p. 333-454.

FREUD, Sigmund. Extratos de documentos dirigidos a Fliess, Carta 52. (1896) *In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1990, v. I.

FREUD, Sigmund. Lembranças encobridoras. (1899). *In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 3. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen (1907). **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**, vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância (1910). *In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, v. 11. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. Totem e tabu (1913). *In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. XIII, pp. 333-345. Rio de Janeiro: Imago. 1996.

FREUD, Sigmund. Recordar, repetir e elaborar (1914). *In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. (1915). Reflexões para os tempos de guerra e morte. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas** (Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago. 1996.

FREUD, Sigmund. Escritores Criativos e Devaneios (1908). *In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v. I, p. 133-143, 1996.

FREUD, Sigmund. Além do Princípio do Prazer. (1920) *In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XVIII, p. 17-89. 1996.

FREUD, Sigmund. Psicologia de grupo e análise do eu. (1921). *In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XVIII, pp. 79-156. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização (1930). **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, vol. 21 Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. Construções em análise. (1937) *In Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. Moisés e o Monoteísmo (1939). *In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XVIII, p. 17-89, 1996.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2009.

GALINDO, Eryka *et al.* Efeitos da pandemia na alimentação e na situação da segurança alimentar no Brasil. **Food for Justice Working Paper Series**, nº 4. Berlim: Food for Justice: Power, Politics, and Food Inequalities in a Bioeconomy. 2021.

GEBRIM, Ana C. C. **Psicanálise no front**: a posição do analista e as marcas do trauma na clínica com migrantes. 2018. Tese (Doutorado em Psicologia) Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

GONDAR, Jô. Ferenczi como pensador político. **Cad. psicanal.**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 27, p. 193-210, dez/2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952012000200011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 04 mar. 2021.

GONDAR, Jô. Ferenczi e o sonho. **Cad. psicanal.**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 29, p. 27-39, dez/2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952013000200002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 22 maio 2022.

GONDAR, Jô. O analista como testemunha. *In: Com Ferenczi*: Clínica, subjetivação, política. Rio de Janeiro: 7 letras, 2017.

GONDAR, Jô. Terror, imagem e subjetivação. **Lumina**, Juiz de Fora/UFJF, v.6, n.1/2, p. 15-30, jan./dez. 2003.

HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. **Revist Eco-Pós**, Rio de Janeiro/UFRJ. v. 3, n. 3, p. 12-33., nov., 2020.

INSTITUTO APPOA. **Por que uma clínica do testemunho?**: Clínicas do Testemunho RS e SC. Porto Alegre: Instituto APPOA, 304p, 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **POF 2017-2018**: proporção de domicílios com segurança alimentar fica abaixo do resultado de 2004. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/28896-pof-2017-2018-proporcao-de-domicilios-com-seguranca-alimentar-fica-abaixo-do-resultado-de-2004>. Acesso em: 20 set. 2020.

JESUS, Carolina Maria de. **O quarto de despejo**: diário de uma favelada (1960). São Paulo: Ática, 2014.

KANT, Immanuel. **Textos seletos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

KIFFER, Ana. Brasil: notas de um retorno ao país da fome. Tradução de Gabriel Martins da Silva. **Alter**: Revista de Filosofia e Cultura, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 135-138, nov. 2021.

KNOBLOCH, Felícia. **O tempo do traumático**. São Paulo: EDUC, 1998.

KOLTAI, Caterina. Entre psicanálise e história: o testemunho. **Psicol. USP**, v. 27, n. 1, p. 24-30, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-6564D20150009>. Acesso em: 05 maio 2022.

KUPERMANN, Daniel. **Estilos do cuidado**: a psicanálise e o traumático. São Paulo: Zagodoni, 2017.

KUPERMANN, Daniel. **Por que Ferenczi?**. São Paulo: Zagodoni, 2019.

LEJARRAGA, Ana Lila. Clínica do trauma em Ferenczi e Winnicott. *Nat. hum.* [online]., vol. 10, n. 2, p. 115-147, 2008.

LEVI, Primo. **É isto um homem?** Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

LORENZ, Gunter. Diálogo com Guimarães Rosa. *In: COUTINHO, Eduardo (org.).* **Guimarães Rosa: fortuna crítica**, p. 62-97. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

LOUREIRO, Ines R. B. **O carvalho e o pinheiro: Freud e o estilo romântico.** São Paulo: Escuta/FAPESP, 2002.

MACÉ, Marielle. **Siderar, considerar: migrantes, formas de vida.** Rio de Janeiro, RJ: Bazar do Tempo.

MARTINS, K. P. H (org.). **Profetas da chuva.** Fortaleza: Tempo d'Imagem, 2006.

MARTINS, K. P. H. **Saúde mental e constituição psíquica: contribuições da psicanálise.** Projeto de pesquisa apresentado ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, 2012.

MARTINS, K. P. H. **Sertão e melancolia: espaços e fronteiras.** Curitiba: Editora Appris, 2014.

MARTINS, K. P. H. **Estudos sobre os impasses na relação mãe-bebê no contexto de vulnerabilidade social: contribuições psicanalíticas à clínica da primeira infância.** São Paulo: Universidade de São Paulo, Projeto de Pós-Doutorado em Psicologia Clínica, 2016.

MARTINS, K. P. H; *et al.* Vulnerabilidades em contexto de pandemia: o racismo e a fome como efeitos de segregação. *In: João Paulo Pereira Barros et al. (org.).* **Psicologia e pandemia de Covid-19 no Brasil: diálogos sobre educação, saúde, ciência e sociedade.** 1ed. Sobral: Edições UVA, v. 1, p. 173-186, 2022.

MARTINS, K. P. H. *et al.* Um sorriso amarelo: A Sombra da Mãe Morta e os Impasses nos Processos Primários de Identificação. *In: KUPERMANN, Daniel; PAULA, Karin de.* **Atendimento psicanalítico da depressão.** 1ª ed. São Paulo: Zagodoni, 2020.

MARTINS, K. P. H.; GOMES, C. et al. Infância e privação: a fome, o silêncio e a vontade de viver. *In: PINHEIRO, C; CARVALHO, J; SILVA, M. F. (org.).* **Estudos psicanalíticos na clínica e no social.** Fortaleza: Imprensa universitária, 2011, p. 79-97.

MARTINS, K. P. H.; GOMES, C. Amor materno, fome e reconhecimento social. *In: VILHENA, J. (org.)* **Corpo para que te quero? Usos, abusos e desusos.** vol. 1. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2012.

MARTINS, K. P. H.; KUPERMANN, Daniel. Fome: o umbral da vergonha. **Trivium**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 199-209, dez. 2017.

MARTINS, K. P. H.; PINHEIRO, Teresa. O texto imagético: parnasianismo e experiência analítica. *In: LO BIANCO, A. C. (org.).* **Formações teóricas da clínica.** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2001, p. 57-72.

MARTINS, K. P. H.; RABÊLO, F. C.; DIAS, R. R.; BASSO, S. A recusa da denegação da fome na obra de Rodolfo Teófilo: uma leitura psicanalítica. **Revista Acta Scientiarum. Language and Culture**. São paulo, v. 43, p. 1-9, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/57178/751375153110>. Acesso em: 08 dez. 2021.

MARTINS, K. P. H.; VILHENA, J. Para além da alimentação: um olhar psicanalítico sobre as políticas públicas na primeira infância. *In*: WINOGRAD, M; VILHENA, J. (org.). **Psicanálise e clínica ampliada**: multiversos. Curitiba: Appris, 2014, p. 37-56.

MEZAN, Renato. **Freud, pensador da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

MOISES, M. **História da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, v. II, 2001.

MORAES, Adriana. P. **As cruzadas de um morto vivo**: Estudos sobre os romances de Rodolfo Teófilo. 2020. Dissertação (Mestrado em Letras e Ciências Humanas) – Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira, Universidade de São Paulo. São Paulo. 2020.

NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio. (org.). **Catástrofe e representação**: ensaios. São Paulo: Escuta, 2000.

NESTROVSKI, Arthur. Vozes de crianças. *In*: NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio. (org.). **Catástrofe e representação**: ensaios. São Paulo: Escuta, 2000.

NETO, Lira. **O poder e a peste**: a vida de Rodolfo Teófilo. Fortaleza: Demócrito Rocha, 1999.

NEVES, B. S. C. **Indicadores Clínicos de Risco para o Desenvolvimento Infantil**: uma compreensão psicanalítica da relação entre a mãe e o bebê em situação de pobreza e vulnerabilidade social. 2021. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Programa de Pós-graduação em Saúde Pública, Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021.

NEVES, F. D. C. A miséria na literatura: José do Patrocínio e a seca de 1878 no Ceará. **Revista Tempo**, São Paulo, v. 11, n. 22, p. 80-97. 2006.

OSMO, Alan. **O testemunho de Maryan**: limites e possibilidades na expressão do trauma. 2016. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

PEREIRA, Lúcia Miguel. (1950) **História da Literatura Brasileira**: prosa de ficção (1870 a 1920). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

PINGALI, Prabhu. Green Revolution: Impacts, Limits, and the Path Ahead. **Proceedings of the National Academy of Science**. Washington, v. 109, n. 31, 2012.

PINHEIRO, Charles Ribeiro. **Rodolpho Teophilo**: a construção de um romancista. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: UFC, 2011.

PINHEIRO, Teresa. **Trauma ou melancolia**. São Paulo: Percurso. n. 10, p. 50-55, 1993.

PINHEIRO, Teresa. **Ferenczi: do grito à palavra**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar: Ed. UFRJ, 1995.

PONTES, Reinaldo Nobre. A evolução do combate à pobreza no Brasil e o papel do Fome Zero. *In*: BETTO, Frei (org.). **Fome Zero: Textos Fundamentais**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

REDE BRASILEIRA DE PESQUISA EM SOBERANIA E SEGURANÇA ALIMENTAR – PENSSAN. **II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da COVID-19 no Brasil** [livro eletrônico]: II VIGISAN: relatório final. São Paulo, SP: Fundação Friedrich Ebert: Rede PENSSAN, 2022.

REIS, Eliana Schueler; GONDAR, Jô. **Com Ferenczi: Clínica, subjetivação, política**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2017.

REIS, Eliana Schueler. Transmissão transgeracional – subjetivação do trauma coletivo. **Primórdios**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 6, p. 45-66, 2019.

RIOS, Kênia Sousa. **Isolamento e poder: Fortaleza e os campos de concentração na seca de 1932**. E-book. Fortaleza: Imprensa Universitária, p. 144, 2014. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/10380>. Acesso em: 10 de set de 2021.

RIVERA, Tania. **Arte e psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

RIVERA, Tania. A importância de Freud para a arte e a literatura. *In*: KUPERMANN, Daniel (org.). **Por que Freud hoje?** São Paulo: Zagodoni, 2017. Cap. 12. 231-242.

ROISIN, Jacques, *et al.* **Sous le signe du clivage**. Paris: Dunod, 2015.

ROSA, M. D. **A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento**. São Paulo: Escuta, 2016.

SAGLIO-YATZIMIRSKY, Marie-C. Do relatório ao relato, da alienação ao sujeito: a experiência de uma prática clínica com refugiados em uma instituição de saúde. **Psicol. USP**. São Paulo, v. 26, n. 2, p. 175-185, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-6564D20140016>. Acesso em: 06 dez. 2021.

SARLO, Beatriz. **Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Grande Sertão: veredas como gesto testemunhal e confessional. **Alea**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 130-147, 2009.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **História, Memória, Literatura: o Testemunho da era das catástrofes**. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos das catástrofes históricas. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008.

SIMÃO, Gabriela M. “**Esse menino não larga do peito, como é que vai falar?**”: desnutrição, estabelecimento da demanda e aquisição da fala. 2017. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza. 2017.

SINGER, Merill *et al.* Syndemics and the biosocial conception of health. **The Lancet**, 389 (10.072): 941-950, 2017. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(17\)30003-X/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(17)30003-X/fulltext). Acesso em: 11 ago. 2021.

SLAVUTZKY, Abrão; SOUSA, Edson. L. A. **Imaginar o amanhã**: ensaios e crônicas. Porto Alegre: Diadorim, 2021.

SOMBRA, Waldy. **Rodolfo Teófilo**: o varão benemérito da pátria. Fortaleza: Prefeitura de Maracanaú, 1997.

SOUZA, Edson Luiz André de. Atravessar desertos – psicanálise e utopia. **Psicol. clin.**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 23-30, 2017.

SOUZA, Ricardo Timm de. O delírio da solidão sobre o assassinio e o fracasso original. **Veritas**, Porto Alegre, v. 44, n. 2, p. 375-390, 1999.

SZYMBORSKA, Wislawa. **Um amor feliz**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

TEIXEIRA, I. F. **Trauma, angústia e desautorização nos dispositivos de saúde materno-infantil em contextos de vulnerabilidade social**: contribuições clínico-políticas da psicanálise. 2019. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza. 2019.

TEÓFILO, Rodolfo (1890). **A fome**. São Paulo: Tordesilhas, 2011.

TEÓFILO, Rodolfo (1890). **A fome**: Violação. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

TEÓFILO, Rodolfo. **Seccas do Ceará** (segunda metade do século XIX). Fortaleza: Atelier Louis, 1901.

TEÓFILO, Rodolfo. **Reino de Kiato**. São Paulo: Monteiro Lobato & Co., 1922.

TEÓFILO, Rodolfo (1904). **Variola e vacinação no Ceará**. Ed. fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997.

VIGNAR, Marcelo. Especificidade da tortura como trauma. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 32, n. 1, 2005.

ZALTZMAN, Nathalie. **A pulsão anarquista**. São Paulo: Escuta, 1994.